

Universidade do Algarve

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Escola Superior de Educação

ANEXOS

Perspectivas de professoras do 1º Ciclo do Ensino Básico sobre o currículo

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação
(Ensino Básico)

Maria Susel Pereira Gaspar

Orientação de: **Prof. Doutor José Alberto Gonçalves**

Faro
2003

Nota de apresentação

Este volume complementa a Dissertação intitulada “Perspectivas de professoras do 1º Ciclo do Ensino Básico sobre o currículo”, cujo objectivo, tal como já foi referido no primeiro volume, é o de conhecer as perspectivas de professoras do 1º Ciclo do Ensino Básico sobre o currículo e o papel que as mesmas desempenham na sua construção e gestão, ao longo das etapas da respectiva carreira.

A finalidade principal deste segundo volume é documentar os diferentes procedimentos metodológicos do estudo, nele figurando diversos anexos, que na página seguinte se listam e cuja ordem respeita a sequência do percurso metodológico seguido, desde a fase de caracterização do grupo de professoras envolvido no presente trabalho até às diferentes etapas de análise de conteúdo a que foram sujeitas as entrevistas realizadas.

De assinalar que por razões de confidencialidade, os nomes das professoras que tiveram a amabilidade de colaborar neste trabalho foram substituídos por um código constituído por uma letra (A a E) e um número (1 a 3), correspondendo a primeira a cada uma das etapas da carreira, de acordo com o modelo definido por Gonçalves (1992; 2000), e o número à ordem pela qual foram efectuadas as entrevistas, em relação a cada etapa.

Refira-se, ainda, que, dado o grande volume de informação resultante da análise de conteúdo das entrevistas, apenas se apresentam, quanto a esta e a título exemplificativo, os documentos respeitantes a uma das entrevistas realizadas.

Lista de anexos

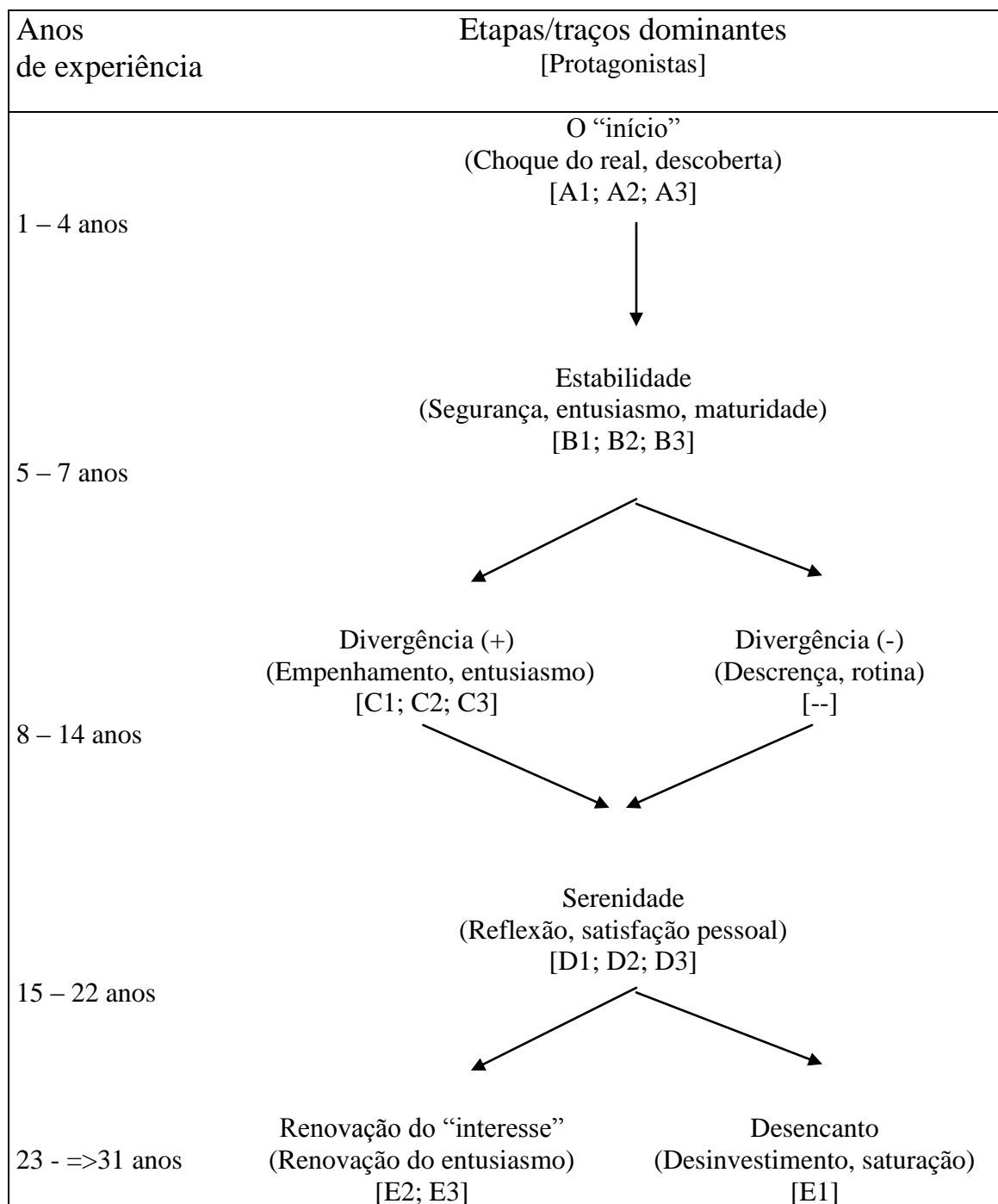
Anexo I - Situação das protagonistas face às etapas da carreira	03
Anexo II - Guião das Entrevistas	05
Anexo III - Tratamento das entrevistas	07
♦ Anexo III-1 – Protocolo da entrevista D1	08
♦ Anexo III-2 – Primeiro tratamento da entrevista D1	34
♦ Anexo III-3 – Pré-categorização da entrevista D1	47
♦ Anexo III-4 – Categorização das unidades de significação da entrevista D1	70
Anexo IV - Quadros gerais de comparação de dados	118
♦ Anexo IV-1 – Quadro geral de comparação de dados - Formação contínua	119
♦ Anexo IV-2 – Quadro geral de comparação de dados - Experiências mais significativas do percurso profissional	120
♦ Anexo IV-3 – Quadro geral de comparação de dados - Prática curricular	121
♦ Anexo IV-4 – Quadro geral de comparação de dados - Envolvimento na Reorganização Curricular (Dec.-Lei n.º 6/2001)	125
♦ Anexo IV-5 – Quadro geral de comparação de dados - Práticas de avaliação curricular	128
♦ Anexo IV-6 – Quadro geral de comparação de dados - Dificuldades/Problemas sentidos	130
♦ Anexo IV-7 – Quadro geral de comparação de dados - Facilidades sentidas	133
♦ Anexo IV-8 – Quadro geral de comparação de dados - Evolução da perspectiva curricular ao longo da carreira	135
Anexo V - Quadros de resumo dos dados	137
♦ Anexo V-1 – Quadro geral de comparação de dados - Formação contínua	138
♦ Anexo V-2 – Quadro geral de comparação de dados - Experiências mais significativas do percurso profissional	139
♦ Anexo V-3 – Quadro geral de comparação de dados - Prática curricular	140
♦ Anexo V-4 – Quadro geral de comparação de dados - Envolvimento na Reorganização Curricular (Dec.-Lei n.º 6/2001)	141
♦ Anexo V-5 – Quadro geral de comparação de dados - Práticas de avaliação curricular	142
♦ Anexo V-6 – Quadro geral de comparação de dados - Dificuldades/Problemas sentidos	143
♦ Anexo V-7 – Quadro geral de comparação de dados - Facilidades sentidas	144
♦ Anexo V-8 – Quadro geral de comparação de dados - Evolução da perspectiva curricular ao longo da carreira	145

Anexo I

Situação das protagonistas face às etapas da carreira

Situação das protagonistas face às etapas da carreira

- De acordo com o modelo definido por Gonçalves (2000) -



Anexo II

Guião das Entrevistas

Guião das entrevistas

Tema: O currículo do 1º ciclo do Ensino Básico.

Objectivo Geral: Conhecer as perspectivas de professoras do 1º ciclo do Ensino Básico sobre o currículo.

Identificação dos Blocos	Objectivos	Formulário de questões	Observações Tempo previsto
.Legitimação da entrevista .Motivação da entrevistada	.Legitimar a entrevista. .Motivar a entrevistada.	Informar a entrevistada sobre: - o tema e o objectivo geral da entrevista; - a confidencialidade das declarações prestadas; - a garantia do anonimato da entrevista; . Pedir autorização para gravar em áudio; . Pedir a sua colaboração, referindo a importância da entrevista; .Informar sobre a intenção de partilhar as conclusões.	Tempo previsto: 3 min.
.Percurso profissional da entrevistada	.Identificar a sua situação profissional. .Conhecer o seu percurso profissional.	Solicitar alguns dados de carácter biográfico: sexo, idade, tempo de serviço, etc.; .Saber acerca: - da formação inicial e contínua da entrevistada; - da sua experiência profissional; - funções desempenhadas; - do seu envolvimento em projectos que se revelaram estimulantes; - da sua participação em projectos inovadores.	Tempo previsto 15 min.
.Práticas curriculares da entrevistada	.Conhecer a sua liderança curricular.	Saber da importância atribuída: - ao seu papel no desenvolvimento curricular; - ao papel dos alunos na parceria curricular; - a outros parceiros curriculares; - às diversas componentes curriculares.	Tempo previsto 10 min.
	.Conhecer as suas práticas curriculares.	Solicitar para indicar as práticas educativas mais significativas concebidas ao nível da escola/turma ao nível: - dos elementos do currículo (objectivos, conteúdos, estratégias, avaliação dos alunos, etc.); - das condições organizativas (agrupamento de alunos, gestão do tempo, espaços educativos, materiais didácticos, etc.); .Indagar sobre as práticas de avaliação curricular (o conceito de avaliação; critérios e indicadores usados; metodologias e instrumentos utilizados; intervenientes; periodicidade).	Tempo previsto 15 min.
	.Desocultar sentimentos e crenças relativamente ao seu entendimento acerca da flexibilidade curricular praticada.	Questionar acerca do que pensam sobre as práticas consideradas como mais flexíveis em relação a: - sua necessidade; - sua aceitação na comunidade educativa, etc.	Tempo previsto 5 min.
.Reflexão acerca das práticas curriculares	.Determinar a sua motivação para a mudança, no sentido de uma prática curricular mais flexível.	Questionar acerca da necessidade de tomar decisões ao nível da sua escola/turma, no tocante a: - grandes opções; - aprendizagens; - metodologias; - condições organizacionais, - avaliação do resultado das decisões tomadas.	Tempo previsto 5 min.
	.Conhecer as expectativas das entrevistadas acerca da reorganização do Ensino Básico em curso.	Questionar acerca: - da importância atribuída à formulação nacional de competências essenciais (transversais e das diversas áreas) e de experiências educativas; - da necessidade de elaboração de um projecto curricular de turma; - oportunidade das novas áreas não disciplinares (estudo acompanhado; área de projecto; formação cívica).	Tempo previsto 15 min.
	.Compreender quais as condições organizacionais (formais e não formais) que promovem práticas curriculares mais flexíveis.	Indagar acerca: - das diversas condições organizacionais em que esteve envolvida e relacioná-las com a sua maior ou menor predisposição para a concretização de práticas concebidas ao nível da escola. - de constrangimentos ou estímulos para a concretização dessas práticas.	Tempo previsto 10 min.
	.Identificar o seu posicionamento em relação à avaliação curricular praticada.	Questionar acerca da importância atribuída aos processos de avaliação curricular em que tem participado.	Tempo previsto 5 min.
.Perspectivas sobre o currículo ao longo da carreira	.Conhecer as perspectivas das entrevistadas sobre o currículo ao longo do seu percurso profissional.	Questionar acerca do modo como sentiu e viveu as questões curriculares – e as suas mudanças – ao longo da carreira (com explicitação de momentos significativos).	Tempo previsto 15 min.

Anexo III*

Tratamento das entrevistas

* Este anexo pretende ilustrar todo o processo de tratamento a que foram sujeitas as entrevistas:

- Protocolo;
- Primeiro tratamento;
- Pré-categorização;
- Categorização.

Dada a grandeza do número de páginas correspondente a todo o processo de tratamento das entrevistas, optámos por fazer figurar somente um registo, escolhido de modo aleatório (sujeito D1), das diferentes fases relativas ao tratamento das entrevistas.

Protocolo da Entrevista D1

(22.11.2001; Local: na sala de aula da professora entrevistada)

Entrevistada (Ent.) – Mais uma vez muito obrigada por se ter disposto a ter esta conversa...

1º sujeito entrevistado da etapa D (D1) – De nada...

Ent. – Posso perguntar a idade?

(risos)

D1 – 39.

Ent. – Tem o curso do Magistério...

D1 – Sim, fiz o Magistério em (...)

Ent. – E sei que este ano iniciou um Complemento de Formação...

D1 – É verdade, estou a fazer em (...)

Ent. – E tem estado sempre aqui no concelho de Mértola?

D1 – Não, os meus primeiros três anos foram no concelho de (...), em (...)

Ent. – Uma zona rural...

D1 – Uma aldeia, portanto... uma zona rural, mas éramos duas colegas, havia dois lugares e um jardim de infância... E nessa altura fiquei três anos porque havia a lei da recondução e como tal, pronto... beneficiei porque era no início de carreira... Na altura trabalhava com a 2ª fase, era dividido por fases...

Ent. – Quanto tempo é que tem de serviço? Começou a trabalhar em que ano?

D1 – Já estou no décimo sétimo... Eu comecei a trabalhar em 84... Dia 1 de Outubro de 84 e fiquei três anos com 3º e 4º anos...

Ent. – Nessa altura existia o sistema de fases?

D1 – Pois... o 1º e 2º anos constituíam a 1ª fase; 3º e 4º, a 2ª... Quando fui havia uma colega efectiva que optava sempre pela 1ª fase e eu como ia de novo limitava-me a ficar com o que a colega não quisesse. Fiquei sempre com 3º e 4º... três anos.

Ent. – E depois?

D1 – Depois vim para o concelho de Mértola...

Ent. – Tem estado sempre em meio rural... em escolas pequenas?

D1 – Sempre em escolas pequenas. Estive na (...), dois anos; estive em (...), dez e é o terceiro que estou nesta. (...) é uma escola que tinha 18 meninos de quatro anos.

Ent. – E agora tem muito menos?

D1 – E agora, portanto... estive lá dez anos... estive dez anos em (...), iniciei com 18 alunos e deixei uma matriculada... Em dez anos teve um decréscimo de dezoito para um!

Ent. – Como é que tem vivido isso? O decréscimo de alunos...

D1 – Este decréscimo, pronto... é sempre complicado, mas... podemos superar um bocadinho o isolamento na medida em que foram criadas estas condições de juntá-los para actividades... a Ludoteca¹, a Educação Física²... em que nos juntamos sempre quinzenalmente...

Ent. – Essas actividades têm vindo a intensificar-se?

D1 – Estas actividades... a Ludoteca tem cerca de nove anos e agora a natação³... a piscina, dois...

Ent. – A natação é mais recente...

D1 – Mais recente... E então isso tem feito com que haja menos isolamento, embora as turmas sejam reduzidas... Mas é diferente, numa turma com... poucos alunos... o espírito de equipa, a cooperação...

Ent. – Falha isso tudo...

D1 – Falha, isso falha... É preciso muita vontade para não se cair um bocadinho em desânimo...

Ent. – Tem sido sempre titular de turma?

D1 – Sempre titular de turma.

Ent. – E tem feito acções de formação, não tem?

D1 – Sempre. Faço sempre acumulação de créditos...

(risos)

D1 – Pronto... quando qualquer tema me interessa, costumo ir... Freqüente bastantes...

Ent. – Há alguma que tenha sido mais significativa para a sua prática?

D1 – Houve uma, a primeira que foi pelo Centro de Formação...

Ent. – Pelo sistema FOCO?

D1 – Sim, pelo sistema FOCO... Foi uma oficina de formação que eu gostei muito. Portanto... o trabalho era mesmo sobre as escolas rurais... os problemas, como é que solucionávamos esses problemas, depois havia troca de experiências entre os grupos e para mim foi uma acção que teve algum valor.

Ent. – O facto de ser na modalidade de oficina também ajudou, não?

D1 – Sim, assim em oficina foi muito mais tempo e foi um trabalho mais de pesquisa, de levantamentos, depois de experiências que cada um tinha... na sua turma... Depois fez-se a apresentação em grande grupo... Foi uma acção que eu gostei, foi a primeira mas que teve um balanço positivo...

Ent. – Sim, foi uma acção que a marcou?

D1 – Que marcou... Depois há outras que se vai porque se precisa de créditos... às vezes até o tema não interessa muito... Depois houve duas de Matemática que... que gostei e de... de trabalhos manuais que também gostei...

¹ As actividades da Ludoteca Itinerante, da Santa Casa da Misericórdia de Mértola, decorrem, com o apoio de uma professora destacada, numa escola, onde se juntam várias pequenas turmas.

² Actividade realizada numa escola, onde se reúnem várias turmas pequenas de escolas próximas, com o apoio de um professor disponibilizado pela Câmara Municipal.

³ Actividade efectuada, nas piscinas da vila de Mértola, onde se reúnem várias escolas próximas geograficamente.

Ent. – Acha que tiveram influência na sua prática?

D1 – Sim, na prática. Porque trazia qualquer coisa para fazer com os meninos, nomeadamente essas de... de pintura... Houve uma em que era a pintura em materiais vítreos, outras era sobre cerâmica... Portanto, foram coisas que nós depois fazíamos na sala... Depois há aquelas... que se frequenta, às vezes é porque se precisa...

Ent. – ... e que passam mais ao lado...

D1 – Exactamente...

Ent. – Sei que está a fazer um complemento de formação... começou este ano... O que é que a motivou a fazer?

D1 – O que é que me motivou a fazer? (*pausa*) Pronto, por um lado... se calhar um desejo pessoal que tinha... Há dezassete anos a pessoa escolheu professor do 1º ciclo, saiu, tudo bem... Depois com a continuação começou já... a licenciatura... Depois a pessoa pensa “se calhar vão obrigar e não sei quantos...” E a pessoa que é responsável começa a pensar “olha, se calhar até fico em pé de desigualdade e... sou nova, vou tentar... se a maioria faz... ainda me falta tanto tempo, tenho a carreira a metade... pronto, vou...” E fui, mas é complicado...

Ent. – Porque é longe?

D1 – Porque estou a fazer em Lisboa... Muitas vezes a vida familiar é muito, muito afectada... os sábados, uma pessoa vai de madrugada, volta de madrugada, são quase vinte e quatro horas fora... É muito cansaço para quem trabalha, mas ao mesmo tempo, é uma opção minha, e quando nós estamos a fazer uma coisa que é de uma opção nossa, isso dá-nos mais prazer...

Ent. – Já lhe trouxe algum benefício em termos da sua prática?

D1 – Não, nada, nada... Tenho tido alguma decepção. Porque nas cadeiras... pelo menos as cinco que tenho agora, à excepção das tecnologias, portanto... das aulas de computador, que é uma coisa que nós aproveitamos quando chegamos à escola... não vi nada que me possa ajudar... Acho que são muito teóricas... Por exemplo, temos uma cadeira que é química, mas é uma química de 12º ano, portanto, que não vai... vai muito para além das experiências... portanto, a cadeira é ciências experimentais... Quanto a mim devia ser fazer uns exercíciuzinhos, mas depois uma parte só com experiências... mas até agora nada! Pronto, é como digo, neste momento a minha decepção é bastante acentuada, em relação ao complemento de formação... Não quer dizer que as coisas não se vão recompondo, não vão tomando a sua lógica, que seja eu que não esteja no contexto...

Ent. – Mas de qualquer maneira, tem os trabalhos de grupos, onde acaba por haver alguma troca de experiências, há leituras que é levada a fazer...

D1 – Exactamente... esses trabalhos de grupo acabam por ser sempre positivos porque antes de começar a trabalhar falou-se da aula e dos meninos e dos nossos problemas “ai, mas olha eu fiz assim...” e acaba por uma coisa beneficiar a outra... Mas espero que o Complemento também sirva, para além da progressão na carreira, porque isso faz falta... mas também sirva para qualquer

coisa... mais em termos de prática, porque se nós somos profissionais... e espero que no fim tenha uma ideia diferente...

(risos)

Ent. – Ao longo do seu percurso... de trabalho, quer destacar alguma experiência ou projectos... ou actividades que tenha desenvolvido... em termos da sua prática que tenha gostado... por achar que foram significativas para si e para os seus alunos?

D1 – Sim... Pronto... eu tenho participado... o primeiro projecto, acho que se pode chamar projecto, em que nós estivemos envolvidos... e isto há... foi para aí no meu segundo ano...

Ent. – Quando diz nós... professores...?

D1 – Nós, professores do 1º ciclo... E penso que foi... qualquer coisa de realce, foi a Feira das Escolas⁴, um projecto que eu vivi pela primeira vez no concelho de (...), e que depois teve seguimento em Mértola, durante seis, sete anos, salvo erro...

Ent. – Esse projecto foi lançado por quem?

D1 – Esse projecto foi lançado pelo inspector (...) que faleceu recentemente...

Ent. – No âmbito das actividades da inspecção?

D1 – No âmbito das actividades da inspecção... quer dizer... eu penso que aquilo era um sonho, porque na altura que eu fiz o Magistério, ele era director no Magistério, dava-nos ciências... Ele era uma pessoa com muitos sonhos, com ideais... Às vezes, não conseguia era levar as pessoas a porem em prática... porque, às vezes, aquilo era mesmo um sonho... Ele, às vezes, não conseguia... passar para a prática aquilo que queria na ideia dele... Depois foi para a inspecção e começou... a visitar as pessoas, numa forma não de inspecionar a nível administrativo, mas dar apoio... dizendo que as pessoas faziam coisas tão bonitas nas suas salas que ficavam escondidas, que ninguém via... E então... ele queria levar isso para a comunidade... Foi a primeira pessoa que trouxe a comunidade... quer a comunidade à escola, quer a escola à comunidade... e então fez-se esse projecto...

Ent. – Marcou-a esse tempo?

D1 – Marcou, sem dúvida... Depois... claro... foi um projecto que se repetiu muitos anos e havia... depois... qualquer coisa que já desagradava um bocadinho...

Ent. – Teve o seu desgaste, não é?

D1 – Teve o seu desgaste, como tudo o que se vai repetindo... pode-se enriquecer mas também há partes em que há desgastes... As pessoas não lhe deram a volta como devia ser, caiu-se muito na...

Ent. – ... na rotina...

D1 – Na rotina e morreu... Morreu o nome Feira das Escolas, mas... em parte coisas que se fazem, como no final de ano, as exposições que se fazem... é um bocadinho desse espírito que ficou...

⁴ Encontro anual, realizado na vila de Mértola, onde as escolas do concelho expunham os seus trabalhos mais significativos realizados ao longo do ano e onde também existia venda de produtos construídos pelos alunos e algum artesanato feito pelos seus familiares.

porque foram alguns anos...

Ent. – Já não é a primeira colega que faz referência à Feira das Escolas... Como é que era todo o trabalho, em torno... dessa iniciativa?

D1 – Aquilo era assim: nós tínhamos... pronto, o nosso plano pedagógico, era traçado em Conselho Escolar... na altura era o nosso projecto. E então faziam-se trabalhos que iam ao encontro daquele projecto, como nós fazemos hoje... Depois... no final do ano, havia uma exposição concelhia... Portanto, cada pessoa levava...

Ent. – ... o que de melhor tinha feito...

D1 – ... o que de melhor tinha feito, mas era um trabalho de um ano... Ia-se fazendo, fazendo e levava-se... cada escola tinha o seu cantinho... na exposição... fazia-se assim... Depois havia também a parte da comunidade, em que as pessoas ofereciam às vezes artesanato... coisas que sabiam fazer e davam o seu contributo para aquela... a escola da sua terra também estar representada com artesanato da localidade... e esse artesanato era vendido. Havia a parte da exposição, não é? E depois havia, pronto... a parte da venda que revertia a favor... da escola, era um apoio financeiro... o dinheiro que se fazia...

Ent. – E todas as escolas tomavam contacto com o que as outras tinham feito?

D1 – Tomavam contacto.... sim... Havia a troca de experiências...

Ent. – Havia essa partilha...

D1 – Havia a partilha... Aliás, havia sempre, no final, um momento de reflexão... os professores, a inspecção, a delegação escolar na altura... e então fazia-se... “olha, eu fiz isto de positivo... achei que aconteceu isto, devia ter feito assim porque, se calhar, foi negativo ter seguido esta estratégia...” Enfim... (*ar nostálgico*)

Ent. – Fazia-se a avaliação...

D1 – Fazia-se a avaliação do trabalho, sim...

Ent. – Essa iniciativa, esse projecto da Feira das Escolas, como já me disse, acabou por finalizar com o tempo... mas... acha que esse espírito de equipa e de partilha tem sido continuado noutro tipo de coisas? Ou não... Como é que tem sido?

D1 – Sim, penso que ficou... Se calhar... porque até aí as pessoas trabalhavam de um modo mais individual, não é? Pronto, na altura não havia... não havia aquela motivação, pronto, fazia-se, ficava ali... E então com a Feira das Escolas começou-se a mostrar aos outros... a fazer-se e a pôr na parede... Há dezassete anos atrás... quando comecei... não se expunha, pronto... o que se fazia não se expunha.... E nessa altura, portanto... havia aquele entusiasmo, aquele realce por expor, para mostrar... Isso continua, pronto... a aparecer noutros projectos que... A imagem disso é sempre mostrar aos outros aquilo que se faz... nos Projectos da Associação⁵ que tenho aderido sempre, do Clube Náutico⁶... O ano passado participei num projecto do I.C.E.⁷ sobre escolas

⁵ Associação de Defesa do Património de Mértola.

⁶ Clube sediado na vila de Mértola; desenvolve actividades de carácter desportivo ligadas ao rio Guadiana.

rurais ou escolas isoladas e estou novamente este ano... Pronto, é um projecto em que... é engraçado, faz-se sempre um dia chamado o Dia Diferente, mensalmente ou de dois em dois meses... Os meninos mostram aos outros meninos, pronto... e à comunidade em geral o trabalho que têm feito na sua sala, qualquer trabalho que se ache justificativo para aquele dia... Depois há sempre um convívio com os de mais idade... Cada vez é uma escola hospedeira, cada um desses dias é uma das escolas envolvidas no projecto que recebe as outras... E aí faz os seus convites à comunidade, se houver um artesão, se houver... pronto, alguém que possa mostrar qualquer coisa de importante aos meninos e essa pessoa vem... depois há um lanche partilhado, enfim, é um convívio...

Ent. – Sempre com esse espírito de partilha...

D1 – Sempre com esse espírito de partilha... E este projecto dá créditos... portanto, um crédito, por cada ano...

Ent. – É uma Oficina de Formação?

D1 – É considerado Oficina, sim... porque depois há uma parte também, portanto... entre os docentes e vem alguém do I.C.E. dar formação... e depois há seguimento com as crianças na escola...

Ent. – Nesses encontros entre as escolas, para além das actividades que já referiu... relacionadas com pessoas da comunidade... que outro tipo de actividades é que as crianças desenvolvem?

D1 – Sim... podem fazer-se, por exemplo, *ateliers*... no Dia Diferente... pintura, barro...

Ent. – Actividades relacionadas com as áreas da expressão?

D1 – ... com as áreas da expressão, sim. Às vezes há o momento da poesia, que eles recitam, o teatro, dramatização... pronto, são aquelas actividades a nível de expressões... E poderá também haver doutro tipo... Por exemplo, o ano passado fizemos o Dia da Árvore... O Dia Diferente foi após o Dia da Árvore e... aproveitámos os trabalhos que tínhamos feito para aquele dia... para mostrar o que cada escola tinha feito... os cartazes, depois... as regras que devemos ter para proteger a árvore, a natureza, enfim...

Ent. – Como é que tem avaliado esse trabalho?

D1 – No global, para mim é positivo... E quando se trata de uma escola como esta... com dois meninos, é sempre importante porque juntam-se com outros meninos: o convívio, o mostrar aquilo que fazem... pronto, é positivo...

Ent. – Entre os professores como é que têm feito essa avaliação? Têm algum tempo específico para fazer ou vão fazendo... de modo mais informal?

D1 – Temos, sim... Nós fazemos, portanto... Nestes Dias Diferentes a avaliação é feita pelos meninos e pelos professores... O ano passado os meninos vinham para a escola e faziam por escrito ou através de um desenho, os que não sabem escrever, aquilo que tinham achado do Dia

⁷ Instituto das Comunidades Educativas.

Diferente e cada professor fazia a sua reflexão por escrito...

Ent. – Qual era a finalidade dessa reflexão?

D1 – Era para a coordenadora do projecto... Portanto, um elemento do I.C.E. que é uma professora da escola de (...), mas que está requisitada pelo I.C.E. e que vem sempre que há um Dia Diferente... Ela cobre esta zona... depois, discute-se, quer dizer... cada pessoa faz a sua avaliação e depois num grande grupo, quando nos juntamos... os professores... normalmente aproveitamos as reuniões de núcleo, no início ou no final da reunião, vem a coordenadora e depois nós falamos um bocadinho...

Ent. – Acha que esse tipo de avaliação... e os moldes em que tem sido feita tem contribuído para melhorar o projecto ou o projecto tem-se mantido... ?

D1 – O projecto tem sido assim: o ano passado foi o início... Começámos em Fevereiro e era qualquer coisa de novo... De novo de nome, porque afinal o desenvolvimento e o conteúdo nós já fazíamos...

Ent. – Sim...

D1 – ... só que não lhe chamávamos Dias Diferentes, mas era normal na Páscoa, nós fazermos... juntarmo-nos e fazermos folares... já tínhamos feito, na altura do Dia da Criança juntarmo-nos e fazermos actividades conjuntas; no Dia da Árvore a mesma coisa, chamar pessoas; muitas vezes, no Carnaval, vinha sempre a comunidade comer um bolinho, ou no Natal... Pronto... aqueles dias festivos, mas nós não chamávamos o Dia Diferente... É as tais coisas que fazemos, mas muitas vezes não lhe chamamos... e não lhe damos o devido... impacto...

Ent. – E agora essas actividades... esse projecto tem um enquadramento de formação, digamos assim, que antes não tinha?

D1 – Exactamente... Tem-se juntado um bocado aquilo que se fazia, com uma parte mais de reflexão, mais de formação...

Ent. – E isso tem contribuído para melhorar a sua prática?

D1 – (*silêncio*)

Ent. – Essa reflexão que...

D1 – Sim, eu penso que sempre que nos juntamos, para ouvir a opinião de um colega... pelo menos, na minha opinião, acho sempre que é positivo porque, se calhar, é capaz de enriquecer um pouco mais aquilo que nós fazemos, não é? Pronto... mais ou menos é positivo, não é? Mas... como é que hei-de explicar? Às vezes, estes projectos, estas coisas, não é que nos venham dar... pronto... ensinar qualquer coisa de novo, porque aquilo, no fundo, são coisas que nós fazemos no dia a dia... Fazemos no dia a dia só que... se calhar, pronto... faz-se e não passa dali e com o tal projecto aquilo... vê-se mais no papel, não é? “A escola tal participou no projecto tal...” E, se calhar, é capaz de haver um crédito, porque aquilo houve uma formação à volta daquilo... Portanto, torna-se mais rico, embora a nossa criatividade... o nosso trabalho prático... pedagógico penso que é nosso... tem-se vindo a adquirir... Mesmo sem ser num projecto, sem ser nada de

especial... nós falamos com as colegas... “Olha, eu faço assim, como é que tu fazes?” E pronto... é sempre positivo...

Ent. – E dá outro ânimo aos professores...

(risos)

D1 – E dá outro ânimo aos professores, é isso...

Ent. – Tenho-me apercebido que as escolas aqui, no concelho, trabalham com muitas entidades... Há várias entidades aqui a trabalhar também no domínio da educação... a Ludoteca, que tem o enquadramento da Santa Casa, a Associação... Como é que isso tem sido desenvolvido? Normalmente, os projectos, as ideias... partem de quem? São essas entidades que apresentam as propostas às escolas? Como é que tem funcionado?

D1 – A nível da Associação e do Clube Náutico, as entidades é que têm vindo à escola...

Ent. – ... fazer as propostas às escolas...

D1 – Fazer propostas às escolas, sim... Isso se calhar deve-se... as escolas já... é muita coisa, não é? Se calhar... não há tempo para nós dizermos “vamos à entidade para...”

Ent. – Há muita oferta aqui neste concelho, não é?

D1 – Há muita oferta neste concelho, penso isso...

Ent. – E isso não anula um bocado a criatividade das escolas?

D1 – Sim, em parte... essas propostas acabam por anular um pouco a nossa criatividade... porque acabamos por seguir as propostas que nos fazem... em parte as coisas, às vezes, não são aquilo que mais deveriam ser, não que não sejam válidas, não é? Mas se nós... as escolas nos metermos em muitas coisas... se calhar não desenvolvemos tão a fundo, ou com tanta calma, que às vezes também é necessário... um projecto... É que há alturas em que... olhe, por exemplo, este ano, esta escola tem um projecto do I.C.E., depois é o Projecto da Campanha da Azinheira... que é da Associação... Portanto, já são dois, não é? E depois a nível do nosso Conselho de Núcleo, há sempre o nosso projecto, não é? O projecto da nossa escola, o projecto de turma... Portanto, já são três...

Ent. – De qualquer maneira aderiram a esses dois projectos porque acharam que...

D1 – Sim... o das Escolas Isoladas era uma continuação... o ano passado tínhamos aceiteado e como começámos já a meio do ano... Começámos em Fevereiro... de Fevereiro a Junho, portanto... aquilo foi... o início. Eu, pessoalmente, pensei que o projecto seria mais consolidado se tivesse uma sequência, não é? E este ano podemos consolidar mais as coisas, para fazer um balanço final com mais reflexão e se calhar com mais argumentos, para propor outras coisas... Este ano portanto... não se justificava muito não ir aderir... Depois tenho o da Azinheira... (pausa)

Ent. – Às vezes é difícil dizer não... quando estas entidades já trabalham aqui há tanto tempo...

D1 – Às vezes é difícil dizer não! É difícil dizer não porque as pessoas... Eu, por exemplo, trabalho neste concelho há catorze anos... as pessoas já mantêm um certo... uma certa relação com estas entidades que são disponíveis, quando se solicita qualquer coisa... Depois quando vêm, a

pessoa parece que fica... Se é um colega que passa por cá um ano e no outro ano não vem, se calhar está mais à vontade e diz “olhe, este ano até nem tenho a minha vida pessoal muito a jeito...” Porque depois estas coisas também comprometem um bocadinho a nossa vida pessoal...

Ent. – Requerem tempo, não é?

D1 – Requerem tempo, às vezes horas pós-laborais, para reuniões, para encontros e pronto... às vezes a pessoa também vai um bocadinho também porque... para não ferir, entre aspas, não é?

Ent. – Já entrou nessa dinâmica, não é?

D1 – Pois... já entrei nesta dinâmica e para não... não ir muito aquém das expectativas que as pessoas já pensam... já têm quase a certeza que a pessoa participou e que vai participar... e têm quase a certeza que vão aderir e depois seria assim... um pouco complicado, para quem já está no terreno há mais tempo, dizer não...

Ent. – E depois a adesão a esses projectos também trazem algumas vantagens materiais... para o desenvolvimento das actividades...

D1 – Também é por esse ponto, às vezes o aceitar também é um bocadinho... pelas vantagens materiais que às vezes nos dão... para as actividades...

Ent. – Quando disse há pouco que um projecto como o da Associação requer tempo...

D1 – É tempo para planificar, é tempo para fazer a avaliação, é tempo para... de vez em quando também há encontros... das pessoas envolvidas... No caso dos professores... na tarde em que poderia ir para casa vou para a Associação, enfim... uma série de coisas... E depois há um problema... temos também o nosso... pronto, os nossos meninos... Isto é tudo muito bonito, fala-se do currículo, fala-se de alternativa, mas depois em Maio, os meninos de 4º ano têm uma prova de aferição que não tem a ver com nenhum projecto que a escola tenha desenvolvido... Vem um texto e vem uma prova de matemática e tem tudo de norte a sul, igual... E o que é certo é que esses conhecimentos têm que ser dados, não é?

Ent. – Pois... Em relação às saídas mais regulares que normalmente fazem... semanalmente... para a Educação Física, a natação... as actividades com a Ludoteca... Como é que tem sido?

D1- É sempre óptimo...

Ent. – Várias turmas pequeninas juntam-se e... formam uma nova turma, não é?

D1 – É... E formam mesmo uma nova turma, porque eles já têm relações, pronto... de amizade e de convívio, bastante razoáveis. E portam-se bem, não há atritos, não há...

Ent. – Portanto, eles agrupam-se... com facilidade...

D1 – Ai sim... eles próprios... agrupam-se... e não há isolamentos. E as professoras das várias escolas é como se fossem professoras daquele grupo todo... Eles pedem ajuda a mim ou a outra colega ou a outra... Portanto... os meus alunos se estiver outra colega mais próximo, dirigem-se a ela... “ai, professora posso fazer isto...”

Ent. – Eles, nessa nova turma, digamos assim... já não vão ter só com a professora deles?

D1 – Pois não... portanto, as três professoras, cada uma... é professora de toda a turma... A que

estiver mais próximo é que é a professora... Por exemplo, há um aluno da escola de (...), se eu estiver mais perto, sou eu que sou solicitada, não é a professora, ou vice-versa...

Ent. – Como é que organizam entre vocês... a divisão de tarefas... quando estão a trabalhar com o grande grupo?

D1 – Hoje, por exemplo, havia uma escola aqui e duas escolas aqui... (*exemplifica gestualmente*) portanto, miúdos de (...), miúdos de (...) e de (...)... E nós ajudamos de acordo com a nossa disponibilidade... Por exemplo, a colega de (...) vai para ali, a de (...) fica aqui deste lado... organizamo-nos naturalmente... é como calha...

Ent. – E como é que costumam planear as actividades que desenvolvem aqui?

D1 – Normalmente... decidimos isso na semana anterior, de acordo, pronto... com a proximidade de certas datas... Por exemplo... estamos próximos do S. Martinho e então... fazemos qualquer coisa que tenha a ver com esse dia... se estamos quase na Feira do livro, aproveitamos e fazemos os cartazes de divulgação... Agora vem o Natal... eles já começaram a fazer as figuras do presépio, na próxima semana irão depois pintar e daqui a quinze dias... já estão secas e vamos ver uma cançãozinha de Natal... É isto mais ou menos... e tentamos aproveitar estas... mais valias da Ludoteca... os meninos requisitam livros e no final costuma haver um espaço para jogos...

Ent. – Coisas que não há nas escolas...

D1 – ... que não há nas escolas, que são mais reduzidas, sim...

Ent. – Já tem uma experiência relativamente grande em escolas com estas características... de meio rural... como é que tem tentado adequar o currículo a estes meninos, a esta escola, a esta realidade? Como é que tem feito?

D1 – Para mim é tudo uma novidade, confesso que tenho alguma complicação, faço como posso, não sei se faço bem, não sei se faço mal... porque... sigo muito o programa... O currículo, a flexibilidade... mas depois vejo uma prova que não é... Se há a flexibilidade... as provas teriam que ser, no mínimo... diferentes... Se há um currículo a nível do concelho, não é? Competências que se traçam a nível dos meninos do concelho, de um agrupamento... essas provas teriam de ser feitas de acordo com aquelas competências que se tinham traçado para os meninos. Mas como isso não acontece... a pessoa faz... tenta lá arranjar um “currículozinho”, definir competências para os meninos, mas no fundo, no fundo, na realidade... vai-se lá ver como é que foi a prova do ano anterior e tenta-se sempre que os meninos alcancem aquele geral, para quando chegar Maio, eles não fazerem assim má figura... Não serão os meninos, será a escola, é a escola que vai identificada na prova...

Ent. – Parece que há duas escolas dentro de uma... é a escola dos projectos... e a outra...

D1 – É, exactamente... A minha confusão e a minha complicação, pronto... passe a expressão, não será bem complicação... pronto... a minha dúvida nisto é... penso que quando se fala num currículo devia haver... devia haver uma outra maneira de o dirigir... Pronto, traçava-se esse currículo, definia-se mas... a avaliação, essa prova aferida, tinha que ser noutros moldes... E aí a

pessoa estava tranquila...

Ent. – Acha que isso perturba um bocado o trabalho dos professores na escola?

D1 – Perturba um bocado, é debaixo de uma pressão, não é? Porque a pessoa, pronto, a nossa escola vai estar em causa... Se o aluno não fez nada da prova... e nestas escolas há um aluno ou dois... de 4º ano, isso é muito complicado para um professor... Às vezes, diz-se “a escola tem dois alunos, é descanso...” Pronto... a gente sabe que tem mais calma do que numa turma grande, mas numa turma grande há meninos de... não é uma turma homogénea, não é? Há o bom e há o mau e há o médio e entre muitos há-de haver alguma coisa que comprove que o professor trabalhou e que os conhecimentos foram consolidados... pronto, que a matéria foi dada. Numa escola pequena, por exemplo... há um único aluno de 4º ano e é aquele aluno que está à prova, mas depois vai lá a escola... Um aluno funciona como 100%.

(risos)

D1 - Isso é complicado para um professor que seja responsável, mesmo que não queira, não se abstrai muito disso. Pronto, é a tal coisa... os projectos estão num lado e o dito programa continua a ser outro caminho que a pessoa acaba por seguir, às vezes, separadamente...

Ent. – Tem sido difícil...

D1 – Embora se dê a volta...

Ent. – Como é que tem tentado dar a volta?

D1 – Como é que tenho tentado dar a volta? Tento partir sempre para aquilo que quero, mas partindo sempre do que é deles, em qualquer tema... para chegar, chegar lá ao tal... à tal... ao tal desencadear para a prova aferida... Mas parto sempre, sempre, sempre deles... daquilo que se fala, se calhar até de um desses projectos, não é?... Pronto... e a partir dali tentar, depois dar o salto para mais além, mas sem ser só aquilo de... de despejar, para que o aluno sinta que aquilo lhe diz alguma coisa....

Ent. – No seu dia a dia na sala de aula, como é que organiza o seu trabalho? Como é que planifica?

D1 – Pronto, eu faço a minha planificação quinzenal e diária, portanto... A quinzenal a nível das áreas e dos conteúdos... os conteúdos, os objectivos, as estratégias que... pronto, que penso que são úteis para o desenvolvimento das actividades... Depois faço a planificação diária, muito simples... Normalmente posso fazer com eles ou não... Para ser sincera, mesmo quando é com eles eu tento sempre, pronto, tento... porque eles às vezes são muito... são um bocadinho irresponsáveis... “Então o que é que vamos fazer amanhã?” “Vamos pintar e vamos saltar...” quer dizer... baseia-se só naquilo e então, se calhar, induzo, não é? Pronto, faço... de modo a levar a água ao moinho, mas de acordo com eles... “Vamos fazer isto ou preferem aquilo antes...”

Ent. – Eles escolhem a ordem das actividades, por exemplo...

D1 – É... Eu digo “olha, escuta... amanhã vamos lá ver... vamos apresentar um texto, por exemplo, sobre o Corpo Humano... o que é que poderemos fazer depois do texto?” “Ah,

professora podemos fazer aquelas perguntinhas, para entender o texto e a interpretação...” E outro diz “ai, olhe eu não entendi bem os pronomes... podíamos treinar os pronomes...” E pronto... tudo bem... mas pode-se sempre.. os meus alunos não têm muita maturidade para ser eles a definir, pronto... o plano diário sozinhos. Há colegas que dizem que já fazem mas eu não, não consigo... Houve um ano em que tive um grupo... um grupo de cinco meninos, mas esses eram muito bons, pronto... era um grupo muito homogéneo e fez-se um trabalho diferente nesse ano...

Ent. – Diferente, como?

D1 – Diferente porque elas tinham autonomia e tinham capacidade de trabalhar, portanto... era um grupo que trabalhava sozinho... Eu tinha uns ficheiros, e elas conseguiam... acabavam uma actividade e sabiam que tinham ali um ficheiro, tiravam, faziam, viam a auto-correcção, esquecendo-se até que havia as soluções nas costas... Na maior parte dos anos, eu até nem sequer ponho as soluções... tenho o ficheiro, mas tapo as soluções, porque a primeira coisa que os meninos vão fazer é ver logo...

Ent. – a resposta.

D1 – ... como é que se faz, a resposta... portanto, há mais imaturidade... Mas houve um ano em que consegui e que elas faziam com alguma facilidade o plano diário... Mas agora planifico quinzenalmente e diariamente as actividades que faço...

Ent. – Costuma fazer sempre esse trabalho sozinha, em conversa com colegas...? Como é que faz?

D1 – É engraçado... as primeiras planificações que fiz foi com uma colega que não pertence ao meu grupo de núcleo...

Ent. – Mas têm afinidade em termos de ... interesses semelhantes, não?

D1 – Temos afinidade em termos de amizade, trabalhamos em escolas semelhantes e juntamo-nos sempre... Na semana, por exemplo, ela deu-me umas aulinhas de computador, porque ela entende mais que eu...

(risos)

D1 – ... e depois fizemos o plano de Outubro e até fizemos logo o de Novembro, portanto...

Ent. – É interessante essa partilha entre colegas...

D1 – Temos, mais ou menos, pronto... confiança uma com a outra. Temos turmas com características iguais... poucos alunos, os mesmo anos, e então costumamos... Faz-se assim a planificação de dois meses e depois a nível quinzenal, eu gosto de fazer na minha sala, depois sozinha, não é?

Ent. – Depois faz a avaliação desse trabalho de planificação?

D1 – Sim, mas os meus meninos também fazem. Tenho uma espécie de uma grelhazinha muito simples, não é? Por exemplo, a nível da matemática... “consegui aprender ou memorizar a tabuada do 6...” e ele põe lá a cruzinha se sim ou se não...

Ent. – Essas grelhas foram construídas pela (...)?

D1 – Sim, foram feitas em grupo.... Às vezes, faz-se; às vezes, há trocas entre as colegas; às vezes, vêm em livros e depois nós adaptamos... Acaba por... pronto... se fazer, mas não tenho nenhuma feita da minha autoria... umas complementam as outras... Os meninos fazem esse registo... com as grelhas... e eu faço o meu... muito simples, faço o registo... se foi cumprido na íntegra, se não foi... porque é que não foi... Às vezes, não foi porque os meninos... a gente faz uma planificação, mas há temas que não ficam bem... A gente pensa “olha, nestes quinze dias vou dar, por exemplo, a numeração romana até mil...” mas viu-se que os meninos não atingiram, então passa automaticamente para outra quinzena... Estava planificado, mas se os objectivos não foram atingidos... temos de voltar atrás... Mas, por acaso, este ano, costumo cumprir... porque não são alunos com problemas. O ano passado com um aluno de 4º ano que tinha, raramente cumpria, porque era um aluno muito lento, embora fosse um de 4º ano... Pronto, estava sempre ao pé dele, mas raramente cumpria... e eu porque achava sempre que tínhamos que voltar... para aquilo ficar mais consolidado... Este ano, com estes meninos tem sido mais fácil, normalmente cumpre-se...

Ent. – Nestas escolas com tão poucos alunos é possível fazer um ensino do mais individualizado possível...

D1 – Sim, é possível individualizar...

Ent. – Como é que tem feito?

D1 – Como é que tenho feito? Primeiro não tenho secretária... existe lá o espaço da secretária, mas está com duas jarras... Eu nem sequer me sento lá... Sento-me ao pé deles, portanto, no meio... sento-me e pronto... eles vão fazendo o trabalhinho deles...

Ent. – Conhece-os perfeitamente....

D1 – Perfeitamente.... Se for preciso levantar-me, ir fazer um papel qualquer, enquanto eles estão a trabalhar, também vou... São crianças, nesse aspecto... não se levantam, têm ritmo, têm ritmo... Pronto... estou sempre disponível... “eu tenho esta dúvida aqui...” eu estou ao lado e esclareço a dúvida... É como uma explicação! Depois, gostamos muito disto... Embora sejam poucos, gosto muito de fazer assim qualquer coisa diferente... não é só lá a ficha e o manual... para expor na parede... para que eles, mesmo sendo poucos, sintam que produzem alguma coisa...

Ent. – Gosta que eles exponham o trabalho que fazem...

D1 – Gosto muito.

Ent. – Por acaso, se não soubesse, pela quantidade de trabalhos... jamais diria que eram tão poucos alunos...

D1 – ...que eram tão poucos alunos.... e trabalhos deste ano, porque eu costumo... no início de cada ano... a sala está vazia e depois vamos expondo... por cada tema, não é? Pronto, vem o dia de S. Martinho, a gente faz um trabalhinho... e põe-se lá; vem o Outono... nós no Outono, pusemos lá o cartaz... com as histórias, também fazemos trabalhos para expor, não é? Em vez de serem todos os trabalhos para ficarem no *dossier* ou no caderno que têm, pronto... fazem, de vez em quando, um para por na parede... Eu penso que... é mais motivante, para mim e para eles... e

também para mostrar aos outros que também se faz qualquer coisa mesmo... sendo poucos... senão ficamos aqui tipo uma explicação... para eles não tem muita motivação... Eu, pessoalmente, tento dar a volta e fazer aquilo que se pode fazer com uma sala cheia... Num dia de pintura, se fosse numa turma com dezoito meninos... eram dezoito pinturas, claro, que ficavam na parede, assim são só duas... Mas com outras duas, outro dia, são quatro e outro dia são seis... e é assim...

Ent. – Como é que eles vivem esses Dias Diferentes de que me falou há bocado, quando saem da escola?

D1 – Ai, é do melhor...

Ent. – Ficam numa turma maior, não é?

D1 – Sim, numa turma maior... e tem sido observado pelos colegas, inclusive pela coordenadora desse Projecto, que... estes dois meninos, pronto... que estão nesta escola, são crianças... pronto, desinibidas... Também depende deles, porque há miúdos que a gente tenta e não consegue... Estes gostam muito de apresentar os trabalhos, mesmo em palco... O ano passado, pronto... a coordenadora ficou parva, porque diz que foi o momento alto... eles com um à vontade muito grande perante um grande grupo. Eu penso que... também será um bocadinho do nosso mérito... Se não fizéssemos nada, porque são pouquinhos, então... Se não houvesse um trabalho de base na turma, eu penso que seria impossível...

Ent. – Não é num dia que se consegue...

D1 – Pois... não é num dia que se consegue dar à criança o à vontade de enfrentar ali um grande grupo... Eles vão ao palco e vêem muita, muita gente... O ano passado num Dia Diferente que eles tiveram, no último dia, em Junho, aproveitou-se a festa de final do ano para um Dia Diferente e então as mães dos meninos estavam num Curso, daqueles Cursos de Formação, do Centro de Emprego...

Ent. – Sim...

D1 – ... e depois conseguiram ter um tempinho para ir lá... também veio o formador que estava com elas... e acabou por vir a turma toda... E o senhor... o formador ficou maravilhado... disse que nunca pensou ver numa terrinha destas, tão pequena... os meninos apresentarem coisas tão bonitas e com um à vontade tão grande... E aquilo depois é gratificante...

Ent. – Por vezes há a ideia de que não acontece nada na serra... no interior...

D1 – Pois... que não acontece nada nas aldeias... que está tudo muito isolado... Mas quando falo do à vontade dos meninos... não estou só a falar dos meus, os das colegas com quem trabalho também...

Ent. – Nestas escolas pequenas, que normalmente estão muito próximas das comunidades, que experiência é que tem tido de participação com dos pais dos alunos na vida da escola? Agora mesmo falou-me que as mães tinham vindo assistir à festa de final de ano... do ano passado...

D1 – Sim, nesse aspecto nunca tive... pronto, problema algum. São sempre receptivos! Este ano noto menos porque os meninos que tenho não são de cá da aldeia...

Ent. – Ai eles não são de (...)?

D1 – Não, deslocam-se de uma localidade que fica a 4 km e as mães, pronto... trabalham naqueles programas ocupacionais que a Câmara solicita ao Centro de Emprego, pronto... temporários, não é? Têm um contrato. As mães trabalham nisso e, portanto, o horário delas...

Ent. – ... é incompatível com o da escola...

D1 – É incompatível com o da escola. Eu quando tenho qualquer coisa, mando sempre um bilhete e as mães mandam um bilhete também... Quando é assuntos de força maior... reuniões... já tenho feito a reunião depois das cinco horas... quando foi para acertar o calendário, para eleger o representante dos pais... Eu faço porque tenho vida para poder fazer, não é?

Ent. – Mora cá, não é?

D1 – Moro aqui, exactamente. Porque se não, não poderia fazer...

Ent. – Outro tipo de participação dos pais na vida da escola... para além das reuniões e da participação... como espectadores das actividades... nos dias mais especiais... tem alguma experiência disso? Ou não?

D1 – Os pais vêm à escola quando são solicitados. Mesmo nesses Dias Diferentes somos nós a solicitar e até a motivar... Mandamos o convite e depois... eu costumo dizer “vejam lá se aparecem... porque é a nossa escola a receber...” para os motivar...

Ent. – Eles terem iniciativa de alguma coisa... não tem acontecido?

D1 – Não, não, não tem. Não tem. Mas... ao longo da carreira, portanto... sempre tive o apoio quando pedi, com a maior das disponibilidades, sempre impecáveis, muito próximos... Vêm quando são chamados ou... também acontece... se passarem um dia por aqui... até são capazes de vir cumprimentar, perguntar como é que está o menino... Mas tirando isso...

Ent. – Como é que tem abordado a avaliação dos alunos com eles?

D1 – Com os pais? Costumo no final de cada período, portanto... tento sempre falar com eles... Quando eles não podem vir, eu já tenho chegado até a telefonar “ah, mas quando é que vocês podem passar por aqui, para a gente falar um bocadinho?” Se for só por escrito e eles muitas vezes não...

Ent. – ... não lêem...

D1 – Não lêem e, às vezes, não entendem bem... Eu costumo sempre...pronto... naquela parte da ficha em que diz “apreciação global”, tentar ter uma linguagem mais prática e ser sintético, para eles, pronto... entenderem, pelo menos onde o aluno tem mais dificuldade, onde é que deve ter mais acompanhamento em casa... se na leitura, ou nisto ou naquilo... Mas é sempre complicado, gosto sempre depois de dar uma palavrinha, fazer um resumo daquilo que vai ser escrito...

Ent. – Mudando um pouco de assunto... há bocadinho falou nos manuais escolares... Como é que os costuma usar? Usa, não usa, usa pouco...?

D1 – Uso, uso... Não sou... não dependo dos manuais escolares, mas uso e com alguma frequência, confesso. Portanto, penso que é um instrumento de trabalho que dá jeito e os pais

também gostam...

Ent. – Tem a ver com o facto de nestas escolas não haver muitos materiais... ou não é por causa disso?

D1 – Eu sempre tenho usado. A mim, pessoalmente, ajuda-me... para um trabalhinho de casa... eles levam um textozinho para fazer a leitura... Eles têm tão poucos hábitos de leitura...

Ent. – E, em casa, se calhar, não têm outros livros?

D1 – Em casa não, muitos deles não têm... Pronto, até são capazes de comprar um carro, uma bola ou outras coisas, mas livros não... não há o hábito de comprar livros... E os da biblioteca da escola também são limitados, mas pronto... também levam... Eu costumo fazer assim: “olha, escolhes um livrinho de uma história que tu queiras...” Ele lê e conta a história... “então vá, lê com atenção e amanhã trazes o resumo da história...” Mas voltando aos manuais... Utilizo as fichas que têm, pronto... acho que muitas delas estão bem elaboradas, servem para consolidar aquilo que se deu e funciona muito como trabalho de casa... vê-se as dificuldades que o menino teve, corrigem-se... Mesmo na escola há muitas alturas em que eu... textos... não sigo ao livro... procuro outros textos... agora comecei na página um e vou... não... na altura do S. Martinho, há um texto do S. Martinho, eu gostei, dou perfeitamente... O menino lê o texto, faz-se a interpretação, faz a ficha correspondente.... E a nível de Estudo do Meio também utilizo manuais...

Ent. – Outros materiais com que trabalhe na sala de aula? Já vi que tem computador... Tem *internet*?

D1 – Tenho computador... O computador faz muito jeito... A *internet* agora não funciona... não sei porquê...

Ent. – Ah, mas tem?

D1 – Tenho, mas agora não funciona... Tenho alguns livros... Para a Matemática... há o tangram, o geoplano... ali está um trabalhinho fizeram com o tangram e até fizeram figuras engraçadas... mais ou menos...

Ent. – Traz muitas coisas de casa?

D1 – Oh, trago muitas coisas de casa, sim... principalmente a nível de 1º ano... se não se trouxer de casa, material nosso... (*encolhe os ombros*) Até costumo... quando se dão sons... exponho na parede aqueles cartazes que existem... mas tudo material que eu tenho adquirido para mim... Para a matemática também tenho cartazes com... portanto... a numeração, os algarismos, depois a dezena, a dúzia... todas essas noções são expostas na parede... e também outro material... jogos... dominós, lotos... aquelas coisinhas que todas nós temos... No 3º e 4º anos já é diferente, já não é necessário... tanta concretização...

Ent. – Agora fala-se muito de flexibilidade curricular... há bocadinho também já falou um pouquinho... Este discurso de flexibilidade, de adequar as coisas aos alunos concretos que temos, tem mexido consigo? Tem alterado alguma coisa da sua prática?

D1 – Eu tenho pensado... (*pausa*)

(*risos*)

D1 – ... portanto... Todas nós ao partirmos das vivências dos alunos ou ao traçarmos um projecto, pronto... que se enquadre no nosso... no meio, nas vivências dos alunos, já estamos a fazer isso, não é? Penso eu que já estamos a fazer! Mas depois sempre há dúvidas... Faz-se, mas parece que é um bocadinho à parte, porque depois temos medo do tal programa... pronto... da tal prova de aferição, que não vem de acordo com... com aquele currículo traçado por nós... pronto... para um determinado meio, mas vem a nível... pronto, geral! Mas, eu penso que todos nós quando fazemos a gestão curricular, já há flexibilidade... Mas de qualquer forma, sinto dificuldades, tenho as minhas interrogações, interrogo-me muito... Costuma-se dizer que... às vezes, vamos ouvir muita coisa para nos esclarecermos e, às vezes, vêm mais dúvidas ainda quando ouvimos muita coisa...

Ent. – Está a falar do seu curso de formação ou doutros contextos?

D1 – Não, estou a falar que numa oficina que fizemos... lidada ao Instituto das Comunidades Educativas... então uma colega falou em currículo e ele disse... “não me falem em currículo em Portugal... Portugal tem um programa, não tem currículo; Espanha tem currículo, os países nórdicos têm currículo, nós não temos currículo, temos um programa!...”

(*risos*)

D1 – Mas nós podemos... definir as tais competências, tirar as que são... pronto... as que vão ao encontro aos nossos meninos... E ao definirmos essas competências, estamos a seleccionar e aí já estaremos a gerir qualquer coisa, pronto... a flexibilizar qualquer coisa... Portanto currículo... flexibilidade curricular, para mim... são dúvidas, mas eu penso que nós fazemos... Nós já fazemos!

Ent. – Sente falta de formação nessa área?

D1 – Ai, sinto, acho que sim. Um esclarecimento, mas um esclarecimento por inteiro! Mesmo nas nossas reuniões de docentes de nível... há duas vezes que vamos... e é sempre... é competências para aqui, é competências para ali e... (*encolhe os ombros*)

Ent. – Neste momento, estão em que fase desse trabalho?

D1 – Definiram-se as competências...

Ent. – Já há um projecto concelhio? Não há? Como é que têm estado a funcionar?

D1 – O projecto, nada, nada... Definiram-se competências, pronto... Aquilo era para ser por núcleo... mas a escola da (...) fez e como já terminou...

Ent. – (...), núcleo de (...)?

D1 – Núcleo de (...). Agora penso que o núcleo de (...) o vai dar aos outros núcleos...

Ent. – Acharam que a realidade não era muito distinta...

D1 – Pronto... achamos que a realidade não era distinta...

Ent. – Preferia que o processo tivesse sido de outra maneira?

D1 – Sim, porque... houve muita confusão... Confusão à volta do... deste... pronto, de toda esta...

de toda esta novidade... se é que é novidade, não é? As pessoas parece que estão na dúvida e não se faz... E uma coisa que me faz a mim confusão também é não temos Projecto Educativo, não é?

Ent. – A nível de concelho?

D1 – A nível de concelho... E para mim... posso estar errada, mas penso que seria o suporte principal...

Ent. – Teria mais lógica para si...

D1 – Para mim, sim... E faz-me isto confusão, para mim era o suporte máximo. Era o tal Projecto Educativo e a partir desse projecto cada núcleo tinha um sub-projecto daquele projecto, não é?

Ent. – E têm discutido isso?

D1 – Está tudo muito baralhado... pronto... não há nada de definido... Se calhar porque isto também estamos numa fase de Agrupamento...

Ent. – É um Agrupamento que tem pouco tempo...

D1 – Tem pouco tempo e penso que isso são coisas normais, isto não é crítica, de maneira nenhuma...

Ent. – Sim, sim...

D1 – No nosso núcleo houve necessidade de traçar o Plano Anual de Actividades... Já não existe o nome “Plano Anual de Actividades”, mas nós... por exemplo, temos que calendarizar as nossas visitas de estudo atempadamente, porque a Câmara não aceita pedidos de transporte... em cima da hora ... ora isso tem de ser feito... E tem que haver um plano de trabalho, não é? Por que é que não é um Plano de Actividades? O Plano de Actividades não é tudo o que nós desenvolvemos? Não planeamos isso, o que se faz? Porque é que não pode ser Plano Anual de Actividades, é preciso esta mudança de nomes? Os objectivos são os mesmos, as coisas são idênticas... troca-se nomes e a pessoa anda baralhada e confusa... Para mim o Plano Anual de Actividades é uma coisa normal, tem que existir!

(risos)

Ent. – O que é que lhe apetecia mudar? Em termos de desenvolvimento do currículo...

D1 – O que é que me apetecia assim... mudar? *(ar pensativo)*

(risos)

D1 – Eu costumo pensar que... Há uma coisa que me faz muita confusão! Um menino que é nosso... deste meio rural, não está impossibilitado... de ir para um meio urbano... amanhã, os pais, não é? Ora, esse menino quando... se quiser, ou tiver possibilidades, ou se o seu percurso lhe permitir a entrada na Universidade... essa Universidade... pronto... não vai ser aqui num meiozinho rural dele, não é? E, então, não sei até que ponto a gente pode traçar um currículo para o nosso menino, só dentro do meio dele... E se esse menino for, por exemplo, transferido para Lisboa? Não haverá qualquer coisa que tenha que ser comum?

Ent. – Sim...

D1 – Pronto... partindo sempre da realidade, das vivências dele, valorizando a 95% sempre essa

parte do menino, mas tentando também que ele não se vá sentir... não se vá sentir pronto... desfasado, por exemplo, se for para uma cidade... porque pode ir, os pais podem ir trabalhar, pode ir... não é? E, se calhar, chega a uma sala e, embora seja português, acha-se quase... como se fosse chinês... Pode cair lá e não entender nada! Não sei se a colega está a entender o meu ponto de vista...

Ent. – Sim, sim...

D1 – Pronto... estas coisas a mim dão-me sempre muita complicação e sinto alguma responsabilidade, às vezes, ao afirmar “é bom assim ou é bom assado”, porque há estes dois lados... Um aluno está agora aqui, mas não pode simplesmente ficar limitado àquilo que o rodeia, não é? Podemos sim, traçar um projecto, um plano, que tenha a ver com aquela realidade, mas dando sempre um acréscimo... àquele aluno... Também acho que um menino lá da cidade... será muito triste se pensar que o ovinho apareceu lá de qualquer maneira... Também deve saber as realidades dos outros meninos, não é? Mas compreendeu a minha ideia?

Ent. – Sim, sim...

D1 – Teria de haver uma parte que seria de acordo com a realidade de cada escola... uma opção da escola... e uma outra parte comum para todos os alunos... Mas tirando isso... não sei... Eu não tenho muita capacidade de dizer o que é que faria... no currículo. Não sei...

(risos)

Ent. – Mas se tivesse poder de decisão sobre a organização que as coisas têm agora, o que é que lhe apetecia mudar?

D1 – Ai não sei, não sei...

Ent. - Quando chega aqui à sua escola nunca pensou “isto de outra maneira talvez resultasse melhor...”

(risos)

D1 – Pronto... estas escolas com poucos alunos... já tenho pensado... se eu mandasse, fazia vários núcleos... Por exemplo, nesta zona, estava (...), (...), (...)... não é?

Ent. – Correspondentes às sedes de freguesia?

D1 – Embora (...) não seja sede de freguesia, pertence a (...). (...) é uma sede de freguesia, (...) é uma sede de freguesia, portanto... Mas tinha de haver condições... Não podia ser só pegar nos meninos e levar para lá, não é? Agora fica lá um colega lá com dezassete ou dezoito meninos, todos metidos na mesma sala, com o mesmo material, com o mesmo apoio... isso não.. Primeiro tinham de ser criadas as devidas condições... escolas melhor equipadas, refeitório, auxiliares... enfim, todo o apoio...

Ent. – Condições que essas escolas sozinhas não têm...

D1 – Condições que essas escolas sozinhas não têm... e penso que se os meninos destas escolas fossem para esse núcleo... era óptimo. E penso que isto seria do interesse das crianças, da motivação do professor, tudo... Até porque muitos dos miúdos destas escolas têm de ser

transportados... se foram deslocados para mais dez ou quinze ou vinte quilómetros, não faz grande diferença... isto se tiverem todas as condições... Aí tudo bem! Mas primeiro as condições, depois as mudanças!

(risos)

D1 – Mas também há a questão dos lugares a concurso... e penso que nós, se formos sinceros, também puxamos um bocadinho a brasa à nossa sardinha e pensamos... que isso iria fazer diminuir o número de lugares... mas tirando esse aspecto... pronto, penso que seria melhor...

Ent. – Esse é um dos outros lados da questão... Mas... voltando agora à realidade que temos... esta nova reorganização curricular... com as competências que foram definidas, as novas áreas que apareceram... Como é que tem vivido isso, em termos da sua prática?

D1 – Pronto, isso é tudo novo, não é? O Estudo Acompanhado... nós, no Complemento de Formação... o nosso grupo optou... num trabalho... pelo Estudo Acompanhado, embora fosse quase que um desafio, porque é uma coisa nova e, pelo menos a nível de 1º Ciclo não se encontra nada escrito que se possa consultar, não se encontra nada de palpável... sobre o Estudo Acompanhado... Mas nós achamos que já fazíamos Estudo Acompanhado há muito tempo, só que a gente não sabia que se chamava Estudo Acompanhado! Por exemplo, quando a gente... pronto... leva o menino a pesquisar é Estudo Acompanhado; quando o menino faz uma consulta no dicionário, é Estudo Acompanhado... Quem é que de nós não faz esse tipo de coisas, não é? Portanto, ajudar o menino a fazer a sua aprendizagem... aprendendo a aprender. Ele aprende a aprender a consultar o dicionário, a fazer pesquisas, recolhas... Todas essas coisas estão encaixadas no tal Estudo Acompanhado, que nós vínhamos fazendo, só que não estava... não estava na nossa planificação, não havia lá essa área, mas estava contemplada. Agora é um bocado complicado e penso que as pessoas andam um bocadinho à margem para fazer este novo enquadramento... Depois a tal Área de Projecto, o Projecto de Turma e tudo o mais... vai-se fazendo, mas não está... bem estruturado, nível de papel bem estruturado...

Ent. – Ainda em relação ao Estudo Acompanhado... apesar do que já disse, este novo enquadramento mudou alguma coisa na sua prática?

D1 – Não, nada. Eu faço precisamente como vinha desenvolvendo... Vou desenvolvendo... agora, se calhar, um bocadinho... ou com mais anseio, ou com mais pressão... porque quando a pessoa faz... no desenrolar das coisas, sem ser debaixo de pressão... aquilo é normal...

Ent. – Pressão... por causa de ter uma hora estipulada?

D1 – Por causa de ter uma hora estipulada e isso é qualquer coisa de novo para mim...

Ent. – Acha que faz sentido ter essa hora marcada?

D1 – Acho que não. Acho que não, acho que não faz. Pode ser que com a continuação... possa ver que seja mais útil... Agora, na minha inexperiência... até aqui fazia como que um complemento das coisas, não é?

Ent. – E em relação à Área de Projecto

D1 – A Área de Projecto também está na... está na fase de se tentar, de se fazer... vamos esperar pelo próximo encontro de núcleo... Conselho de Núcleo para ver se conseguimos... fazer... qualquer coisa...

Ent. – E a Educação Cívica?

D1 – A Educação Cívica... é engraçado... como é que hei-de explicar? Para mim os valores são muito importantes... Cada um de nós tem a sua maneira de ser e para mim são muito importantes e, por isso, penso que estão à flor da pele sempre com os meus alunos. E gosto, pronto... de chamar a atenção sempre para o que se deve fazer... o respeito pelos outros, a amizade, a solidariedade... E todos os anos há sempre num cantinho que eu ponho: “o que eu posso fazer para ajudar os outros”... Achei que merecia um espaço... como a gente tem o cantinho para a Matemática, um cantinho para... pronto... para outras coisas... Por acaso está ali... (*aponta*) É qualquer coisa... ou de reflexão ou de ajuda e que os meus meninos pensam... Aqui está... eu já planificava isso... Eles... pronto, quando têm um bocadinho... em vez de ser para um joguinho, vão para aquilo.... Outras vezes, em casa, às vezes em trabalho de casa... “olha, pensa o que é que podes fazer para ajudar alguém... outra pessoa”.... E eles fazem, pronto... o que podem fazer para ajudar.... E há coisas do mais engraçado, eles depois têm ideias do mais engraçado... Eu penso que isso é Educação Cívica, não é? A gente... educá-los para os outros... o civismo, os comportamentos, as regras... Ao longo da minha vida, sempre dei muita, muita importância aos valores... Por isso acho que já vinha ao encontro do que eu fazia... porque... pronto... fazia e metia mesmo na parede...

Ent. – De qualquer modo, este novo valor que se dá às pesquisas... ao Estudo Acompanhado, à Educação Cívica... pensa que essa nova atenção é importante?

D1 – É importante... eu penso que é importante porque... poderia haver quem praticasse ou quem não praticasse, não é? E agora, em princípio... as pessoas vão... têm mesmo que trabalhar isso...

Ent. – Mas, em relação à sua prática dá importância a estes aspectos porque já lhes dava?

D1 – Exactamente, porque já lhes dava. Não me vem dar nada de novo, mas concordo que... tenham agora um maior realce.... Por exemplo, a Educação Cívica... eu acho que é importante... mas para algumas pessoas...

Ent. – ... podia passar ao lado de algumas pessoas...

D1 – Podia passar ao lado de algumas pessoas. Poderia correr-se o risco de haver pessoas que não valorizassem ou valorizassem só o lado da disciplina, não é? “Estou aqui só para ensinar e mais nada!” E eu penso que os nossos meninos... pronto... antes do ensino, da aprendizagem, há o conceito de educação... os comportamentos, os valores para com os outros... com os pais, com os mais velhos, com nós mesmos... (*ar meditativo*) Em dezassete anos já passaram muitos meninos... e não são meninos todos iguais e eu felizmente nunca tive um aborrecimento, nunca sai magoada com qualquer coisa que tenha dito ou tenha feito... E eu penso que... é porque as crianças são sensíveis... Quando a gente começa a transmitir determinadas... mensagens, mas com convicção

do que se está a dizer e a fazer, a mensagem passa... Pronto... o saber é importante, mas também é importante haver uma formação... humana como base, penso eu.

Ent. – Há bocado referiu o Projecto Curricular de Turma... Já está a fazer, não está a fazer...?

D1 – Tenho um esquema dado... um esquema dado...

(risos)

Ent. – Tem um esquema dado?

(risos)

D1 – Tenho um esquema que me foi dado...

(risos)

Ent. – Por alguma colega?

D1 – Foi dado por uma colega de (...)..., uma colega do Complemento...

Ent. – De (...) ? É de longe...

D1 – De (...)...

(risos)

D1 – Foi lá no Complemento, por causa de um trabalho... O esquema foi apresentado à professora da cadeira... esse esquema foi conseguido através de contactos que essa colega tinha e aproveitaram... também estavam nas mesmas incertezas, não tinham nada feito... Ela depois fez... mais ou menos... a avaliação, deu tópicos para mais um enriquecimento do mesmo e surgiu um esquema... que eu tenho na minha mala... E vou levá-lo para levar para a próxima reunião de núcleo...

Ent. – Vai ser uma base de trabalho...

D1 – Já é alguma coisa... porque nós estamos metidas nisto e queremos fazer as coisas... Pelo menos eu... tento fazer o melhor que posso, mas quando há inseguranças a pessoa não consegue... há incertezas, aquilo é novo... Eu não sei, sinceramente... ou me dão formação, ou tem que se ir copiando, passe a expressão... copiando no bom sentido, por quem está mais avançado...

Ent. – E o que é que contém esse esquema?

D1 – Pronto, aquilo parte... a identificação da turma...

Ent. – Quando fala em esquema... são alíneas que o projecto deve conter?

D1 – Sim, as alíneas que deve conter... Como estava a dizer... aquilo tem caracterização da turma... a parte do pessoal... pronto... turma, alunos, pessoal docente... O que é que há mais? As áreas, pronto... as áreas curriculares... O que é que há mais? A avaliação... os parâmetros de avaliação, mais ou menos isso... Aquilo é para aí três páginas...

Ent. – E com essa matriz agora vão tentar fazer o Projecto Curricular da Turma?

D1 – Vamos tentar fazer de acordo com cada turma... Nós estamos... estamos também na dúvida... porque as nossas turmas são pequeninas... são turmas parecidas, têm as mesmas características, não é? Se calhar vamos fazer um modelo igual porque a caracterização dos meninos é semelhante, não é?... Embora, depois eu tenha o meu, a colega do lado tenha o dela...

Ent. – Diga-me uma coisa, sente necessidade desse documento? Acha que esse documento a vai ajudar no seu quotidiano, ou é somente um documento que tem que ser feito?

D1 – Olhe... é uma coisa assim que *à priori*, não é?(*encolhe os ombros*) Eu penso que é uma coisa que tem que ser... impõem, tem que ser feito. Penso que não me irá ajudar muito, mas posso mudar de ideia... quando estiver feito e quando estiver... a ser implementado... Pronto... depois de estar definido, posso ter uma opinião contrária. Como é novo... pode ser pessimismo meu... ou falta de conhecimento... Mas eu penso que não irá adiantar grande coisa, mas não sei...

(*risos*)

Ent. – Ao longo destes anos todos já passou por algumas escolas... trabalhou já com muitas pessoas... O que é que acha que tem feito mudar a sua prática, ao longo da sua carreira?

D1 – A realidade, os tempos... tudo se vai modificando... Pronto... para quem terminou o curso há dezassete anos... as coisas eram diferentes... portanto, exigia-se menos... não tínhamos que definir projectos... nem nada disso... Quando comecei... a gente fazia a fichinha... tínhamos aquele programa de capa verde, não é? Quando comecei, pronto... seguia-se aquilo, não é? No mês de Outubro dava-se o Corpo Humano e tal e tal e tal, pronto... planificava-se assim... Depois arranjava uns textos de acordo com aquilo, normalmente era em livros, não é?

Ent. – Tudo fechado na sala de aula?

D1 – Tudo fechado na sala de aula, tudo fechado na sala de aula. Pronto... até mesmo as festas de Natal, eram só com os meninos... No Jardim de Infância já se fazia... já havia mais... a participação dos pais... eles já tinham um representante... isto há dezassete anos, em (...)... Eu, pronto... tinha contacto com a colega do Jardim de Infância porque vivíamos na mesma casa... E no 1º Ciclo... na altura, Escola Primária, não havia...

Ent. – A escola trabalhava mais isolada e também não havia este... este intercâmbio com outras entidades?

D1 – Não, com outras entidades não havia nada, não... Até mesmo... há catorze anos, quando vim para o concelho de Mértola, não havia nada... não havia Ludoteca, não havia Educação Física, não havia natação, não havia projectos da Oficina da Criança, não havia projectos do Clube Náutico... Aqui uma grande mudança foi a tal Feira das Escolas... com o inspector (...)... A ligação entre a escola e comunidade... para mim, foi a pessoa, o mensageiro dessa... dessa relação, não é? Pronto... trazer os pais à escola e levar a escola à comunidade em geral, mostrar o que a escola faz... Foi uma mudança muito grande... Foi o padrão, a mudança completa... Depois o Centro de Formação também foi qualquer coisa que... Pronto... pelo menos tentou ir ao encontro das dificuldades... para se mudar estratégias na sala de aula, mais ou menos isso...

Ent. – Aspectos concretos que sente que tenha modificado... na sua prática...

D1 – (*pausa*) A forma como nós planificamos agora... é uma planificação mais ao encontro... mais humana, mais pessoal. Portanto, a gente faz aquilo por prazer... Eu penso que se a gente não planificar, não consegue trabalhar, não é? E na altura, quer dizer...a planificação que se fazia...

Ent. – Na altura... quando começou a trabalhar?

D1 – Na altura em que comecei a trabalhar... A planificação que se fazia não era bem... Nem sequer me interrogava... aos vinte e um aninhos, não é?

(risos)

D1 - Fazia tudo igual ao que fazia no Magistério... Sabia que tinha que ter... as planificações feitas, naquelas folhas muito grandes... Pensava... “tenho que ter feito... ensinaram-me que eu tenho que ter isto...” Era... pronto... o programa em primeiro lugar... era aquele programa de capa verde, rectangular... Ah, mas era tanta escrita! Tinha que ser ali tudo tintim por tintim... mas, quer dizer... era uma coisa para estar ali... E agora a gente planifica de uma outra forma... olha, em primeiro lugar, para os meninos... “ah, mas com estes meninos, isto é descabido...” ou “desta forma não chega lá, se calhar vou fazer assim, vou fazer assado...” Vamos arranjando as coisas a um nível mais pessoal, mais humanizadas... se é que se pode chamar assim...poder chamar... Agora também se trabalha mais em conjunto... estas coisas de nos juntarmos todas as semanas e não sei quanto, também faz nós diferentes...

Ent. – Valoriza esse trabalho em conjunto?

D1 – Para mim vale muito. Para mim vale muito, de facto...

Ent. – Já falou na época do programa verde...

(risos)

Ent. - ... era assim que era conhecido... depois houve uma altura em que se falou muito de objectivos mínimos... isso mudou um bocadinho a sua prática?

D1 – Não, não houve grande mudança... A Área Escola, sim. Porque na Área Escola eram temas... temas... muito palpáveis, da nossa realidade... A gente desenvolvia sempre qualquer coisa do nosso meio... Lembro-me que em (...), o meu projecto de Área Escola tinha a ver com o pão... Havia duas padarias e a maior parte das pessoas trabalhava na indústria de panificação... naquela aldeia é as padarias eram o suporte, não é? Nós fomos lá, falámos com os senhores... fomos ver...

Ent. – Foi um trabalho que fazia sentido naquela zona?

D1 – Exactamente... Embora os meninos já conhecessem a padaria... iam comprar o pão, tinham lá a mãe ou tinham o tio ou tinham o primo... Mas, se calhar, não tinham ido com olhos de ver... Fizemos entrevistas... saber há quantos anos é que tinham começado, os donos que por lá tinham passado... Foi qualquer coisa que deu... deu alegria a mim e aos meninos... E as pessoas também ficaram contentes... por verem aquele trabalho todo... sobre a terra delas... Fizemos muitos trabalhos... Depois eu chamei as pessoas para irem lá ver... Foi engraçado... “Esta é a senhora (...) a meter o pão...” “Ai, fizeram-me mais bonita do que o que sou...” Estas pequenas coisas que enriquecem... Portanto, a Área Escola, para mim, foi qualquer coisa de válido! Já não era aquele livro seco, o programa que a gente faz porque tem que fazer... Era já era qualquer coisa que se fazia com gosto, porque era ali, era a realidade daquela gente, daqueles meninos...

Ent. – Falou que as pessoas gostaram desse tipo de actividades... Como é que acha que a

comunidade em geral... não só os pais... vê esta abertura da escola... à realidade local, digamos assim?

D1 – Eu penso que dão cada vez mais valor a isso... à escola estar interessada pelas coisas do meio local... Pronto, isto... as opiniões não são... há várias opiniões.... Há pais que... “ah, tanta saída, tanta saída...” Isto é também muito usual a gente ouvir! “Os moços já vão sair outra vez... como é que eles hão-de aprender? Eles estão mais fora do que dentro!”

(risos)

D1 – Esta é uma que se ouve... ouve-se na cabeleireira, ouve-se na sapataria, ouve-se em todo o lado... Mas depois também vêm que... pronto... que no fundo, os miúdos vêm para a escola com muito mais alegria, não vêm forçados... No fundo, no fundo, acho que eles não desgostam... Houve um ano em que estive aqui uma colega... uma colega que não gostava muito de sair e os pais manifestaram-se... manifestaram-se negativamente... “Não basta os moços serem poucos, se não também não saírem...” É engraçado isto... às vezes comentávamos entre nós... “olha, se sai é porque se sai, mas quando não se sai eles já acham diferença...” Portanto... penso que as pessoas estão receptivas também à mudança, não é?

Ent. – E em termos de entidades locais? Têm sido sensíveis... para o apoio das actividades da escola?

D1 – Tem vindo a melhorar... Por exemplo, as Juntas de Freguesia estão mais... portanto têm mais... agora são mais responsabilizadas pela manutenção das escolas e tudo o mais... A nível da Junta de (...), tenho tido... tiro as fotocópias que quero, nem sequer há número limite... têm disponibilidade... pronto... dão material de limpeza, dão papel higiénico e essas coisas e depois temos 2.500\$00 para material de... de uso na escola... E eu, houve uma altura em que tive falta de um tinteiro para a impressora e disse assim: “ah, se vocês não se importassem eu não entregava a factura deste mês e juntava duas para comprar o tinteiro...” “Ah, faça lá, tudo bem... mesmo que tenha de ser mais 1.000\$00, ou coisa assim, esteja à vontade.. não pode ser mais porque as verbas são limitadas, mas não deixe lá de comprar o que tem falta...”

Ent. – Há essa abertura...

D1 – Agora, no S. Martinho, compraram as castanhas, compraram essas coisas... Na festa de Natal, também não há limites para as prendas dos meninos... Penso que gostam de apoiar...

Ent. – Para terminar...

(risos)

Ent. – ... a conversa já vai longa... O que é que pensa que vai mudar... o que é que gostaria de mudar na sua prática? De futuro... porque ainda está muito longe do fim da carreira...

D1 – Da minha prática? Continuar sempre a aprender!

Ent. – Sim... ter esse espírito...

D1 – Ter esse espírito de pensar sempre que posso aprender mais... e que posso aprender sempre mais um bocadinho com a colega que está ao lado... Pronto... aquilo que ela sabe de certeza que

não é igual ao que eu sei, não é? É importante haver sempre uma troca com a colega do lado, não fechar.... Espero ter sempre esse espírito e de não me deixar cair um bocadinho em desânimo... poderemos correr esse risco... Espero ter sempre assim um bocadinho de brilhinho para continuar... E dificuldades tenho, não digo que não tenho, tenho ao longo da vida indecisões... Penso que, se calhar, por ser uma pessoa responsável, sou capaz de achar sempre que sei menos “ai, se calhar não está bem...” Pronto... gostaria de sentir-me sempre com vontade de aprender, de nunca achar que sei o suficiente e de haver também condições para eu poder aprender, nomeadamente, pronto... quando vêm assuntos novos, como esta tal reorganização... que a pessoa tenha hipóteses de frequentar uma acção ou um esclarecimento válido pelas entidades competentes, para a gente não andar assim neste mar sem... rumo...

(risos)

Ent. – Bem, obrigadíssima, pelo tempo que me dispensou para esta conversa... Sei que foi um bocadinho longa mas... as conversas são mesmo assim... uns assuntos puxam os outros...

(risos)

D1 - Não... Eu gosto de falar, de conversar sobre estas nossas coisas...

Ent. - Muito obrigada, mais uma vez.

1º tratamento da Entrevista D1

(...) 39 [anos].

(...) fiz o Magistério (...)

(...) estou a fazer [um Complemento de Formação] (...)

(...) os meus primeiros três anos foram [numa] (...) zona rural (...)

(...) Já estou no décimo sétimo... Eu comecei a trabalhar em 84...

(...) Depois vim para o concelho de Mértola...

(...) [Tenho estado] Sempre em escolas pequenas. Estive na (...), dois anos; estive em (...), dez e é o terceiro que estou nesta. (...)

(...) Este decréscimo [de alunos] (...) é sempre complicado, mas... podemos superar um bocadinho o isolamento na medida em que foram criadas estas condições de juntá-los para actividades... a Ludoteca, a Educação Física... em que nos juntamos sempre quinzenalmente... (...) a Ludoteca tem cerca de nove anos e agora a natação... a piscina, dois... (...) isso tem feito com que haja menos isolamento, embora as turmas sejam reduzidas... Mas é diferente, numa turma com... poucos alunos... o espírito de equipa, a cooperação... (...) isso falha... (...)

(...) [Tenho sido] Sempre titular de turma.

(...) [Sobre a realização de acções de formação] (...) Faço sempre acumulação de créditos... (...) quando qualquer tema me interessa, costumo ir... Frequento bastantes...

(...) [Acerca de uma acção de formação que tenha considerado significativa] (...) Foi uma oficina de formação que eu gostei muito. (...) o trabalho era mesmo sobre as escolas rurais... os problemas, como é que solucionávamos esses problemas (...) depois havia troca de experiências entre os grupos e para mim foi uma acção que teve algum valor. (...) Depois houve duas de Matemática que... que gostei e de... de trabalhos manuais que também gostei... (...) [Influenciaram a] prática. Porque trazia qualquer coisa para fazer com os meninos, nomeadamente essas de... de pintura... Houve uma em que era a pintura em materiais vítreos, outras era sobre cerâmica... (...) foram coisas que nós depois fazíamos na sala...

(...) [Sobre o Complemento de Formação] (...) Tenho tido alguma decepção. Porque nas cadeiras... pelo menos as cinco que tenho agora, à excepção das tecnologias (...) das aulas de computador, que é uma coisa que nós aproveitamos quando chegamos à escola... não vi nada que me possa ajudar... Acho que são muito teóricas... (...) [Os] trabalhos de grupo acabam por ser sempre positivos porque antes de começar a trabalhar falou-se da aula e dos meninos e dos nossos problemas “ai, mas olha eu fiz assim...” e acaba por uma coisa beneficiar a outra... (...)

(...) [Sobre experiências da sua prática que tenham sido significativas] (...) foi para aí no meu

segundo ano... (...) E penso que foi... qualquer coisa de realce, foi a Feira das Escolas, um projecto (...) que depois teve seguimento em Mértola, durante seis, sete anos, salvo erro... (...) Esse projecto foi lançado pelo inspector (...) (...) No âmbito das actividades da inspecção... (...) Ele era uma pessoa com muitos sonhos, com ideais... (...) foi para a inspecção e começou... a visitar as pessoas, numa forma não de inspecionar a nível administrativo, mas dar apoio... dizendo que as pessoas faziam coisas tão bonitas nas suas salas que ficavam escondidas, que ninguém via... (...) ele queria levar isso para a comunidade... Foi a primeira pessoa que trouxe a comunidade... quer a comunidade à escola, quer a escola à comunidade... e então fez-se esse projecto... (...) Marcou, sem dúvida... (...) foi um projecto que se repetiu muitos anos (...) em parte coisas que se fazem, como no final de ano, as exposições que se fazem... é um bocadinho desse espírito que ficou... porque foram alguns anos...

(...) [*Sobre a Feira das Escolas*] (...) o nosso plano pedagógico, era traçado em Conselho Escolar... na altura era o nosso projecto. E então faziam-se trabalhos que iam ao encontro daquele projecto, como nós fazemos hoje... Depois... no final do ano, havia uma exposição concelhia... Portanto, cada pessoa levava... (...) o que de melhor tinha feito, mas era um trabalho de um ano... Ia-se fazendo, fazendo e levava-se... cada escola tinha o seu cantinho... na exposição... (...) Depois havia também a parte da comunidade, em que as pessoas ofereciam às vezes artesanato... coisas que sabiam fazer e davam o seu contributo para aquela... a escola da sua terra também estar representada com artesanato da localidade... e esse artesanato era vendido. Havia a parte da exposição (...) E depois havia (...) a parte da venda que revertia a favor... da escola, era um apoio financeiro... o dinheiro que se fazia... (...) Havia a troca de experiências... (...) havia sempre, no final, um momento de reflexão... os professores, a inspecção, a delegação escolar na altura... e então fazia-se... “olha, eu fiz isto de positivo... achei que aconteceu isto, devia ter feito assim porque, se calhar, foi negativo ter seguido esta estratégia...” (...) Fazia-se a avaliação do trabalho (...) até aí as pessoas trabalhavam de um modo mais individual (...) não havia aquela motivação (...) fazia-se, ficava ali... E então com a Feira das Escolas começou-se a mostrar aos outros... a fazer-se e a pôr na parede... Há dezassete anos atrás... quando comecei... não se expunha (...) o que se fazia não se expunha... E nessa altura, portanto... havia aquele entusiasmo, aquele realce por expor, para... O ano passado participei num projecto do I.C.E. sobre escolas rurais ou escolas isoladas e estou novamente este ano... (...) é um projecto em que... é engraçado, faz-se sempre um dia chamado o Dia Diferente, mensalmente ou de dois em dois meses... Os meninos mostram aos outros meninos, pronto... e à comunidade em geral o trabalho que têm feito na sua sala, qualquer trabalho que se ache justificativo para aquele dia... Depois há sempre um convívio com os de mais idade... Cada vez é uma escola hospedeira, cada um desses dias é uma das escolas envolvidas no projecto que recebe as outras... E aí faz os seus convites à comunidade, se houver um artesão (...) alguém que possa mostrar qualquer coisa de importante aos meninos e essa pessoa vem... depois há um lanche partilhado, enfim, é um convívio... (...) Sempre com esse espírito de

partilha... E este projecto dá créditos... portanto, um crédito, por cada ano... É considerado Oficina [*de Formação*] (...) porque depois há uma parte também (...) entre os docentes e vem alguém do I.C.E. dar formação... e depois há seguimento com as crianças na escola... (...) podem fazer-se, por exemplo, *ateliers*... no Dia Diferente... pintura, barro... (...) as áreas da expressão (...) Às vezes há o momento da poesia, que eles recitam, o teatro, dramatização... (...) são aquelas actividades a nível de expressões... E poderá também haver doutro tipo... Por exemplo, o ano passado fizemos o Dia da Árvore... O Dia Diferente foi após o Dia da Árvore e... aproveitámos os trabalhos que tínhamos feito para aquele dia... para mostrar o que cada escola tinha feito... os cartazes, depois... as regras que devemos ter para proteger a árvore, a natureza, enfim...

(...) [*Sobre a avaliação do trabalho conjunto*] No global, para mim é positivo... E quando se trata de uma escola como esta... com dois meninos, é sempre importante porque juntam-se com outros meninos: o convívio, o mostrar aquilo que fazem... pronto, é positivo... (...) Nestes Dias Diferentes a avaliação é feita pelos meninos e pelos professores... O ano passado os meninos vinham para a escola e faziam por escrito ou através de um desenho, os que não sabem escrever, aquilo que tinham achado do Dia Diferente e cada professor fazia a sua reflexão por escrito... (...) para a coordenadora do projecto... (...) que está requisitada pelo I.C.E. e que vem sempre que há um Dia Diferente... Ela cobre esta zona... depois, discute-se, quer dizer... cada pessoa faz a sua avaliação e depois num grande grupo, quando nos juntamos... os professores... normalmente aproveitamos as reuniões de núcleo, no início ou no final da reunião, vem a coordenadora e depois nós falamos um bocadinho...

(...) O projecto tem sido assim: o ano passado foi o início... Começámos em Fevereiro e era qualquer coisa de novo... De novo de nome, porque afinal o desenvolvimento e o conteúdo nós já fazíamos... (...) só que não lhe chamávamos Dias Diferentes, mas era normal na Páscoa, nós fazemos... juntarmo-nos e fazermos folares... já tínhamos feito, na altura do Dia da Criança juntarmo-nos e fazermos actividades conjuntas; no Dia da Árvore a mesma coisa, chamar pessoas; muitas vezes, no Carnaval, vinha sempre a comunidade comer um bolinho, ou no Natal... Pronto... aqueles dias festivos, mas nós não chamávamos o Dia Diferente... É as tais coisas que fazemos, mas muitas vezes não lhe chamamos... e não lhe damos o devido... impacto... (...) Tem-se juntado um bocado aquilo que se fazia, com uma parte mais de reflexão, mais de formação...

(...) eu penso que sempre que nos juntamos, para ouvir a opinião de um colega... pelo menos, na minha opinião, acho sempre que é positivo porque, se calhar, é capaz de enriquecer um pouco mais aquilo que nós fazemos (...) Às vezes, estes projectos, estas coisas, não é que nos venham dar... (...) ensinar qualquer coisa de novo, porque aquilo, no fundo, são coisas que nós fazemos no dia a dia... Fazemos no dia a dia só que... (...) faz-se e não passa dali e com o tal projecto aquilo... vê-se mais no papel (...) “A escola tal participou no projecto tal...” E, se calhar, é capaz de haver um crédito, porque aquilo houve uma formação à volta daquilo... Portanto, torna-se mais rico, embora a nossa criatividade... o nosso trabalho prático... pedagógico penso que é nosso... tem-se

vindo a adquirir... Mesmo sem ser num projecto, sem ser nada de especial... nós falamos com as colegas... “Olha, eu faço assim, como é que tu fazes?” (...) é sempre positivo... (...) E dá outro ânimo aos professores (...)

(...) A nível da Associação e do Clube Náutico, as entidades é que têm vindo à escola... (...) Fazer propostas às escolas (...) Isso se calhar deve-se... as escolas já... é muita coisa (...) Se calhar... não há tempo para nós dizermos “vamos à entidade para...” (...) Há muita oferta neste concelho, penso isso... (...) em parte essas propostas [*das entidades*] acabam por anular um pouco a nossa criatividade... porque acabamos por seguir as propostas que nos fazem... em parte as coisas, às vezes, não são aquilo que mais deveriam ser, não que não sejam válidas (...) Mas se nós... as escolas nos metermos em muitas coisas... se calhar não desenvolvemos tão a fundo, ou com tanta calma, que às vezes também é necessário... um projecto... É que há alturas em que... olhe, por exemplo, este ano, esta escola tem um projecto do I.C.E., depois é o Projecto da Campanha da Azinheira... que é da Associação... Portanto, já são dois (...) E depois a nível do nosso Conselho de Núcleo, há sempre o nosso projecto (...) O projecto da nossa escola, o projecto de turma... Portanto, já são três... (...) o das Escolas Isoladas era uma continuação... o ano passado tínhamos aceiteado e como começámos já a meio do ano... Começámos em Fevereiro... de Fevereiro a Junho, portanto... aquilo foi... o início. Eu, pessoalmente, pensei que o projecto seria mais consolidado se tivesse uma sequência (...) E este ano podemos consolidar mais as coisas, para fazer um balanço final com mais reflexão e se calhar com mais argumentos, para propor outras coisas... Este ano portanto... não se justificava muito não ir aderir... Depois tenho o da Azinheira... (...) Às vezes é difícil dizer não! É difícil dizer não porque as pessoas... Eu, por exemplo, trabalho neste concelho há catorze anos... as pessoas já mantêm um certo... uma certa relação com estas entidades que são disponíveis, quando se solicita qualquer coisa... Depois quando vêm, a pessoa parece que fica... Se é um colega que passa por cá um ano e no outro ano não vem, se calhar está mais à vontade e diz “olhe, este ano até nem tenho a minha vida pessoal muito a jeito...” Porque depois estas coisas também comprometem um bocadinho a nossa vida pessoal... (...) Requerem tempo, às vezes horas pós-laborais, para reuniões, para encontros e pronto... às vezes a pessoa também vai um bocadinho também porque... para não ferir, entre aspas (...) já entrei nesta dinâmica e para não... não ir muito aquém das expectativas que as pessoas já pensam... já têm quase a certeza que a pessoa participou e que vai participar... e têm quase a certeza que vão aderir e depois seria assim... um pouco complicado, para quem já está no terreno há mais tempo, dizer não... (...) às vezes o aceitar também é um bocadinho... pelas vantagens materiais que às vezes nos dão... para as actividades...

(...) [*Sobre o tempo despendido com os projectos conjuntos com outras entidades*] (...) É tempo para planificar, é tempo para fazer a avaliação, é tempo para... de vez em quando também há encontros... das pessoas envolvidas... No caso dos professores... na tarde em que poderia ir para casa vou para a Associação, enfim... uma série de coisas... E depois há um problema... temos

também o nosso... pronto, os nossos meninos... Isto é tudo muito bonito, fala-se do currículo, fala-se de alternativa, mas depois em Maio, os meninos de 4º ano têm uma prova de aferição que não tem a ver com nenhum projecto que a escola tenha desenvolvido... Vem um texto e vem uma prova de matemática e tem tudo de norte a sul, igual... E o que é certo é que esses conhecimentos têm que ser dados (...)

(...) [*Sobre as actividades conjuntas entre as escolas*] (...) É sempre óptimo... (...) [*Os alunos das escolas unitárias*] formam mesmo uma nova turma, porque eles já têm relações, pronto... de amizade e de convívio, bastante razoáveis. E portam-se bem, não há atritos, não há... (...) eles próprios... agrupam-se... e não há isolamentos. E as professoras das várias escolas é como se fossem professoras daquele grupo todo... Eles pedem ajuda a mim ou a outra colega ou a outra... Portanto... os meus alunos se estiver outra colega mais próximo, dirigem-se a ela... “ai, professora posso fazer isto...” (...) A que estiver mais próximo é que é a professora... Por exemplo, há um aluno da escola de (...), se eu estiver mais perto, sou eu que sou solicitada, não é a professora, ou vice-versa... (...) organizamo-nos naturalmente... é como calha...

(...) [*Sobre a planificação das actividades conjuntas*] Normalmente... decidimos isso na semana anterior, de acordo, pronto... com a proximidade de certas datas... Por exemplo... estamos próximos do S. Martinho e então... fazemos qualquer coisa que tenha a ver com esse dia... se estamos quase na Feira do livro, aproveitamos e fazemos os cartazes de divulgação... Agora vem o Natal... eles já começaram a fazer as figuras do presépio, na próxima semana irão depois pintar e daqui a quinze dias... já estão secas e vamos ver uma cançãozinha de Natal... É isto mais ou menos... e tentamos aproveitar estas... mais valias da Ludoteca... os meninos requisitam livros e no final costuma haver um espaço para jogos... (...)... que não há nas escolas, que são mais reduzidas, sim...

(...) [*Sobre a adequação do currículo aos alunos*] Para mim é tudo uma novidade, confesso que tenho alguma complicação, faço como posso, não sei se faço bem, não sei se faço mal... porque... sigo muito o programa... O currículo, a flexibilidade... mas depois vejo uma prova que não é... Se há a flexibilidade... as provas teriam que ser, no mínimo... diferentes... Se há um currículo a nível do concelho (...) Competências que se traçam a nível dos meninos do concelho, de um agrupamento... essas provas teriam de ser feitas de acordo com aquelas competências que se tinham traçado para os meninos. Mas como isso não acontece... a pessoa faz... tenta lá arranjar um “currículozinho”, definir competências para os meninos, mas no fundo, no fundo, na realidade... vai-se lá ver como é que foi a prova do ano anterior e tenta-se sempre que os meninos alcancem aquele geral, para quando chegar Maio, eles não fazerem assim má figura... Não serão os meninos, será a escola, é a escola que vai identificada na prova...

(...) penso que quando se fala num currículo devia haver... devia haver uma outra maneira de o dirigir... Pronto, traçava-se esse currículo, definia-se mas... a avaliação, essa prova aferida, tinha que ser noutros moldes... E aí a pessoa estava tranquila... (...) a nossa escola vai estar em causa...

Se o aluno não fez nada da prova... e nestas escolas há um aluno ou dois... de 4º ano, isso é muito complicado para um professor... (...) Um aluno funciona como 100%. (...) Isso é complicado para um professor que seja responsável, mesmo que não queira, não se abstrai muito disso. (...) os projectos estão num lado e o dito programa continua a ser outro caminho que a pessoa acaba por seguir, às vezes, separadamente... (...) Embora se dê a volta... (...) Tento partir sempre para aquilo que quero, mas partindo sempre do que é deles, em qualquer tema... para chegar, chegar lá ao tal... à tal... ao tal desencadear para a prova aferida... Mas parto sempre, sempre, sempre deles... daquilo que se fala (...) e a partir dali tentar, depois dar o salto para mais além, mas sem ser só aquilo de... de despejar, para que o aluno sinta que aquilo lhe diz alguma coisa...

(...) [*Sobre a organização do trabalho*] (...) eu faço a minha planificação quinzenal e diária, portanto... A quinzenal a nível das áreas e dos conteúdos... os conteúdos, os objectivos, as estratégias (...) que penso que são úteis para o desenvolvimento das actividades... Depois faço a planificação diária, muito simples... Normalmente posso fazer com eles ou não... Para ser sincera, mesmo quando é com eles eu tento sempre (...) porque eles às vezes são muito... são um bocadinho irresponsáveis... (...) faço... de modo a levar a água ao moinho, mas de acordo com eles... “Vamos fazer isto ou preferem aquilo antes...” (...) Eu digo “olha, escuta... amanhã vamos lá ver... vamos apresentar um texto, por exemplo, sobre o Corpo Humano... o que é que poderemos fazer depois do texto?” “Ah, professora podemos fazer aquelas perguntinhas, para entender o texto e a interpretação...” E outro diz “ai, olhe eu não entendi bem os pronomes... podíamos treinar os pronomes...” E pronto... tudo bem... mas pode-se sempre.. os meus alunos não têm muita maturidade para ser eles a definir (...) era um grupo muito homogéneo e fez-se um trabalho diferente nesse ano... (...) Diferente porque elas tinham autonomia e tinham capacidade de trabalhar (...) Houve um ano em que tive um grupo (...) era um grupo que trabalhava sozinho... Eu tinha uns ficheiros, e elas conseguiam... acabavam uma actividade e sabiam que tinham ali um ficheiro, tiravam, faziam, viam a auto-correcção, esquecendo-se até que havia as soluções nas costas... E faziam com alguma facilidade o plano diário... Mas agora planifico quinzenalmente e diariamente as actividades que faço... (...) as primeiras planificações que fiz foi com uma colega que não pertence ao meu grupo de núcleo... (...) Temos afinidade em termos de amizade, trabalhamos em escolas semelhantes e juntamo-nos sempre... Na semana, por exemplo, ela deu-me umas aulinhas de computador, porque ela entende mais que eu... (...) e depois fizemos o plano de Outubro e até fizemos logo o de Novembro, portanto... (...) Temos, mais ou menos, pronto... confiança uma com a outra. Temos turmas com características iguais... poucos alunos, os mesmo anos (...) Faz-se assim a planificação de dois meses e depois a nível quinzenal, eu gosto de fazer na minha sala, depois sozinha (...)

(...) [*Sobre a avaliação do trabalho desenvolvido*] (...) os meus meninos também fazem. Tenho uma espécie de uma grelhazinha muito simples (...) Por exemplo, a nível da matemática... “consegui aprender ou memorizar a tabuada do 6...” e ele põe lá a cruzinha se sim ou se não... (...)

[As grelhas] foram feitas em grupo... Às vezes, faz-se; às vezes, há trocas entre as colegas; às vezes, vêm em livros e depois nós adaptamos... (...) mas não tenho nenhuma feita da minha autoria... umas complementam as outras... Os meninos fazem esse registo e eu faço o meu... muito simples, faço o registo... se foi cumprido na íntegra, se não foi... porque é que não foi... Às vezes, não foi porque os meninos... a gente faz uma planificação, mas há temas que não ficam bem... A gente pensa “olha, nestes quinze dias vou dar, por exemplo, a numeração romana até mil...” mas viu-se que os meninos não atingiram, então passa automaticamente para outra quinzena... Estava planificado, mas se os objectivos não foram atingidos... temos de voltar atrás... Mas, por acaso, este ano, costumo cumprir... porque não são alunos com problemas. (...)

(...) [Nas escolas com poucos alunos] é possível individualizar... (...)

(...) eles vão fazendo o trabalhinho deles... (...) estou sempre disponível... “eu tenho esta dúvida aqui...” eu estou ao lado e esclareço a dúvida... É como uma explicação! (...) Embora sejam poucos, gosto muito de fazer assim qualquer coisa diferente... não é só lá a ficha e o manual... para expor na parede... para que eles, mesmo sendo poucos, sintam que produzem alguma coisa... (...) no início de cada ano... a sala está vazia e depois vamos expondo... por cada tema (...) Em vez de serem todos os trabalhos para ficarem no *dossier* ou no caderno que têm (...) fazem, de vez em quando, um para por na parede... (...) também para mostrar aos outros que também se faz qualquer coisa mesmo... sendo poucos... senão ficamos aqui tipo uma explicação... para eles não tem muita motivação...(..)

(...) [Sobre o comportamento dos alunos nas actividades conjuntas entre escolas] Ai, é do melhor... (...) Estes gostam muito de apresentar os trabalhos, mesmo em palco... Têm um à vontade muito grande perante um grande grupo... O ano passado num Dia Diferente que eles tiveram, no último dia, em Junho, aproveitou-se a festa de final do ano para um Dia Diferente e então as mães dos meninos estavam num Curso, daqueles Cursos de Formação, do Centro de Emprego... (...) e depois conseguiram ter um tempinho para ir lá... também veio o formador que estava com elas... e acabou por vir a turma toda... E o senhor... o formador ficou maravilhado... disse que nunca pensou ver numa terrinha destas, tão pequena... os meninos apresentarem coisas tão bonitas e com um à vontade tão grande... E aquilo depois é gratificante...

(...) [Sobre a participação dos pais nas actividades da escola] (...) nesse aspecto nunca tive... pronto, problema algum. São sempre receptivos! (...) Eu quando tenho qualquer coisa, mando sempre um bilhetinho e as mães mandam um bilhetinho também... Quando é assuntos de força maior... reuniões... já tenho feito a reunião depois das cinco horas... quando foi para acertar o calendário, para eleger o representante dos pais... (...)

(...) Os pais vêm à escola quando são solicitados. Mesmo nesses Dias Diferentes somos nós a solicitar e até a motivar... Mandamos o convite e depois... eu costumo dizer “vejam lá se aparecem... porque é a nossa escola a receber...” para os motivar... (...) ao longo da carreira, portanto... sempre tive o apoio quando pedi, com a maior das disponibilidades, sempre

impecáveis, muito próximos... Vêm quando são chamados ou... também acontece... se passarem um dia por aqui... até são capazes de vir cumprimentar, perguntar como é que está o menino... Mas tirando isso...

(...) [*Sobre a participação dos pais na avaliação*] (...) Costumo no final de cada período, portanto... tento sempre falar com eles... Quando eles não podem vir, eu já tenho chegado até a telefonar “ah, mas quando é que vocês podem passar por aqui, para a gente falar um bocadinho?” Se for só por escrito e eles muitas vezes não... (...) Não lêem e, às vezes, não entendem bem... Eu costumo sempre... (...) naquela parte da ficha em que diz “apreciação global”, tentar ter uma linguagem mais prática e ser sintético, para eles, (...) grande entenderem, pelo menos onde o aluno tem mais dificuldade, onde é que deve ter mais acompanhamento em casa... se na leitura, ou nisto ou naquilo... Mas é sempre complicado, gosto sempre depois de dar uma palavrinha, fazer um resumo daquilo que vai foi escrito...

(...) [*Sobre os manuais escolares*] Uso, uso... Não sou... não dependo dos manuais escolares, mas uso e com alguma frequência, confesso. Portanto, penso que é um instrumento de trabalho que dá jeito e os pais também gostam... (...) Eu sempre tenho usado. A mim, pessoalmente, ajuda-me... para um trabalhinho de casa... eles levam um textozinho para fazer a leitura... Eles têm tão poucos hábitos de leitura... (...) muitos deles não têm... [*livros em casa*] (...) até são capazes de comprar um carro, uma bola ou outras coisas, mas livros não... não há o hábito de comprar livros... E os da biblioteca da escola também são limitados (...) Utilizo as fichas que têm (...) acho que muitas delas estão bem elaboradas, servem para consolidar aquilo que se deu e funciona muito como trabalho de casa... vê-se as dificuldades que o menino teve, corrigem-se... Mesmo na escola há muitas alturas em que eu... textos... não ligo ao livro... procuro outros textos... agora comecei na página um e vou... não... na altura do S. Martinho, há um texto do S. Martinho, eu gostei, dou perfeitamente... O menino lê o texto, faz-se a interpretação, faz a ficha correspondente... E a nível de Estudo do Meio também utilizo manuais...

(...) Tenho computador... *Internet*, também tenho... O computador faz muito jeito... Tenho alguns livros... Para a Matemática... há o tangram, o geoplano... (...)

(...) trago muitas coisas de casa, sim... principalmente a nível de 1º ano... se não se trouxer de casa, material nosso... (*encolhe os ombros*) Até costumo... quando se dão sons... exponho na parede aqueles cartazes que existem... mas tudo material que eu tenho adquirido para mim... Para a matemática também tenho cartazes com... portanto... a numeração, os algarismos, depois a dezena, a dúzia... todas essas noções são expostas na parede... e também outro material... jogos... dominós, lotos... aquelas coisinhas que todas nós temos... (...)

(...) [*Sobre a flexibilidade curricular*] (...) Todas nós ao partirmos das vivências dos alunos ou ao traçarmos um projecto (...) que se enquadre no nosso... no meio, nas vivências dos alunos, já estamos a fazer isso (...) Penso eu que já estamos a fazer! Mas depois sempre há dúvidas... Faz-se, mas parece que é um bocadinho à parte, porque depois temos medo do tal programa... (...) da tal

prova de aferição, que não vem de acordo com... com aquele currículo traçado por nós... (...) para um determinado meio, mas vem a nível... (...) geral! Mas, eu penso que todos nós quando fazemos a gestão curricular, já há flexibilidade... Mas de qualquer forma, sinto dificuldades, tenho as minhas interrogações, interrogo-me muito... (...)

(...) Mas nós podemos... definir as tais competências (...) as que vão ao encontro dos nossos meninos... E ao definirmos essas competências, estamos a seleccionar e aí já estaremos a gerir qualquer coisa, pronto... a flexibilizar qualquer coisa... Portanto currículo... flexibilidade curricular, para mim... são dúvidas, mas eu penso que nós fazemos... Nós já fazemos!

(...) sinto [*falta de formação*] (...) Um esclarecimento, mas um esclarecimento por inteiro! Mesmo nas nossas reuniões de docentes de nível... há duas vezes que vamos... e é sempre... é competências para aqui, é competências para ali e... (*encolhe os ombros*) (...) Definiram-se as competências... (...)O projecto, nada, nada... Definiram-se competências (...) Aquilo era para ser por núcleo... mas a escola da (...) fez e como já terminou... (...) Núcleo de (...). Agora penso que o núcleo de (...) o vai dar aos outros núcleos... (...) achamos que a realidade não era distinta... (...) houve muita confusão... Confusão à volta do... (...) de toda esta novidade... se é que é novidade (...) As pessoas parece que estão na dúvida e não se faz... E uma coisa que me faz a mim confusão também é não temos Projecto Educativo (...) A nível de concelho... E para mim... posso estar errada, mas penso que seria o suporte principal... (...) E faz-me isto confusão, para mim era o suporte máximo. Era o tal Projecto Educativo e a partir desse projecto cada núcleo tinha um sub-projecto daquele projecto (...) Está tudo muito baralhado... (...) não há nada de definido... (...) No nosso núcleo houve necessidade de traçar o Plano Anual de Actividades... Já não existe o nome “Plano Anual de Actividades”, mas nós... por exemplo, temos que calendarizar as nossas visitas de estudo atempadamente, porque a Câmara não aceita pedidos de transporte... em cima da hora ... ora isso tem de ser feito... E tem que haver um plano de trabalho (...) Por que é que não é um Plano de Actividades? O Plano de Actividades não é tudo o que nós desenvolvemos? Não planeamos isso, o que se faz? Porque é que não pode ser Plano Anual de Actividades, é preciso esta mudança de nomes? Os objectivos são os mesmos, as coisas são idênticas... troca-se nomes e a pessoa anda baralhada e confusa... Para mim o Plano Anual de Actividades é uma coisa normal, tem que existir!

(...) Há uma coisa que me faz muita confusão! Um menino que é nosso... deste meio rural, não está impossibilitado... de ir para um meio urbano... (...) Ora, esse menino quando... se quiser, ou tiver possibilidades, ou se o seu percurso lhe permitir a entrada na Universidade... essa Universidade... (...) não vai ser aqui num meozinho rural dele (...) E, então, não sei até que ponto a gente pode traçar um currículo para o nosso menino, só dentro do meio dele... E se esse menino for, por exemplo, transferido para Lisboa? Não haverá qualquer coisa que tenha que ser comum? (...) partindo sempre da realidade, das vivências dele, valorizando a 95% sempre essa parte do menino, mas tentando também que ele não se vá sentir... não se vá sentir (...) desfasado, por

exemplo, se for para uma cidade... (...) Um aluno está agora aqui, mas não pode simplesmente ficar limitado àquilo que o rodeia (...) Podemos sim, traçar um projecto, um plano, que tenha a ver com aquela realidade, mas dando sempre um acréscimo... àquele aluno... Também acho que um menino lá da cidade... será muito triste se pensar que o ovinho apareceu lá de qualquer maneira... Também deve saber as realidades dos outros meninos (...) Teria de haver uma parte que seria de acordo com a realidade de cada escola... uma opção da escola... e uma outra parte comum para todos os alunos... (...)

(...) estas escolas com poucos alunos... já tenho pensado... se eu mandasse, fazia vários núcleos... Por exemplo, nesta zona, estava (...), (...), (...)... (...) Mas tinha de haver condições... Não podia ser só pegar nos meninos e levar para lá (...) Agora fica lá um colega lá com dezassete ou dezoito meninos, todos metidos na mesma sala, com o mesmo material, com o mesmo apoio... isso não.. Primeiro tinham de ser criadas as devidas condições... escolas melhor equipadas, refeitório, auxiliares... enfim, todo o apoio... (...) Condições que essas escolas sozinhas não têm... e penso que se os meninos destas escolas fossem para esse núcleo... era ótimo. E penso que isto seria do interesse das crianças, da motivação do professor, tudo... Até porque muitos dos miúdos destas escolas têm de ser transportados... se foram deslocados para mais dez ou quinze ou vinte quilómetros, não faz grande diferença... isto se tiverem todas as condições... Aí tudo bem! Mas primeiro as condições, depois as mudanças! (...)

(...) O Estudo Acompanhado... nós, no Complemento de Formação... (...) nós achamos que já fazíamos Estudo Acompanhado há muito tempo, só que a gente não sabia que se chamava Estudo Acompanhado! Por exemplo, quando a gente... (...) leva o menino a pesquisar é Estudo Acompanhado; quando o menino faz uma consulta no dicionário, é Estudo Acompanhado... Quem é que de nós não faz esse tipo de coisas (...) Portanto, ajudar o menino a fazer a sua aprendizagem... aprendendo a aprender. Ele aprende a aprender a consultar o dicionário, a fazer pesquisas, recolhas... Todas essas coisas estão encaixadas no tal Estudo Acompanhado, que nós vínhamos fazendo, só que não estava... não estava na nossa planificação, não havia lá essa área, mas estava contemplada. Agora é um bocado complicado e penso que as pessoas andam um bocadinho à margem para fazer este novo enquadramento... Depois a tal Área de Projecto, o Projecto de Turma e tudo o mais... vai-se fazendo, mas não está... bem estruturado, nível de papel bem estruturado...

(...) [*Sobre o Estudo Acompanhado*] (...) Eu faço precisamente como vinha desenvolvendo... Vou desenvolvendo... agora, se calhar, um bocadinho... ou com mais anseio, ou com mais pressão... (...) Por causa de ter uma hora estipulada e isso é qualquer coisa de novo para mim... (...) até aqui fazia como que um complemento das coisas, não é?

(...) A Área de Projecto também está na... está na fase de se tentar, de se fazer... vamos esperar pelo próximo encontro de núcleo... Conselho de Núcleo para ver se conseguimos... fazer... qualquer coisa...

(...) A Educação Cívica... (...) Para mim os valores são muito importantes... Cada um de nós tem a sua maneira de ser e para mim são muito importantes e, por isso, penso que estão à flor da pele sempre com os meus alunos. E gosto (...) de chamar a atenção sempre para o que se deve fazer... o respeito pelos outros, a amizade, a solidariedade... E todos os anos há sempre num cantinho que eu ponho: “o que eu posso fazer para ajudar os outros”... Achei que merecia um espaço... como a gente tem o cantinho para a Matemática, um cantinho para... (...) para outras coisas... (...) É qualquer coisa... ou de reflexão ou de ajuda e que os meus meninos pensam... Aqui está... eu já planificava isso... (...) Eu penso que isso é Educação Cívica (...) A gente... educá-los para os outros... o civismo, os comportamentos, as regras... Ao longo da minha vida, sempre dei muita, muita importância aos valores... Por isso acho que já vinha ao encontro do que eu fazia... porque... pronto... fazia e metia mesmo na parede...

(...) [*Sobre a importância das novas áreas não disciplinares*] (...) eu penso que é importante porque... poderia haver quem praticasse ou quem não praticasse (...) E agora, em princípio... as pessoas vão... têm mesmo que trabalhar isso... (...) Não me vem dar nada de novo, mas concordo que... tenham agora um maior realce....

(...) [*Sobre a Educação Cívica*] (...) Podia passar ao lado de algumas pessoas. Poderia correr-se o risco de haver pessoas que não valorizassem ou valorizassem só o lado da disciplina (...) “Estou aqui só para ensinar e mais nada!” E eu penso que os nossos meninos... (...) antes do ensino, da aprendizagem, há o conceito de educação... os comportamentos, os valores para com os outros... com os pais, com os mais velhos, com nós mesmos... (...) o saber é importante, mas também é importante haver uma formação... humana como base, penso eu.

(...) [*Sobre o Projecto Curricular de Turma*] (...) Tenho um esquema que me foi dado... (...) Foi dado por uma colega de (...)... (...) Foi lá no Complemento, por causa de um trabalho... O esquema foi apresentado à professora da cadeira... esse esquema foi conseguido através de contactos que essa colega tinha e aproveitaram... também estavam nas mesmas incertezas, não tinham nada feito... (...) E vou levá-lo para levar para a próxima reunião de núcleo... (...) Já é alguma coisa... porque nós estamos metidas nisto e queremos fazer as coisas... Pelo menos eu... tento fazer o melhor que posso, mas quando há inseguranças a pessoa não consegue... há incertezas, aquilo é novo... Eu não sei, sinceramente... ou me dão formação, ou tem que se ir copiando, passe a expressão... copiando no bom sentido, por quem está mais avançado... (...) aquilo parte... a identificação da turma... (...) caracterização da turma... a parte do pessoal... (...) turma, alunos, pessoal docente... (...) as áreas curriculares... (...) A avaliação... os parâmetros de avaliação (...) Vamos tentar fazer de acordo com cada turma... Nós estamos... estamos também na dúvida... porque as nossas turmas são pequeninas... são turmas parecidas, têm as mesmas características (...) Se calhar vamos fazer um modelo igual porque a caracterização dos meninos é semelhante (...) Embora, depois eu tenha o meu, a colega do lado tenha o dela...

(...) [*Sobre a necessidade do Projecto Curricular de Turma*] (...) Eu penso que é uma coisa que

tem que ser... impõem, tem que ser feito. Penso que não me irá ajudar muito, mas posso mudar de ideia... quando estiver feito e quando estiver... a ser implementado... (...) depois de estar definido, posso ter uma opinião contrária. Como é novo... pode ser pessimismo meu... ou falta de conhecimento... Mas eu penso que não irá adiantar grande coisa, mas não sei...

(...) A realidade, os tempos... tudo se vai modificando... (...) para quem terminou o curso há dezassete anos... as coisas eram diferentes... portanto, exigia-se menos... não tínhamos que definir projectos... nem nada disso... Quando comecei... a gente fazia a fichinha... tínhamos aquele programa de capa verde (...) Quando comecei, pronto... seguia-se aquilo (...) No mês de Outubro dava-se o Corpo Humano e tal e tal e tal, pronto... planificava-se assim... Depois arranjava uns textos de acordo com aquilo, normalmente era em livros (...) Tudo fechado na sala de aula, tudo fechado na sala de aula. (...) até mesmo as festas de Natal, eram só com os meninos... (...) com outras entidades não havia nada, não... Até mesmo... há catorze anos, quando vim para o concelho de Mértola, não havia nada... não havia Ludoteca, não havia Educação Física, não havia natação, não havia projectos da Oficina da Criança, não havia projectos do Clube Náutico... Aqui uma grande mudança foi a tal Feira das Escolas... com o inspector (...)... A ligação entre a escola e comunidade... para mim, foi a pessoa, o mensageiro dessa... dessa relação (...) trazer os pais à escola e levar a escola à comunidade em geral, mostrar o que a escola faz... Foi uma mudança muito grande... Foi o padrão, a mudança completa... Depois o Centro de Formação também foi qualquer coisa que... (...) pelo menos tentou ir ao encontro das dificuldades... para se mudar estratégias na sala de aula (...)

(...) A forma como nós planificamos agora... é uma planificação mais ao encontro... mais humana, mais pessoal. Portanto, a gente faz aquilo por prazer... Eu penso que se a gente não planificar, não consegue trabalhar (...) E na altura (...) a planificação que se fazia... (...) Nem sequer me interrogava... aos vinte e um aninhos (...) Fazia tudo igual ao que fazia no Magistério... Sabia que tinha que ter... as planificações feitas, naquelas folhas muito grandes... Pensava... “tenho que ter feito... ensinaram-me que eu tenho que ter isto...” (...) o programa em primeiro lugar... era aquele programa de capa verde, rectangular... Ah, mas era tanta escrita! Tinha que ser ali tudo tintim por tintim... mas, quer dizer... era uma coisa para estar ali... E agora a gente planifica de uma outra forma... olha, em primeiro lugar, para os meninos... “ah, mas com estes meninos, isto é descabido...” ou “desta forma não chego lá, se calhar vou fazer assim, vou fazer assado...” Vamos arranjando as coisas a um nível mais pessoal, mais humanizadas... se é que se pode chamar assim...poder chamar... Agora também se trabalha mais em

conjunto... estas coisas de nos juntarmos todas as semanas e não sei quanto, também faz nós diferentes...

(...) [*Sobre o trabalho conjunto*] Para mim vale muito. Para mim vale muito, de facto...

(...) não houve grande mudança [*quando se trabalhava com os objectivos mínimos*] (...)... A Área Escola, sim. Porque na Área Escola eram temas... temas... muito palpáveis, da nossa realidade... A gente desenvolvia sempre qualquer coisa do nosso meio... Lembro-me que em (...), o meu projecto de Área Escola tinha a ver com o pão... Havia duas padarias e a maior parte das pessoas trabalhava na indústria de panificação... naquela aldeia é as padarias eram o suporte (...) Nós fomos lá, falámos com os senhores... fomos ver... (...) Embora os meninos já conhecessem a padaria... iam comprar o pão, tinham lá a mãe ou tinham o tio ou tinham o primo... Mas, se calhar, não tinham ido com olhos de ver... Fizemos entrevistas... saber há quantos anos é que tinham começado, os donos que por lá tinham passado... Foi qualquer coisa que deu... deu alegria a mim e aos meninos... E as pessoas também ficaram contentes... por verem aquele trabalho todo... sobre a terra delas... Fizemos muitos trabalhos... (...) a Área Escola, para mim, foi qualquer coisa de válido! Já não era aquele livro seco, o programa que a gente faz porque tem que fazer... Era já era qualquer coisa que se fazia com gosto, porque era ali, era a realidade daquela gente, daqueles meninos...

(...) Eu penso que (...) [*os pais*] dão cada vez mais valor a isso... à escola estar interessada pelas coisas do meio local... (...) penso que as pessoas estão receptivas também à mudança (...)

(...) [*Sobre a relação da escola com outras entidades*] (...) Tem vindo a melhorar... Por exemplo, as Juntas de Freguesia estão mais... (...) agora são mais responsabilizadas pela manutenção das escolas (...) tiro as fotocópias que quero, nem sequer há número limite... têm disponibilidade... (...) dão material de limpeza, dão papel higiénico e essas coisas e depois temos 2.500\$00 para material de... de uso na escola... E eu, houve uma altura em que tive falta de um tinteiro para a impressora e disse assim: “ah, se vocês não se importassem eu não entregava a factura deste mês e juntava duas para comprar o tinteiro...” “Ah, faça lá, tudo bem... mesmo que tenha de ser mais 1.000\$00, ou coisa assim, esteja à vontade.. não pode ser mais porque as verbas são limitadas, mas não deixe lá de comprar o que tem falta...” (...) Agora, no S. Martinho, compraram as castanhas, compraram essas coisas... Na festa de Natal, também não há limites para as prendas dos meninos... Penso que gostam de apoiar...

(...) [*Sobre a sua prática no futuro*] (...) Continuar sempre a aprender! (...) Ter esse espírito de pensar sempre que posso aprender mais... e que posso aprender sempre mais um bocadinho com a colega que está ao lado... (...) aquilo que ela sabe de certeza que não é igual ao que eu sei (...) É importante haver sempre uma troca com a colega do lado, não fechar... Espero ter sempre esse espírito e de não me deixar cair um bocadinho em desânimo... poderemos correr esse risco... Espero ter sempre assim um bocadinho de brilhinho para continuar... E dificuldades tenho, não digo que não tenho, tenho ao longo da vida indecisões... Penso que, se calhar, por ser uma pessoa

responsável, sou capaz de achar sempre que sei menos “ai, se calhar não está bem...” (...) gostaria de sentir-me sempre com vontade de aprender, de nunca achar que sei o suficiente e de haver também condições para eu poder aprender, nomeadamente (...) quando vêm assuntos novos, como esta tal reorganização... que a pessoa tenha hipóteses de frequentar uma acção ou um esclarecimento válido pelas entidades competentes, para a gente não andar assim neste mar sem... rumo... (...)

Pré-categorização das unidades de significação da Entrevista D1

(...) 39 [anos]. (...) (Idade)

(...) fiz o Magistério (...)... (...) (Percurso profissional)

1. (...) estou a fazer [um Complemento de Formação] (...) (1D1)

(...) os meus primeiros três anos foram [numa] (...) zona rural (...) (Percurso profissional)

(...) Já estou no décimo sétimo... Eu comecei a trabalhar em 84... (...) (Percurso profissional)

(...) Depois vim para o concelho de Mértola... (Percurso Profissional)

(...) [Tenho estado] Sempre em escolas pequenas. Estive na (...), dois anos; estive em (...), dez e é o terceiro que estou nesta. (...) (Percurso profissional)

2. (...) Este decréscimo [de alunos] (...) é sempre complicado (...) (2D1)

3. mas... podemos superar um bocadinho o isolamento na medida em que foram criadas estas condições de juntá-los para actividades... (...) (3D1)

4. (...) a Ludoteca (...) (4D1)

5. (...) a Educação Física... (...) (5D1)

6. (...) em que nos juntamos sempre quinzenalmente... (...) (6D1)

7. (...) a Ludoteca tem cerca de nove anos e agora a natação... a piscina, dois... (...) isso tem feito com que haja menos isolamento, embora as turmas sejam reduzidas... (...) (7D1)

8. (...) Mas é diferente, numa turma com... poucos alunos... o espírito de equipa, a cooperação... (...) isso falha... (...) (8D1)

(...) [Tenho sido] Sempre titular de turma.

9. (...) [Sobre a realização de acções de formação] (...) Faço sempre acumulação de créditos... (...) quando qualquer tema me interessa, costumo ir... (...) (9D1)

10. (...) Frequento bastantes... (...) (10D1)

11. (...) [Acerca de uma acção de formação que tenha considerado significativa] (...) Foi uma oficina de formação que eu gostei muito. (...) o trabalho era mesmo sobre as escolas rurais... os problemas, como é que solucionávamos esses problemas (...) (11D1)

12. (...) depois havia troca de experiências entre os grupos e para mim foi uma acção que teve algum valor. (...) (12D1)

13. (...) Depois houve duas de Matemática que... que gostei (...) (13D1)

14. (...) e de... de trabalhos manuais que também gostei... (...) (14D1)

15. (...) [Influenciaram a] prática. (...) (15D1)

16. (...) Porque trazia qualquer coisa para fazer com os meninos, nomeadamente essas de... de pintura... (...) (16D1)

17. (...) Houve uma em que era a pintura em materiais vítreos, outras era sobre cerâmica... (...) foram coisas que nós depois fazíamos na sala... (...) (17D1)
18. (...) [*Sobre o Complemento de Formação*] (...) Tenho tido alguma decepção. Porque nas cadeiras... pelo menos as cinco que tenho agora, à excepção das tecnologias (...) das aulas de computador, que é uma coisa que nós aproveitamos quando chegamos à escola... não vi nada que me possa ajudar... (...) (18D1)
19. (...) Acho que são muito teóricas... (...) (19D1)
20. (...) [*Os*] trabalhos de grupo acabam por ser sempre positivos porque antes de começar a trabalhar falou-se da aula e dos meninos e dos nossos problemas “ai, mas olha eu fiz assim...” e acaba por uma coisa beneficiar a outra... (...) (20D1)
21. (...) [*Sobre experiências da sua prática que tenham sido significativas*] (...) foi para aí no meu segundo ano... (...) E penso que foi... qualquer coisa de realce, foi a Feira das Escolas, um projecto (...) que depois teve seguimento em Mértola, durante seis, sete anos, salvo erro... (...) (21D1)
22. (...) Esse projecto foi lançado pelo inspector (...) No âmbito das actividades da inspecção... (...) Ele era uma pessoa com muitos sonhos, com ideais... (...) foi para a inspecção e começou... a visitar as pessoas, numa forma não de inspecionar a nível administrativo, mas dar apoio... dizendo que as pessoas faziam coisas tão bonitas nas suas salas que ficavam escondidas, que ninguém via... (...) (22D1)
23. (...) ele queria levar isso para a comunidade... (...) (23D1)
24. (...) Foi a primeira pessoa que trouxe a comunidade... quer a comunidade à escola, quer a escola à comunidade... e então fez-se esse projecto... (...) (24D1)
25. (...) Marcou, sem dúvida... (...) foi um projecto que se repetiu muitos anos (...) em parte coisas que se fazem, como no final de ano, as exposições que se fazem... é um bocadinho desse espírito que ficou... porque foram alguns anos... (...) (25D1)
26. (...) [*Sobre a Feira das Escolas*] (...) o nosso plano pedagógico, era traçado em Conselho Escolar... na altura era o nosso projecto. (...) (26D1)
27. (...) E então faziam-se trabalhos que iam ao encontro daquele projecto, como nós fazemos hoje... (...) (27D1)
28. (...) Depois... no final do ano, havia uma exposição concelhia... (...) (28D1)
29. (...) Portanto, cada pessoa levava... (...) o que de melhor tinha feito, mas era um trabalho de um ano... (...) (29D1)
30. (...) Ia-se fazendo, fazendo e levava-se... cada escola tinha o seu cantinho... na exposição... (...) (30D1)
31. (...) Depois havia também a parte da comunidade, em que as pessoas ofereciam às vezes artesanato... (...) (31D1)

32. (...) coisas que sabiam fazer e davam o seu contributo para aquela... a escola da sua terra também estar representada com artesanato da localidade... (...) (32D1)
33. (...) e esse artesanato era vendido. Havia a parte da exposição (...) E depois havia (...) a parte da venda que revertia a favor... da escola, era um apoio financeiro... o dinheiro que se fazia... (...) (33D1)
34. (...) Havia a troca de experiências... (...) (34D1)
35. (...) havia sempre, no final, um momento de reflexão... os professores, a inspecção, a delegação escolar na altura... (...) (35D1)
36. (...) e então fazia-se... “olha, eu fiz isto de positivo... achei que aconteceu isto, devia ter feito assim porque, se calhar, foi negativo ter seguido esta estratégia...” (...) (36D1)
37. (...) Fazia-se a avaliação do trabalho (...) (37D1)
38. (...) até aí as pessoas trabalhavam de um modo mais individual (...) (38D1)
39. (...) não havia aquela motivação (...) fazia-se, ficava ali... (...) (39D1)
40. (...) E então com a Feira das Escolas começou-se a mostrar aos outros... a fazer-se e a pôr na parede... (...) (40D1)
41. (...) Há dezassete anos atrás... quando comecei... não se expunha (...) (41D1)
42. (...) o que se fazia não se expunha... (...) (42D1)
43. (...) E nessa altura, portanto... havia aquele entusiasmo, aquele realce por expor, para... (...) (43D1)
44. (...)O ano passado participei num projecto do I.C.E. sobre escolas rurais ou escolas isoladas e estou novamente este ano... (...) (44D1)
45. (...) é um projecto em que... é engraçado, faz-se sempre um dia chamado o Dia Diferente, mensalmente ou de dois em dois meses... (...) (45D1)
46. (...) Os meninos mostram aos outros meninos, pronto... e à comunidade em geral o trabalho que têm feito na sua sala, qualquer trabalho que se ache justificativo para aquele dia... (...) (46D1)
47. (...) Depois há sempre um convívio com os de mais idade... (...) (47D1)
48. (...) Cada vez é uma escola hospedeira, cada um desses dias é uma das escolas envolvidas no projecto que recebe as outras... (...) (48D1)
49. (...) E aí faz os seus convites à comunidade, se houver um artesão (...) alguém que possa mostrar qualquer coisa de importante aos meninos e essa pessoa vem... (...) (49D1)
50. (...) depois há um lanche partilhado, enfim, é um convívio... (...) (50D1)
51. (...) Sempre com esse espírito de partilha... (...) (51D1)
52. (...) E este projecto dá créditos... portanto, um crédito, por cada ano... (...) (52D1)
53. (...) É considerado Oficina [*de Formação*] (...) (53D1)
54. (...) porque depois há uma parte também (...) entre os docentes (...) (...) e vem alguém do I.C.E. dar formação... (...) (54D1)

55. (...) e depois há seguimento com as crianças na escola... (...) podem fazer-se, por exemplo, *ateliers*... no Dia Diferente... pintura, barro... (...) (55D1)
56. (...) as áreas da expressão (...) (56D1)
57. (...) Às vezes há o momento da poesia, que eles recitam (...) (57D1)
58. (...) o teatro, dramatização... (...) (58D1)
59. (...) são aquelas actividades a nível de expressões... (...) (59D1)
60. (...) E poderá também haver doutro tipo... Por exemplo, o ano passado fizemos o Dia da Árvore... (...) (60D1)
61. (...) O Dia Diferente foi após o Dia da Árvore e... aproveitámos os trabalhos que tínhamos feito para aquele dia... para mostrar o que cada escola tinha feito... os cartazes, depois... as regras que devemos ter para proteger a árvore, a natureza, enfim... (...) (61D1)
62. (...) [*Sobre a avaliação do trabalho conjunto*] No global, para mim é positivo... (...) (62D1)
63. (...) E quando se trata de uma escola como esta... com dois meninos, é sempre importante porque juntam-se com outros meninos: o convívio (...) (63D1)
64. (...) o mostrar aquilo que fazem... pronto, é positivo... (...) (64D1)
65. (...) Nestes Dias Diferentes a avaliação é feita pelos meninos e pelos professores... O ano passado os meninos vinham para a escola e faziam por escrito (...) (65D1)
66. (...) ou através de um desenho, os que não sabem escrever, aquilo que tinham achado do Dia Diferente (...) (66D1)
67. (...) e cada professor fazia a sua reflexão por escrito... (...) para a coordenadora do projecto... (...) que está requisitada pelo I.C.E. e que vem sempre que há um Dia Diferente... (...) (67D1)
68. (...) Ela cobre esta zona... depois, discute-se, quer dizer... cada pessoa faz a sua avaliação (...) (68D1)
69. (...) e depois num grande grupo, quando nos juntamos... os professores... normalmente aproveitamos as reuniões de núcleo, no início ou no final da reunião, vem a coordenadora e depois nós falamos um bocadinho... (...) (69D1)
70. (...) O projecto tem sido assim: o ano passado foi o início... Começámos em Fevereiro e era qualquer coisa de novo... De novo de nome, porque afinal o desenvolvimento e o conteúdo nós já fazíamos... (...) (70D1)
71. (...) só que não lhe chamávamos Dias Diferentes (...) (71D1)
72. (...) mas era normal na Páscoa, nós fazemos... juntarmo-nos e fazemos folares... já tínhamos feito (...) (72D1)
73. (...) na altura do Dia da Criança juntarmo-nos e fazemos actividades conjuntas (...) (73D1)
74. (...) no Dia da Árvore a mesma coisa, chamar pessoas (...) (74D1)
75. (...) muitas vezes, no Carnaval, vinha sempre a comunidade comer um bolinho, ou no Natal... (...) (75D1)

76. (...) Pronto... aqueles dias festivos, mas nós não chamávamos o Dia Diferente... (...) (76D1)
77. (...) É as tais coisas que fazemos, mas muitas vezes não lhe chamamos... e não lhe damos o devido... impacto... (...) (77D1)
78. (...) Tem-se juntado um bocado aquilo que se fazia, com uma parte mais de reflexão, mais de formação... (...) (78D1)
79. (...) eu penso que sempre que nos juntamos, para ouvir a opinião de um colega... pelo menos, na minha opinião, acho sempre que é positivo (...) (79D1)
80. (...) porque, se calhar, é capaz de enriquecer um pouco mais aquilo que nós fazemos (...) (80D1)
81. (...) Às vezes, estes projectos, estas coisas, não é que nos venham dar... (...) ensinar qualquer coisa de novo, porque aquilo, no fundo, são coisas que nós fazemos no dia a dia... (...) (81D1)
82. (...) Fazemos no dia a dia só que... (...) faz-se e não passa dali e com o tal projecto aquilo... vê-se mais no papel (...) (82D1)
83. (...) “A escola tal participou no projecto tal...” (...) (83D1)
84. (...) E, se calhar, é capaz de haver um crédito, porque aquilo houve uma formação à volta daquilo... (...) (84D1)
85. (...) Portanto, torna-se mais rico, embora a nossa criatividade... o nosso trabalho prático... pedagógico penso que é nosso... tem-se vindo a adquirir... Mesmo sem ser num projecto, sem ser nada de especial... nós falamos com as colegas... (...) (85D1)
86. (...) “Olha, eu faço assim, como é que tu fazes?” (...) (86D1)
87. (...) é sempre positivo... (...) (87D1)
88. (...) E dá outro ânimo aos professores (...) (88D1)
89. (...) A nível da Associação e do Clube Náutico, as entidades é que têm vindo à escola... (...) Fazer propostas às escolas (...) (89D1)
90. (...) Isso se calhar deve-se... as escolas já... é muita coisa (...) (90D1)
91. (...) Se calhar... não há tempo para nós dizermos “vamos à entidade para...” (...) (91D1)
92. (...) Há muita oferta neste concelho, penso isso... (...) (92D1)
93. (...) em parte essas propostas [das entidades] acabam por anular um pouco a nossa criatividade... porque acabamos por seguir as propostas que nos fazem... (...) (93D1)
94. (...) em parte as coisas, às vezes, não são aquilo que mais deveriam ser, não que não sejam válidas (...) (94D1)
95. (...) Mas se nós... as escolas nos metermos em muitas coisas... se calhar não desenvolvemos tão a fundo, ou com tanta calma, que às vezes também é necessário... um projecto... (...) (95D1)
96. (...) É que há alturas em que... olhe, por exemplo, este ano, esta escola tem um projecto do I.C.E., depois é o Projecto da Campanha da Azinheira... que é da Associação... Portanto, já são dois (...) (96D1)

97. (...) E depois a nível do nosso Conselho de Núcleo, há sempre o nosso projecto (...) O projecto da nossa escola, o projecto de turma... Portanto, já são três... (...) (97D1)
98. (...) o das Escolas Isoladas era uma continuação... o ano passado tínhamos aceiteado e como começámos já a meio do ano... Começámos em Fevereiro... de Fevereiro a Junho, portanto... aquilo foi... o início. (...) (98D1)
99. (...) Eu, pessoalmente, pensei que o projecto seria mais consolidado se tivesse uma sequência (...) (99D1)
100. (...) E este ano podemos consolidar mais as coisas, para fazer um balanço final com mais reflexão e se calhar com mais argumentos, para propor outras coisas... (...) (100D1)
101. (...) Este ano portanto... não se justificava muito não ir aderir... (...) (101D1)
102. (...) Depois tenho o da Azinheira... (...) (102D1)
103. (...) Às vezes é difícil dizer não! (...) (103D1)
104. (...) É difícil dizer não (...) (104D1)
105. (...) porque as pessoas... Eu, por exemplo, trabalho neste concelho há catorze anos... as pessoas já mantêm um certo... uma certa relação com estas entidades que são disponíveis, quando se solicita qualquer coisa... (...) (105D1)
106. (...) Depois quando vêm, a pessoa parece que fica... (...) (106D1)
107. (...) Se é um colega que passa por cá um ano e no outro ano não vem, se calhar está mais à vontade e diz “olhe, este ano até nem tenho a minha vida pessoal muito a jeito...” (...) (107D1)
108. (...) Porque depois estas coisas também comprometem um bocadinho a nossa vida pessoal... (...) (108D1)
109. (...) Requerem tempo, às vezes horas pós-laborais, para reuniões, para encontros e pronto... (...) (109D1)
110. (...) às vezes a pessoa também vai um bocadinho também porque... para não ferir, entre aspas (...) (110D1)
111. (...) já entrei nesta dinâmica (...) (111D1)
112. (...) e para não... não ir muito aquém das expectativas que as pessoas já pensam... (...) (112D1)
113. (...) já têm quase a certeza que a pessoa participou e que vai participar... (...) (113D1)
114. (...) e têm quase a certeza que vão aderir (...) (114D1)
115. (...) e depois seria assim... um pouco complicado, para quem já está no terreno há mais tempo, dizer não... (...) (115D1)
116. (...) às vezes o aceitar também é um bocadinho... pelas vantagens materiais que às vezes nos dão... para as actividades... (...) (116D1)
117. (...) *[Sobre o tempo despendido com os projectos conjuntos com outras entidades]* (...) É tempo para planificar, é tempo para fazer a avaliação, é tempo para... de vez em quando também

- há encontros... das pessoas envolvidas... (...) (117D1)
118. (...) No caso dos professores... na tarde em que poderia ir para casa vou para a Associação, enfim... uma série de coisas... (...) (118D1)
119. (...) E depois há um problema... temos também o nosso... pronto, os nossos meninos... (...) (119D1)
120. (...) Isto é tudo muito bonito, fala-se do currículo, fala-se de alternativa, mas depois em Maio, os meninos de 4º ano têm uma prova de aferição que não tem a ver com nenhum projecto que a escola tenha desenvolvido... (...) (120D1)
121. (...) Vem um texto e vem uma prova de matemática e tem tudo de norte a sul, igual... (...) (121D1)
122. (...) E o que é certo é que esses conhecimentos têm que ser dados (...) (122D1)
123. (...) [*Sobre as actividades conjuntas entre as escolas*] (...) É sempre óptimo... (...) (123D1)
124. (...) [*Os alunos das escolas unitárias*] formam mesmo uma nova turma (...) (124D1)
125. (...) porque eles já têm relações, pronto... de amizade e de convívio, bastante razoáveis. (...) (125D1)
126. (...) E portam-se bem, não há atritos, não há... (...) (126D1)
127. (...) eles próprios... agrupam-se... e não há isolamentos. (...) (127D1)
128. (...) E as professoras das várias escolas é como se fossem professoras daquele grupo todo... (...) (128D1)
129. (...) Eles pedem ajuda a mim ou a outra colega ou a outra... (...) (129D1)
130. (...) Portanto... os meus alunos se estiver outra colega mais próximo, dirigem-se a ela... “ai, professora posso fazer isto...” (...) (130D1)
131. (...) A que estiver mais próximo é que é a professora... (...) (131D1)
132. (...) Por exemplo, há um aluno da escola de (...), se eu estiver mais perto, sou eu que sou solicitada, não é a professora, ou vice-versa... (...) (132D1)
133. (...) organizamo-nos naturalmente... é como calha... (...) (133D1)
134. (...) [*Sobre a planificação das actividades conjuntas*] Normalmente... decidimos isso na semana anterior (...) (134D1)
135. (...) de acordo, pronto... com a proximidade de certas datas... (...) (135D1)
136. (...) Por exemplo... estamos próximos do S. Martinho e então... fazemos qualquer coisa que tenha a ver com esse dia... (...) (136D1)
137. (...) se estamos quase na Feira do livro, aproveitamos e fazemos os cartazes de divulgação... (...) (137D1)
138. (...) Agora vem o Natal... eles já começaram a fazer as figuras do presépio (...) (138D1)
139. (...) na próxima semana irão depois pintar e daqui a quinze dias... já estão secas (...) (139D1)

140. (...) e vamos ver uma cançãozinha de Natal... É isto mais ou menos... (...) (140D1)
141. (...) e tentamos aproveitar estas... mais valias da Ludoteca... (...) (141D1)
142. (...) os meninos requisitam livros e no final costuma haver um espaço para jogos... (...) (142D1)
143. (...) que não há nas escolas, que são mais reduzidas, sim... (...) (143D1)
144. (...) [*Sobre a adequação do currículo aos alunos*] Para mim é tudo uma novidade (...) (144D1)
145. (...) confesso que tenho alguma complicação (...) (145D1)
146. (...) faço como posso, não sei se faço bem, não sei se faço mal... (...) (146D1)
147. (...) porque... sigo muito o programa... (...) (147D1)
148. (...) O currículo, a flexibilidade... mas depois vejo uma prova que não é... (...) (148D1)
149. (...) Se há a flexibilidade... as provas teriam que ser, no mínimo... diferentes... (...) (149D1)
150. (...) Se há um currículo a nível do concelho (...) Competências que se traçam a nível dos meninos do concelho, de um agrupamento... essas provas teriam de ser feitas de acordo com aquelas competências que se tinham traçado para os meninos. (...) (150D1)
151. (...) Mas como isso não acontece... a pessoa faz... tenta lá arranjar um “currículozinho”, definir competências para os meninos, mas no fundo, no fundo, na realidade... vai-se lá ver como é que foi a prova do ano anterior (...) (151D1)
152. (...) e tenta-se sempre que os meninos alcancem aquele geral (...) (152D1)
153. (...) para quando chegar Maio, eles não fazerem assim má figura... Não serão os meninos, será a escola, é a escola que vai identificada na prova... (...) (153D1)
154. (...) penso que quando se fala num currículo devia haver... devia haver uma outra maneira de o dirigir... (...) (154D1)
155. (...) Pronto, traçava-se esse currículo, definia-se mas... a avaliação, essa prova aferida, tinha que ser noutros moldes... (...) (155D1)
156. (...) E aí a pessoa estava tranquila... (...) (156D1)
157. (...) a nossa escola vai estar em causa... Se o aluno não fez nada da prova... (...) (157D1)
158. (...) e nestas escolas há um aluno ou dois... de 4º ano, isso é muito complicado para um professor... (...) Um aluno funciona como 100%. (...) (158D1)
159. (...) Isso é complicado para um professor que seja responsável, mesmo que não queira, não se abstrai muito disso. (...) (159D1)
160. (...) os projectos estão num lado e o dito programa continua a ser outro caminho que a pessoa acaba por seguir, às vezes, separadamente... (...) (160D1)
161. (...) Embora se dê a volta... (...) Tento partir sempre para aquilo que quero, mas partindo sempre do que é deles, em qualquer tema... (...) (161D1)
162. (...) para chegar, chegar lá ao tal... à tal... ao tal desencadear para a prova aferida... (...)

- (162D1)
163. (...) Mas parto sempre, sempre, sempre deles... (...) (163D1)
164. (...) daquilo que se fala (...) (164D1)
165. (...) e a partir dali tentar, depois dar o salto para mais além, mas sem ser só aquilo de... de despejar, para que o aluno sinta que aquilo lhe diz alguma coisa... (...) (165D1)
166. (...) [*Sobre a organização do trabalho*] (...) eu faço a minha planificação quinzenal (...) (166D1)
167. (...) e diária, portanto... (...) (167D1)
168. (...) A quinzenal a nível das áreas e dos conteúdos... os conteúdos, os objectivos, as estratégias (...) que penso que são úteis para o desenvolvimento das actividades... (...) (168D1)
169. (...) Depois faço a planificação diária, muito simples... (...) (169D1)
170. (...) Normalmente posso fazer com eles ou não... (...) (170D1)
171. (...) Para ser sincera, mesmo quando é com eles eu tento sempre (...) porque eles às vezes são muito... são um bocadinho irresponsáveis... (...) (171D1)
172. (...) faço... de modo a levar a água ao moinho, mas de acordo com eles... (...) (172D1)
173. (...) “Vamos fazer isto ou preferem aquilo antes...” (...) (173D1)
174. (...) Eu digo “olha, escuta... amanhã vamos lá ver... vamos apresentar um texto, por exemplo, sobre o Corpo Humano... o que é que poderemos fazer depois do texto?”(...) (174D1)
175. (...) “Ah, professora podemos fazer aquelas perguntinhas, para entender o texto e a interpretação...” E outro diz “ai, olhe eu não entendi bem os pronomes... podíamos treinar os pronomes...” (...) (175D1)
176. (...) E pronto... tudo bem... mas pode-se sempre.. os meus alunos não têm muita maturidade para ser eles a definir (...) (176D1)
177. (...) Houve um ano em que tive um grupo (...) era um grupo muito homogéneo e fez-se um trabalho diferente nesse ano... (...) (177D1)
178. (...) Diferente porque elas tinham autonomia e tinham capacidade de trabalhar (...) (178D1)
179. (...) era um grupo que trabalhava sozinho... (...) (179D1)
180. (...)Eu tinha uns ficheiros (...) (180D1)
181. (...) e elas conseguiam... (...) (181D1)
182. (...) acabavam uma actividade e sabiam que tinham ali um ficheiro, tiravam, faziam, viam a auto-correcção, esquecendo-se até que havia as soluções nas costas... (...) (182D1)
183. (...)E faziam com alguma facilidade o plano diário... (...) (183D1)
184. (...) Mas agora planifico quinzenalmente (...) (184D1)
185. (...) e diariamente as actividades que faço... (...) (185D1)
186. (...) as primeiras planificações que fiz foi com uma colega que não pertence ao meu grupo

de núcleo... (...) (186D1)

187. (...) Temos afinidade em termos de amizade, trabalhamos em escolas semelhantes e juntamo-nos sempre... (...) (187D1)

188. (...) Na semana, por exemplo, ela deu-me umas aulinhas de computador, porque ela entende mais que eu... (...) (188D1)

189. (...) e depois fizemos o plano de Outubro e até fizemos logo o de Novembro, portanto... (...) (189D1)

190. (...) Temos, mais ou menos, pronto... confiança uma com a outra. (...) (190D1)

191. (...) Temos turmas com características iguais... poucos alunos, os mesmo anos (...) (191D1)

192. (...) Faz-se assim a planificação de dois meses (...) (192D1)

193. (...) e depois a nível quinzenal (...) (193D1)

194. (...) eu gosto de fazer na minha sala, depois sozinha (...) (194D1)

195. (...) [*Sobre a avaliação do trabalho desenvolvido*] (...) os meus meninos também fazem. (...) (195D1)

196. (...) Tenho uma espécie de uma grelhazinha muito simples (...) (196D1)

197. (...) Por exemplo, a nível da matemática... “consegui aprender ou memorizar a tabuada do 6...” e ele põe lá a cruzinha se sim ou se não... (...) (197D1)

198. (...) [*As grelhas*] foram feitas em grupo.... (...) (198D1)

199. (...) Às vezes, faz-se; às vezes, há trocas entre as colegas (...) (199D1)

200. (...) às vezes, vêm em livros e depois nós adaptamos... (...) (200D1)

201. (...) mas não tenho nenhuma feita da minha autoria... umas complementam as outras... (...) (201D1)

202. (...) Os meninos fazem esse registo (...) (202D1)

203. (...) e eu faço o meu... muito simples (...) (203D1)

204. (...) faço o registo... se foi cumprido na íntegra, se não foi... porque é que não foi... (...) (204D1)

205. (...) Às vezes, não foi porque os meninos... a gente faz uma planificação, mas há temas que não ficam bem... (...) (205D1)

206. (...) A gente pensa “olha, nestes quinze dias vou dar, por exemplo, a numeração romana até mil...” mas viu-se que os meninos não atingiram, então passa automaticamente para outra quinzena... (...) (206D1)

207. (...) Estava planificado, mas se os objectivos não foram atingidos... temos de voltar atrás... (...) (207D1)

208. (...) Mas, por acaso, este ano, costumo cumprir... porque não são alunos com problemas. (...) (208D1)

209. (...) [*Nas escolas com poucos alunos*] é possível individualizar... (...) (209D1)
210. (...) eles vão fazendo o trabalhinho deles... (...) (210D1)
211. (...) estou sempre disponível... “eu tenho esta dúvida aqui...” eu estou ao lado e esclareço a dúvida... (...) (211D1)
212. (...) É como uma explicação! (...) (212D1)
213. (...) Embora sejam poucos, gosto muito de fazer assim qualquer coisa diferente... não é só lá a ficha e o manual... para expor na parede... (...) (213D1)
214. (...) para que eles, mesmo sendo poucos, sintam que produzem alguma coisa... (...) (214D1)
215. (...) no início de cada ano... a sala está vazia e depois vamos expondo... por cada tema (...) (215D1)
216. (...) Em vez de serem todos os trabalhos para ficarem no *dossier* ou no caderno que têm (...) fazem, de vez em quando, um para por na parede... (...) (216D1)
217. (...) e também para mostrar aos outros que também se faz qualquer coisa mesmo... sendo poucos... (...) (217D1)
218. (...) senão ficamos aqui tipo uma explicação... para eles não tem muita motivação...(…) (218D1)
219. (...) [*Sobre o comportamento dos alunos nas actividades conjuntas entre escolas*] Ai, é do melhor... (...) (219D1)
220. (...) Estes gostam muito de apresentar os trabalhos, mesmo em palco... (...) (220D1)
221. (...) Têm um à vontade muito grande perante um grande grupo. (...) (221D1)
222. (...) O ano passado num Dia Diferente que eles tiveram, no último dia, em Junho, aproveitou-se a festa de final do ano para um Dia Diferente (...) (222D1)
223. (...) e então as mães dos meninos estavam num Curso, daqueles Cursos de Formação, do Centro de Emprego... (...) e depois conseguiram ter um tempinho para ir lá... (...) (223D1)
224. (...) também veio o formador que estava com elas... e acabou por vir a turma toda... (...) (224D1)
225. (...) E o senhor... o formador ficou maravilhado... (...) (225D1)
226. (...) disse que nunca pensou ver numa terrinha destas, tão pequena... os meninos apresentarem coisas tão bonitas e com um à vontade tão grande... (...) (226D1)
227. (...) E aquilo depois é gratificante... (...) (227D1)
228. (...) [*Sobre a participação dos pais nas actividades da escola*] (...) nesse aspecto nunca tive... pronto, problema algum. São sempre receptivos! (...) (228D1)
229. (...) Eu quando tenho qualquer coisa, mando sempre um bilhetezinho e as mães mandam um bilhetezinho também... (...) (229D1)
230. (...) Quando é assuntos de força maior... reuniões... já tenho feito a reunião depois das

- cinco horas... (...) (230D1)
231. (...) quando foi para acertar o calendário (...) (231D1)
232. (...) para eleger o representante dos pais... (...) (232D1)
233. (...) Os pais vêm à escola quando são solicitados (...) (233D1)
234. (...) Mesmo nesses Dias Diferentes somos nós a solicitar e até a motivar... Mandamos o convite e depois... eu costumo dizer “vejam lá se aparecem... porque é a nossa escola a receber...” para os motivar... (...) (234D1)
235. (...) ao longo da carreira, portanto... sempre tive o apoio quando pedi, com a maior das disponibilidades, sempre impecáveis, muito próximos... (...) (235D1)
236. (...) Vêm quando são chamados (...) (236D1)
237. (...) ou... também acontece... se passarem um dia por aqui... até são capazes de vir cumprimentar, perguntar como é que está o menino... Mas tirando isso... (...) (237D1)
238. (...) [*Sobre a participação dos pais na avaliação*] (...) Costumo no final de cada período, portanto... tento sempre falar com eles... (...) (238D1)
239. (...) Quando eles não podem vir, eu já tenho chegado até a telefonar “ah, mas quando é que vocês podem passar por aqui, para a gente falar um bocadinho?” (...) (239D1)
240. (...) Se for só por escrito e eles muitas vezes não... (...) Não lêem e, às vezes, não entendem bem... (...) (240D1)
241. (...) Eu costumo sempre... (...) naquela parte da ficha em que diz “apreciação global”, tentar ter uma linguagem mais prática e ser sintético, para eles, (...) (241D1)
242. (...) entenderem, pelo menos onde o aluno tem mais dificuldade (...) (242D1)
243. (...) onde é que deve ter mais acompanhamento em casa... se na leitura, ou nisto ou naquilo... (...) (243D1)
244. (...) Mas é sempre complicado, gosto sempre depois de dar uma palavrinha (...) (244D1)
245. (...) fazer um resumo daquilo que vai escrito... (...) (245D1)
246. (...) [*Sobre os manuais escolares*] Uso, uso... (...) (246D1)
247. (...) Não sou... não dependo dos manuais escolares, mas uso (...) (247D1)
248. (...) e com alguma frequência, confesso. (...) (248D1)
249. (...) Portanto, penso que é um instrumento de trabalho que dá jeito (...) (249D1)
250. (...) e os pais também gostam... (...) (250D1)
251. (...) Eu sempre tenho usado. (...) (251D1)
252. (...) A mim, pessoalmente, ajuda-me... para um trabalhinho de casa... (...) (252D1)
253. (...) eles levam um textozinho para fazer a leitura... (...) (253D1)
254. (...) Eles têm tão poucos hábitos de leitura... (...) (254D1)
255. (...) muitos deles não têm... [*livros em casa*] (...) (255D1)

256. (...) até são capazes de comprar um carro, uma bola ou outras coisas, mas livros não... (...) (256D1)
257. (...) não há o hábito de comprar livros... (...) (257D1)
258. (...) E os da biblioteca da escola também são limitados (...) (258D1)
259. (...) Utilizo as fichas que têm (...) (259D1)
260. (...) acho que muitas delas estão bem elaboradas, servem para consolidar aquilo que se deu (...) (260D1)
261. (...) e funciona muito como trabalho de casa... (...) (261D1)
262. (...) vê-se as dificuldades que o menino teve, corrigem-se... (...) (262D1)
263. (...) Mesmo na escola há muitas alturas em que eu... textos... não ligo ao livro... procuro outros textos... (...) (263D1)
264. (...) agora comecei na página um e vou... não... (...) (264D1)
265. (...) na altura do S. Martinho, há um texto do S. Martinho, eu gostei, dou perfeitamente... (...) (265D1)
266. (...) O menino lê o texto, faz-se a interpretação, faz a ficha correspondente.... (...) (266D1)
267. (...) E a nível de Estudo do Meio também utilizo manuais... (...) (267D1)
268. (...) Tenho computador... (...) (268D1)
269. (...) *Internet* também tenho... (...) (269D1)
270. (...) O computador faz muito jeito... (...) (270D1)
271. (...) Tenho alguns livros... (...) (271D1)
272. (...) Para a Matemática... há o tangram,, o geoplano... (...) (272D1)
273. (...) trago muitas coisas de casa, sim... principalmente a nível de 1º ano... (...) (273D1)
274. (...) se não se trouxer de casa, material nosso... (*encolhe os ombros*) (...) (274D1)
275. (...) Até costume... quando se dão sons... exponho na parede aqueles cartazes que existem... (...) (275D1)
276. (...) mas tudo material que eu tenho adquirido para mim... (...) (276D1)
277. (...) Para a matemática também tenho cartazes com... portanto... a numeração, os algarismos, depois a dezena, a dúzia... todas essas noções são expostas na parede... (...) (277D1)
278. (...) e também outro material... jogos... dominós, lotos... aquelas coisinhas que todas nós temos... (...) (278D1)
279. (...) [*Sobre a flexibilidade curricular*] (...) Todas nós ao partirmos das vivências dos alunos (...) (279D1)
280. (...) ou ao traçarmos um projecto (...) que se enquadre no nosso... no meio, nas vivências dos alunos, já estamos a fazer isso (...) (280D1)
281. (...) Penso eu que já estamos a fazer! (...) (281D1)

282. (...) Mas depois sempre há dúvidas... (...) (282D1)
283. (...) Faz-se, mas parece que é um bocadinho à parte, porque depois temos medo do tal programa... (...) (283D1)
284. (...) da tal prova de aferição, que não vem de acordo com... com aquele currículo traçado por nós... (...) (284D1)
285. (...) para um determinado meio (...) (285D1)
286. (...) mas vem a nível... (...) geral! (...) (286D1)
287. (...) Mas, eu penso que todos nós quando fazemos a gestão curricular, já há flexibilidade... (...) (287D1)
288. (...) Mas de qualquer forma, sinto dificuldades (...) (288D1)
289. (...) tenho as minhas interrogações (...) (289D1)
290. (...) interrogo-me muito... (...) (290D1)
291. (...) Mas nós podemos... definir as tais competências (...) as que vão ao encontro dos nossos meninos... (...) (291D1)
292. (...) E ao definirmos essas competências, estamos a seleccionar e aí já estaremos a gerir qualquer coisa, pronto... a flexibilizar qualquer coisa... (...) (292D1)
293. (...) Portanto currículo... flexibilidade curricular, para mim... são dúvidas (...) (293D1)
294. (...) mas eu penso que nós fazemos... Nós já fazemos! (...) (294D1)
295. (...) sinto [falta de formação] (...) (295D1)
296. (...) Um esclarecimento, mas um esclarecimento por inteiro! (...) (296D1)
297. (...) Mesmo nas nossas reuniões de docentes de nível... há duas vezes que vamos... e é sempre... é competências para aqui, é competências para ali e... (*encolhe os ombros*) (...) (297D1)
298. (...) Definiram-se as competências... (...) (298D1)
299. (...) O projecto, nada, nada... (...) (299D1)
300. (...) Definiram-se competências (...) (300D1)
301. (...) Aquilo era para ser por núcleo... (...) (301D1)
302. (...) mas a escola da (...) fez e como já terminou... (...) Núcleo de (...). Agora penso que o núcleo de (...) o vai dar aos outros núcleos... (...) (302D1)
303. (...) achamos que a realidade não era distinta... (...) (303D1)
304. (...) houve muita confusão... (...) (304D1)
305. (...) Confusão à volta do... (...) de toda esta novidade... se é que é novidade (...) (305D1)
306. (...) As pessoas parece que estão na dúvida e não se faz... (...) (306D1)
307. (...) E uma coisa que me faz a mim confusão também é não temos Projecto Educativo (...) A nível de concelho... (...) (307D1)
308. (...) E para mim... posso estar errada, mas penso que seria o suporte principal... (...)

(308D1)

309. (...) E faz-me isto confusão (...) (309D1)

310. (...) para mim era o suporte máximo (...) (310D1)

311. (...) Era o tal Projecto Educativo e a partir desse projecto cada núcleo tinha um sub-projecto daquele projecto (...) (311D1)

312. (...) Está tudo muito baralhado... (...) (312D1)

313. (...) não há nada de definido... (...) (313D1)

314. (...) No nosso núcleo houve necessidade de traçar o Plano Anual de Actividades... (...) (314D1)

315. (...) Já não existe o nome “Plano Anual de Actividades”, mas nós... por exemplo, temos que calendarizar as nossas visitas de estudo atempadamente, porque a Câmara não aceita pedidos de transporte... em cima da hora ... (...) (315D1)

316. (...) ora isso tem de ser feito... E tem que haver um plano de trabalho (...) (316D1)

317. (...) Por que é que não é um Plano de Actividades? (...) (317D1)

318. (...) O Plano de Actividades não é tudo o que nós desenvolvemos? (...) (318D1)

319. (...) Não planeamos isso, o que se faz? (...) (319D1)

320. (...) Porque é que não pode ser Plano Anual de Actividades, é preciso esta mudança de nomes? (...) (320D1)

321. (...) Os objectivos são os mesmos, as coisas são idênticas... troca-se nomes e a pessoa anda baralhada e confusa... (...) (321D1)

322. (...) Para mim o Plano Anual de Actividades é uma coisa normal, tem que existir! (...) (322D1)

323. (...) Há uma coisa que me faz muita confusão! Um menino que é nosso... deste meio rural, não está impossibilitado... de ir para um meio urbano... (...) Ora, esse menino quando... se quiser, ou tiver possibilidades, ou se o seu percurso lhe permitir a entrada na Universidade... essa Universidade... (...) não vai ser aqui num meozinho rural dele (...) E, então, não sei até que ponto a gente pode traçar um currículo para o nosso menino, só dentro do meio dele... (...) (323D1)

324. (...) E se esse menino for, por exemplo, transferido para Lisboa? Não haverá qualquer coisa que tenha que ser comum? (...) (324D1)

325. (...) partindo sempre da realidade, das vivências dele, valorizando a 95% sempre essa parte do menino, mas tentando também que ele não se vá sentir... não se vá sentir (...) desfasado, por exemplo, se for para uma cidade... (...) (325D1)

326. (...) Um aluno está agora aqui, mas não pode simplesmente ficar limitado àquilo que o rodeia (...) (326D1)

327. (...) Podemos sim, traçar um projecto, um plano, que tenha a ver com aquela realidade, mas dando sempre um acréscimo... àquele aluno... (...) (327D1)

328. (...) Também acho que um menino lá da cidade... será muito triste se pensar que o ovinho apareceu lá de qualquer maneira... (...) (328D1)
329. (...) Também deve saber as realidades dos outros meninos (...) (329D1)
330. (...) Teria de haver uma parte que seria de acordo com a realidade de cada escola... uma opção da escola... e uma outra parte comum para todos os alunos... (...) (330D1)
331. (...) estas escolas com poucos alunos... já tenho pensado... se eu mandasse, fazia vários núcleos... (...) (331D1)
332. (...) Por exemplo, nesta zona, estava (...), (...), (...)... (...) (332D1)
333. (...) Mas tinha de haver condições... (...) (333D1)
334. (...) Não podia ser só pegar nos meninos e levar para lá (...) (334D1)
335. (...) Agora fica lá um colega lá com dezassete ou dezoito meninos, todos metidos na mesma sala, com o mesmo material, com o mesmo apoio... isso não.. (...) (335D1)
336. (...) Primeiro tinham de ser criadas as devidas condições... escolas melhor equipadas, refeitório (...) (336D1)
337. (...) auxiliares... enfim, todo o apoio... (...) (337D1)
338. (...) Condições que essas escolas sozinhas não têm... (...) (338D1)
339. (...) e penso que se os meninos destas escolas fossem para esse núcleo... era óptimo. (...) (339D1)
340. (...) E penso que isto seria do interesse das crianças (...) (340D1)
341. (...) da motivação do professor, tudo... (...) (341D1)
342. (...) Até porque muitos dos miúdos destas escolas têm de ser transportados... se forem deslocados para mais dez ou quinze ou vinte quilómetros, não faz grande diferença... (...) (342D1)
343. (...) isto se tiverem todas as condições... Aí tudo bem! (...) (343D1)
344. (...) Mas primeiro as condições, depois as mudanças! (...) (344D1)
345. (...) O Estudo Acompanhado... nós, no Complemento de Formação... (...) nós achamos que já fazíamos Estudo Acompanhado há muito tempo (...) (345D1)
346. (...) só que a gente não sabia que se chamava Estudo Acompanhado! (...) (346D1)
347. (...)Por exemplo, quando a gente... (...) leva o menino a pesquisar é Estudo Acompanhado (...) (347D1)
348. (...) quando o menino faz uma consulta no dicionário, é Estudo Acompanhado... (...) (348D1)
349. (...) Quem é que de nós não faz esse tipo de coisas?(...) (349D1)
350. (...) Portanto, ajudar o menino a fazer a sua aprendizagem... aprendendo a aprender. (...) (350D1)
351. (...) Ele aprende a aprender a consultar o dicionário (...) (351D1)
352. (...) a fazer pesquisas, recolhas... (...) (352D1)

353. (...) Todas essas coisas estão encaixadas no tal Estudo Acompanhado, que nós vínhamos fazendo (...) (353D1)
354. (...) só que não estava... não estava na nossa planificação (...) (354D1)
355. (...) não havia lá essa área, mas estava contemplada (...) (355D1)
356. (...) Agora é um bocado complicado (...) (356D1)
357. (...) e penso que as pessoas andam um bocadinho à margem para fazer este novo enquadramento... (...) (357D1)
358. (...) Depois a tal Área de Projecto, o Projecto de Turma e tudo o mais... vai-se fazendo, mas não está... bem estruturado, nível de papel bem estruturado... (...) (358D1)
359. (...) [*Sobre o Estudo Acompanhado*] (...) Eu faço precisamente como vinha desenvolvendo... (...) (359D1)
360. (...) Vou desenvolvendo... agora, se calhar, um bocadinho... ou com mais anseio, ou com mais pressão... (...) (360 D1)
361. (...) Por causa de ter uma hora estipulada (...) (361D1)
362. (...) e isso é qualquer coisa de novo para mim... (...) (362D1)
363. (...) até aqui fazia como que um complemento das coisas (...) (363D1)
364. (...) A Área de Projecto também está na... está na fase de se tentar, de se fazer... (...) (364D1)
365. (...) vamos esperar pelo próximo encontro de núcleo... Conselho de Núcleo para ver se conseguimos... fazer... qualquer coisa... (...) (365D1)
366. (...) A Educação Cívica... (...) Para mim os valores são muito importantes... (...) (366D1)
367. (...) Cada um de nós tem a sua maneira de ser e para mim são muito importantes e, por isso, penso que estão à flor da pele sempre com os meus alunos. (...) (367D1)
368. (...) E gosto (...) de chamar a atenção sempre para o que se deve fazer... o respeito pelos outros, a amizade, a solidariedade... (...) (368D1)
369. (...) E todos os anos há sempre num cantinho que eu ponho: “o que eu posso fazer para ajudar os outros”... (...) (369D1)
370. (...) Achei que merecia um espaço... como a gente tem o cantinho para a Matemática, um cantinho para... (...) para outras coisas... (...) (370D1)
371. (...) É qualquer coisa... ou de reflexão ou de ajuda e que os meus meninos pensam... (...) (371D1)
372. (...) Aqui está... eu já planificava isso... (...) (372D1)
373. (...) Eu penso que isso é Educação Cívica (...) A gente... educá-los para os outros... o civismo, os comportamentos, as regras... (...) (373D1)
374. (...) Ao longo da minha vida, sempre dei muita, muita importância aos valores... Por isso acho que já vinha ao encontro do que eu fazia... (...) (374D1)

375. (...) porque... pronto... fazia e metia mesmo na parede... (...) (375D1)
376. (...) [*Sobre a importância das novas áreas não disciplinares*] (...) eu penso que é importante porque... poderia haver quem praticasse ou quem não praticasse (...) (376D1)
377. (...) E agora, em princípio... as pessoas vão... têm mesmo que trabalhar isso... (...) (377D1)
378. (...) Não me vem dar nada de novo (...) (378D1)
379. (...) mas concordo que... tenham agora um maior realce.... (...) (379D1)
380. (...) [*Sobre a Educação Cívica*] (...) Podia passar ao lado de algumas pessoas (...) (380D1)
381. (...) Poderia correr-se o risco de haver pessoas que não valorizassem ou valorizassem só o lado da disciplina (...) (381D1)
382. (...) “Estou aqui só para ensinar e mais nada!” (...) (382D1)
383. (...) E eu penso que os nossos meninos... (...) antes do ensino, da aprendizagem, há o conceito de educação... os comportamentos, os valores para com os outros... com os pais, com os mais velhos, com nós mesmos... (...) (383D1)
384. (...) o saber é importante, mas também é importante haver uma formação... humana como base, penso eu (...) (384D1)
385. (...) [*Sobre o Projecto Curricular de Turma*] (...) Tenho um esquema que me foi dado... (...) (385D1)
386. (...) Foi dado por uma colega de (...)... (...) Foi lá no Complemento, por causa de um trabalho... O esquema foi apresentado à professora da cadeira... (...) (386D1)
387. (...) esse esquema foi conseguido através de contactos que essa colega tinha e aproveitaram... (...) (387D1)
388. (...) também estavam nas mesmas incertezas, não tinham nada feito... (...) (388D1)
389. (...) E vou levá-lo para levar para a próxima reunião de núcleo... (...) (389D1)
390. (...) Já é alguma coisa... porque nós estamos metidas nisto e queremos fazer as coisas... (...) (390D1)
391. (...) Pelo menos eu... tento fazer o melhor que posso, mas quando há inseguranças a pessoa não consegue... há incertezas, aquilo é novo... (...) (391D1)
392. (...) Eu não sei, sinceramente... (...) (392D1)
393. (...) ou me dão formação ou tem que se ir copiando, passe a expressão... (...) (393D1)
394. (...) copiando no bom sentido, por quem está mais avançado... (...) aquilo parte... a identificação da turma... (...) caracterização da turma... a parte do pessoal... (...) turma, alunos, pessoal docente... (...) as áreas curriculares... (...) A avaliação... os parâmetros de avaliação (...) (394D1)
395. (...) Vamos tentar fazer de acordo com cada turma... (...) (395D1)
396. (...) Nós estamos... estamos também na dúvida... porque as nossas turmas são

- pequenas... são turmas parecidas, têm as mesmas características (...) (396D1)
397. (...) Se calhar vamos fazer um modelo igual porque a caracterização dos meninos é semelhante (...) (397D1)
398. (...) Embora, depois eu tenha o meu, a colega do lado tenha o dela... (...) (398D1)
399. (...) [*Sobre a necessidade do Projecto Curricular de Turma*] (...) Eu penso que é uma coisa que tem que ser... (...) (399D1)
400. (...) impõem, tem que ser feito. (...) (400D1)
401. (...) Penso que não me irá ajudar muito (...) (401D1)
402. (...) mas posso mudar de ideia... quando estiver feito e quando estiver... a ser implementado... (...) (402D1)
403. (...) depois de estar definido, posso ter uma opinião contrária. (...) (403D1)
404. (...) Como é novo... pode ser pessimismo meu... ou falta de conhecimento... (...) (404D1)
405. (...) Mas eu penso que não irá adiantar grande coisa (...) (405D1)
406. (...) mas não sei... (...) (406D1)
407. (...) A realidade, os tempos... tudo se vai modificando... (...) (407D1)
408. (...) para quem terminou o curso há dezassete anos... as coisas eram diferentes... portanto, exigia-se menos... não tínhamos que definir projectos... nem nada disso... (...) (408D1)
409. (...) Quando comecei... a gente fazia a fichinha... tínhamos aquele programa de capa verde (...) (409D1)
410. (...) Quando comecei, pronto... seguia-se aquilo (...) (410D1)
411. (...) No mês de Outubro dava-se o Corpo Humano e tal e tal e tal, pronto... planificava-se assim... (...) (411D1)
412. (...) Depois arranjava uns textos de acordo com aquilo, normalmente era em livros (...) (412D1)
413. (...) Tudo fechado na sala de aula (...) (413D1)
414. (...) tudo fechado na sala de aula. (...) (414D1)
415. (...) até mesmo as festas de Natal, eram só com os meninos... (...) (415D1)
416. (...) com outras entidades não havia nada, não... (...) (416D1)
417. (...) Até mesmo... há catorze anos, quando vim para o concelho de Mértola, não havia nada... não havia Ludoteca, não havia Educação Física, não havia natação, não havia projectos da Oficina da Criança, não havia projectos do Clube Náutico... (...) (417D1)
418. (...) Aqui uma grande mudança foi a tal Feira das Escolas... com o inspector (...)... (...) (418D1)
419. (...) A ligação entre a escola e comunidade... para mim, foi a pessoa, o mensageiro dessa... dessa relação (...) (419D1)
420. (...) trazer os pais à escola e levar a escola à comunidade em geral (...) (420D1)

421. (...) mostrar o que a escola faz... Foi uma mudança muito grande... (...) (421D1)
422. (...) Foi o padrão, a mudança completa... (...) (422D1)
423. (...) Depois o Centro de Formação também foi qualquer coisa que... (...) pelo menos tentou ir ao encontro das dificuldades... para se mudar estratégias na sala de aula (...) (423D1)
424. (...) A forma como nós planificamos agora... é uma planificação mais ao encontro... mais humana, mais pessoal. (...) (424D1)
425. (...) Portanto, a gente faz aquilo por prazer... (...) (425D1)
426. (...) Eu penso que se a gente não planificar, não consegue trabalhar (...) (426D1)
427. (...) E na altura (...) a planificação que se fazia... (...) Nem sequer me interrogava... aos vinte e um aninhos (...) Fazia tudo igual ao que fazia no Magistério... (...) (427D1)
428. (...) Sabia que tinha que ter... as planificações feitas, naquelas folhas muito grandes... Pensava... “tenho que ter feito... ensinaram-me que eu tenho que ter isto...” (...) (428D1)
429. (...) o programa em primeiro lugar... era aquele programa de capa verde, rectangular... (...) (429D1)
430. (...) Ah, mas era tanta escrita! (...) (430D1)
431. (...) Tinha que ser ali tudo tintim por tintim... (...) (431D1)
432. (...) mas, quer dizer... era uma coisa para estar ali... (...) (432D1)
433. (...) E agora a gente planifica de uma outra forma... olha, em primeiro lugar, para os meninos... (...) (433D1)
434. (...) “ah, mas com estes meninos, isto é descabido...” ou “desta forma não chego lá, se calhar vou fazer assim, vou fazer assado...” (...) (434D1)
435. (...) Vamos arranjando as coisas a um nível mais pessoal, mais humanizadas... se é que se pode chamar assim...poder chamar... (...) (435D1)
436. (...) Agora também se trabalha mais em conjunto... (...) (436D1)
437. (...) estas coisas de nos juntarmos todas as semanas e não sei quanto, também faz nós diferentes... (...) (437D1)
438. (...) [*Sobre o trabalho conjunto*] Para mim vale muito. (...) (438D1)
439. (...) Para mim vale muito, de facto... (...) (439D1)
440. (...) não houve grande mudança [*quando se trabalhava com os objectivos mínimos*] (...) A Área Escola, sim. (...) (440D1)
441. (...) Porque na Área Escola eram temas... temas... muito palpáveis, da nossa realidade... (...) (441D1)
442. (...) A gente desenvolvia sempre qualquer coisa do nosso meio... (...) (442D1)
443. (...) Lembro-me que em (...), o meu projecto de Área Escola tinha a ver com o pão... (...) (443D1)
444. (...) Havia duas padarias e a maior parte das pessoas trabalhava na indústria de

- panificação... naquela aldeia é as padarias eram o suporte (...) Nós fomos lá, falámos com os senhores... fomos ver... (...) (444D1)
445. (...) Embora os meninos já conhecessem a padaria... Iam comprar o pão, tinham lá a mãe ou tinham o tio ou tinham o primo... Mas, se calhar, não tinham ido com olhos de ver... (...) (445D1)
446. (...) Fizemos entrevistas... saber há quantos anos é que tinham começado, os donos que por lá tinham passado... (...) (446D1)
447. (...) Foi qualquer coisa que deu... deu alegria a mim e aos meninos (...) (447D1)
448. (...) E as pessoas também ficaram contentes... por verem aquele trabalho todo... sobre a terra delas... (...) (448D1)
449. (...) Fizemos muitos trabalhos... (...) (449D1)
450. (...) a Área Escola, para mim, foi qualquer coisa de válido! (...) (450D1)
451. (...) Já não era aquele livro seco (...) (451D1)
452. (...) o programa que a gente faz porque tem que fazer... (...) (452D1)
453. (...) Era já era qualquer coisa que se fazia com gosto, porque era ali, era a realidade daquela gente, daqueles meninos... (...) (453D1)
454. (...) Eu penso que (...) *[os pais]* dão cada vez mais valor a isso... à escola estar interessada pelas coisas do meio local... (...) (454D1)
455. (...) penso que as pessoas estão receptivas também à mudança (...) (455D1)
456. (...) *[Sobre a relação da escola com outras entidades]* (...) Tem vindo a melhorar... (...) (456D1)
457. (...) Por exemplo, as Juntas de Freguesia estão mais... (...) agora são mais responsabilizadas pela manutenção das escolas (...) (457D1)
458. (...) tiro as fotocópias que quero, nem sequer há número limite... têm disponibilidade... (...) (458D1)
459. (...) dão material de limpeza, dão papel higiénico e essas coisas e depois temos 2.500\$00 para material de... de uso na escola... (...) (459D1)
460. (...) E eu, houve uma altura em que tive falta de um tinteiro para a impressora e disse assim: “ah, se vocês não se importassem eu não entregava a factura deste mês e juntava duas para comprar o tinteiro...” “Ah, faça lá, tudo bem... mesmo que tenha de ser mais 1.000\$00, ou coisa assim, esteja à vontade.. não pode ser mais porque as verbas são limitadas, mas não deixe lá de comprar o que tem falta...” (...) (460D1)
461. (...) Agora, no S. Martinho, compraram as castanhas, compraram essas coisas... (...) (461D1)
462. (...) Na festa de Natal, também não há limites para as prendas dos meninos... (...) (462D1)
463. (...) Penso que gostam de apoiar... (...) (463D1)

464. (...) [*Sobre a sua prática no futuro*] (...) Continuar sempre a aprender! (...) (464D1)
465. (...) Ter esse espírito de pensar sempre que posso aprender mais... (...) (465D1)
466. (...) e que posso aprender sempre mais um bocadinho com a colega que está ao lado... (...) (466D1)
467. (...) aquilo que ela sabe de certeza que não é igual ao que eu sei (...) (467D1)
468. (...) É importante haver sempre uma troca com a colega do lado, não fechar.... (...) (468D1)
469. (...) Espero ter sempre esse espírito e de não me deixar cair um bocadinho em desânimo... poderemos correr esse risco... (...) (469D1)
470. (...) Espero ter sempre assim um bocadinho de brilhoso para continuar... (...) (470D1)
471. (...) E dificuldades tenho, não digo que não tenho, tenho ao longo da vida indecisões... (...) (471D1)
472. (...) Penso que, se calhar, por ser uma pessoa responsável, sou capaz de achar sempre que sei menos “ai, se calhar não está bem...”(...) (472D1)
473. (...) gostaria de sentir-me sempre com vontade de aprender, de nunca achar que sei o suficiente (...) (473D1)
474. (...) e de haver também condições para eu poder aprender (...) (474D1)
475. (...) nomeadamente (...) quando vêm assuntos novos, como esta tal reorganização... (...) (475D1)
476. (...) que a pessoa tenha hipóteses de frequentar uma acção ou um esclarecimento válido pelas entidades competentes (...) (476D1)
477. (...) para a gente não andar assim neste mar sem... rumo... (...) (477D1)

Categorização das unidades de significação da Entrevista D1

Formação contínua

1. Cursos/acções de formação

1.1. Quantidade

“Já fiz muitas acções de formação”

(...) [*Sobre a realização de acções de formação*] (...) Faço sempre acumulação de créditos... (...) quando qualquer tema me interessa, costumo ir... (...) (9D1)

(...) Freqüente bastantes... (...) (10D1)

“Fiz algumas acções de formação”

Não aplicável

1.2. Áreas abrangidas

“Formação geral – 1º ciclo (Complemento de Formação)”

(...) estou a fazer [*um Complemento de Formação*] (...) (1D1)

Não aplicável

“Novas tecnologias”

Não aplicável

“Expressão Plástica”

(...) e de... de trabalhos manuais que também gostei... (...) (14D1)

“Estudo do Meio”

Não aplicável

“Problemática do mundo rural”

(...) [*Acerca de uma acção de formação que tenha considerado significativa*] (...) Foi uma oficina de formação que eu gostei muito. (...) o trabalho era mesmo sobre as escolas rurais... os problemas, como é que solucionávamos esses problemas (...) (11D1)

(...) depois havia troca de experiências entre os grupos e para mim foi uma acção que teve algum valor. (...) (12D1)

“Língua Portuguesa”

Não aplicável

“Expressão Dramática”

Não aplicável

“Necessidades educativas especiais”

Não aplicável

“Elaboração de projectos educativos”

Não aplicável

“Educação sexual”

Não aplicável

“Prevenção das toxicodependências”

Não aplicável

“ Matemática“

(...) Depois houve duas de Matemática que... que gostei (...) (13D1)

1.3. Importância atribuída

“A acção influenciou a prática”

(...) [*Influenciaram a*] prática. (...) (15D1)

(...) Porque trazia qualquer coisa para fazer com os meninos, nomeadamente essas de... de pintura... (...) (16D1)

(...) Houve uma em que era a pintura em materiais vítreos, outras era sobre cerâmica... (...) foram coisas que nós depois fazíamos na sala... (17D1)

“O Complemento é muito teórico”

(...) Acho que são muito teóricas... (...) (19D1)

“O Complemento não alterou a minha prática”

(...) [*Sobre o Complemento de Formação*] (...) Tenho tido alguma decepção. Porque nas cadeiras... pelo menos as cinco que tenho agora, à excepção das tecnologias (...) das aulas de computador, que é uma coisa que nós aproveitamos quando chegamos à escola... não vi nada que me possa ajudar... (...) (18D1)

“O Complemento permite progredir na carreira”

Não aplicável

“O Complemento melhorou a minha prática a nível da Língua Portuguesa”

Não aplicável

“Aprendi coisas novas na acção de formação”

Não aplicável

“Gostei de fazer a acção de formação”

Não aplicável

“Aprendi muito com o Complemento”

Não aplicável

“O Complemento trouxe-me fundamentação para coisas que eu já fazia”

Não aplicável

“O Complemento teve uma componente prática”

Não aplicável

2. Autoformação

“Tento descobrir através de colegas”

Não aplicável

“Pesquisa na internet”

Não aplicável

“Faço leituras”

Não aplicável

“Participação no Movimento da Escola Moderna (M.E.M.)”

Não aplicável

“Consulta a legislação”

Não aplicável

Experiências mais significativas do percurso profissional

1. Trabalho individual desenvolvido com os alunos

“Trabalho que abarcou várias áreas”

Não aplicável

“É enriquecedor trabalhar com crianças de meios diferentes”

Não aplicável

2. Trabalho desenvolvido com outros colegas

“Foi um trabalho sobre o meio”

Não aplicável

“Tive uma colega que me ajudou muito”

Não aplicável

“O contacto com colegas diferentes ajuda o nosso trabalho”

Não aplicável

3. Trabalho desenvolvido com colegas, sob proposta de outra entidade

“O projecto era relacionado com o meio dos alunos”

Não aplicável

“Foi o projecto das Escolas Isoladas ”

Não aplicável

”O projecto desenvolvia-se em torno das novas tecnologias”

Não aplicável

4. Trabalho desenvolvido com superiores hierárquicos/orientadores de estágio

“Foi a Feira das Escolas”

(...) [Sobre experiências da sua prática que tenham sido significativas] (...) foi para aí no meu segundo ano... (...) E penso que foi... qualquer coisa de realce, foi a Feira das Escolas, um projecto (...) que depois teve seguimento em Mértola, durante seis, sete anos, salvo erro... (...)
(21D1)

(...) Esse projecto foi lançado pelo inspector (...) No âmbito das actividades da inspecção... (...) Ele era uma pessoa com muitos sonhos, com ideais... (...) foi para a inspecção e começou... a visitar as pessoas, numa forma não de inspecionar a nível administrativo, mas dar apoio... dizendo que as pessoas faziam coisas tão bonitas nas suas salas que ficavam escondidas, que ninguém via... (...) (22D1)

(...) ele queria levar isso para a comunidade... (...) (23D1)

(...) Foi a primeira pessoa que trouxe a comunidade... quer a comunidade à escola, quer a escola à comunidade... e então fez-se esse projecto... (...) (24D1)

(...) Marcou, sem dúvida... (...) foi um projecto que se repetiu muitos anos (...) em parte coisas que se fazem, como no final de ano, as exposições que se fazem... é um bocadinho desse espírito que ficou... porque foram alguns anos... (...) (25D1)

“Aprendi muito com eles”

Não aplicável

“Aprendi muito com a minha orientadora de estágio”

Não aplicável

Prática curricular

1. Referenciais de desenvolvimento curricular

1.1. Currículo nacional

“Oriento-me pelo programa”

(...) porque... sigo muito o programa... (...) (147D1)

“Consulto alguns manuais escolares”

(...) às vezes, vêm em livros e depois nós adaptamos... (...) (200D1)

“Há um programa para dar”

Não aplicável

“Há a preocupação das provas de aferição”

(...) Vem um texto e vem uma prova de matemática e tem tudo de norte a sul, igual... (...) (121D1)

(...) E o que é certo é que esses conhecimentos têm que ser dados (...) (122D1)

(...) Mas como isso não acontece... a pessoa faz... tenta lá arranjar um “currículozinho”, definir competências para os meninos, mas no fundo, no fundo, na realidade... vai-se lá ver como é que foi a prova do ano anterior (...) (151D1)

(...) e tenta-se sempre que os meninos alcancem aquele geral (...) (152D1)

(...) para quando chegar Maio, eles não fazerem assim má figura... Não serão os meninos, será a escola, é a escola que vai identificada na prova... (...) (153D1)

(...) para chegar, chegar lá ao tal... à tal... ao tal desencadear para a prova aferida... (...) (162D1)

“Quero que consigam atingir os objectivos definidos”

Não aplicável

“Quero que os alunos desenvolvem ao máximo as suas capacidades”

Não aplicável

“Quero que os alunos consigam utilizar os conhecimentos”

Não aplicável

“Quero que eles estejam satisfeitos na escola”

Não aplicável

“Há um currículo”

Não aplicável

“Tomo em atenção as competências”

Não aplicável

1.2. Vivências dos alunos

“Tenho em atenção o meio dos alunos”

(...) ou ao traçarmos um projecto (...) que se enquadre no nosso... no meio, nas vivências dos alunos, já estamos a fazer isso (...) (280D1)

(...) para um determinado meio (...) (285D1)

(...) A gente desenvolvia sempre qualquer coisa do nosso meio... (...) (442D1)

“Trabalho de acordo com os alunos que tenho”

(...) e a partir dali tentar, depois dar o salto para mais além, mas sem ser só aquilo de... de despejar, para que o aluno sinta que aquilo lhe diz alguma coisa... (165D1)

(...) Mas nós podemos... definir as tais competências (...) as que vão ao encontro dos nossos meninos... (...) (291D1)

(...) Vamos tentar fazer de acordo com cada turma... (...) (395D1)

“Tenho que conhecer as vivências, os hábitos dos alunos”

(...) [Sobre a flexibilidade curricular] (...) Todas nós ao partirmos das vivências dos alunos (...) (279D1)

“Sempre que possível aproveito a participação dos alunos”

(...) daquilo que se fala (...) (164D1)

(...) Embora se dê a volta... (...) Tento partir sempre para aquilo que quero, mas partindo sempre do que é deles, em qualquer tema... (...) (161D1)

(...)Mas parto sempre, sempre, sempre deles... (...) (163D1)

1.3. Rotinas de trabalho adquiridas

“É uma prática que já vem dos anos anteriores”

(...) já entrei nesta dinâmica (...) (111D1)

(...) e para não... não ir muito aquém das expectativas que as pessoas já pensam... (...) (112D1)

(...) já têm quase a certeza que a pessoa participou e que vai participar... (...) (113D1)

(...) e têm quase a certeza que vão aderir (...) (114D1)

“Tenho uma ideia daquilo que quero fazer”

Não aplicável

“Tenho trabalhado as áreas habituais”

Não aplicável

2. Parceiros curriculares

2.1. Directos

“Procuro trabalhar em conjunto com outros colegas”

Não aplicável

“Temos projectos conjuntos com outras turmas/escolas ”

Não aplicável

“Gosto que sejam os alunos a propor”

Não aplicável

“Procuro a colaboração dos pais”

Não aplicável

2.2. Entidades que desenvolvem projectos locais

“Temos a colaboração da Câmara Municipal”

(...) a Educação Física... (...) (5D1)

“Fazemos trabalhos com a A.D.P.M.”

Não aplicável

“Estamos a fazer um trabalho com o I.C.E.”

(...) O ano passado participei num projecto do I.C.E. sobre escolas rurais ou escolas isoladas e estou novamente este ano... (...) (44D1)

“Colaboramos com a Biblioteca Municipal”

Não aplicável

“Trabalhamos com a Ludoteca”

(...) a Ludoteca (...) (4D1)

“Temos trabalhos com a Oficina da Criança”

Não aplicável

“Trabalhamos com o Campo Arqueológico”

Não aplicável

“Participámos no Projecto Nónio (Escola Superior de Educação)”

Não aplicável

“Colaboramos com o Centro de Saúde”

Não aplicável

“Trabalhamos com a Mediateca”

Não aplicável

“Trabalhamos com o Centro de Ocupação de Tempos Livres”

Não aplicável

3. Trabalho individual do professor

3.1. Áreas valorizadas

“Língua Portuguesa”

Não aplicável

“Matemática”

Não aplicável

“Estudo do Meio”

Não aplicável

3.2. Áreas menos valorizadas

“Expressões”

Não aplicável

3.3. Modo de planificar

“Individualmente”

(...) Para ser sincera, mesmo quando é com eles eu tento sempre (...) porque eles às vezes são muito... são um bocadinho irresponsáveis... (...) (171D1)

(...) eu gosto de fazer na minha sala, depois sozinha (...) (194D1)

“A planificação é flexível”

(...) Às vezes, não foi porque os meninos... a gente faz uma planificação, mas há temas que não ficam bem... (...) (205D1)

(...) A gente pensa “olha, nestes quinze dias vou dar, por exemplo, a numeração romana até mil...” mas viu-se que os meninos não atingiram, então passa automaticamente para outra quinzena... (...) (206D1)

(...) Estava planificado, mas se os objectivos não foram atingidos... temos de voltar atrás... (...) (207D1)

“Com os alunos”

(...) Normalmente posso fazer com eles ou não... (...) (170D1)

(...) faço... de modo a levar a água ao moinho, mas de acordo com eles... (...) (172D1)

“Com uma colega”

(...) as primeiras planificações que fiz foi com uma colega que não pertence ao meu grupo de núcleo... (...) (186D1)

“Faço uma planificação formal e outra para me orientar”

Não aplicável

3.4. Periodicidade da planificação

“Diariamente”

(...) e diária, portanto... (...) (167D1)

(...) Depois faço a planificação diária, muito simples... (...) (169D1)

(...) e diariamente as actividades que faço... (...) (185D1)

“Semanalmente”

Não aplicável

“Quinzenalmente”

(...) [*Sobre a organização do trabalho*] (...) eu faço a minha planificação quinzenal (...) (166D1)

(...) A quinzenal a nível das áreas e dos conteúdos.... os conteúdos, os objectivos, as estratégias

(...) que penso que são úteis para o desenvolvimento das actividades... (...) (168D1)

(...) Mas agora planifico quinzenalmente (...) (184D1)

(...) e depois a nível quinzenal (...) (193D1)

“Mensalmente/bimensalmente”

(...) Faz-se assim a planificação de dois meses (...) (192D1)

“Trimestralmente”

Não aplicável

“Anualmente”

Não aplicável

4. Estratégias de trabalho

“Faço visitas de estudo”

(...) Havia duas padarias e a maior parte das pessoas trabalhava na indústria de panificação... naquela aldeia é as padarias eram o suporte (...) Nós fomos lá, falámos com os senhores... fomos ver... (...) (444D1)

(...) Embora os meninos já conhecessem a padaria... iam comprar o pão, tinham lá a mãe ou tinham o tio ou tinham o primo... Mas, se calhar, não tinham ido com olhos de ver... (...) (445D1)

“Faço trabalhos de pesquisa ”

(...) Fizemos entrevistas... saber há quantos anos é que tinham começado, os donos que por lá tinham passado... (...) (446D1)

“Os trabalhos são diferentes”

Não aplicável

“Gosto de expor os trabalhos dos alunos”

(...) Embora sejam poucos, gosto muito de fazer assim qualquer coisa diferente... não é só lá a ficha e o manual... para expor na parede... (...) (213D1)

(...) para que eles, mesmo sendo poucos, sintam que produzem alguma coisa... (...) (214D1)

(...) no início de cada ano... a sala está vazia e depois vamos expondo... por cada tema (...) (215D1)

(...) Em vez de serem todos os trabalhos para ficarem no *dossier* ou no caderno que têm (...) (216D1)

fazem, de vez em quando, um para por na parede... (...) (216D1)

(...) porque... pronto... fazia e metia mesmo na parede... (...) (375D1)

“Tenho vários ‘cantinhos’ de actividades”

(...) Achei que merecia um espaço... como a gente tem o cantinho para a Matemática, um cantinho para... (...) para outras coisas... (...) (370D1)

“Falo sobre as coisas”

Não aplicável

5. Modalidades de trabalho

“Trabalho orientado pelo prof., mas desenvolvido de modo autónomo”

(...) eles vão fazendo o trabalhinho deles... (...) (210D1)

(...) estou sempre disponível... “eu tenho esta dúvida aqui...” eu estou ao lado e esclareço a dúvida... (...) (211D1)

“Trabalho orientado directamente pelo professor”

(...)É como uma explicação! (...) (212D1)

“Faço Assembleias de Turma”

Não aplicável

“Fazem trabalho de grupo”

Não aplicável

“Ajuda entre alunos de diferentes níveis de aprendizagem”

Não aplicável

“Plano individual de trabalho (P.I.T.)”

Não aplicável

6. Recursos utilizados

6.1. Uso de manuais escolares

“Utilizo Manuais Escolares”

(...) Eu sempre tenho usado. (...) (251D1)

(...) na altura do S. Martinho, há um texto do S. Martinho, eu gostei, dou perfeitamente...

(...)(265D1)

(...) [Sobre os manuais escolares] Uso, uso... (...) (246D1)

(...) Não sou... não dependo dos manuais escolares, mas uso (...) (247D1)

(...) e com alguma frequência, confesso. (...) (248D1)

“Permitem consolidar os temas trabalhados”

(...) Utilizo as fichas que têm (...) (259D1)

(...) acho que muitas delas estão bem elaboradas, servem para consolidar aquilo que se deu (...)

(260D1)

(...) O menino lê o texto, faz-se a interpretação, faz a ficha correspondente.... (...) (266D1)

“São um apoio onde há poucos recursos”

(...) Portanto, penso que é um instrumento de trabalho que dá jeito (...) (249D1)

“São bons para os trabalhos de casa”

(...) A mim, pessoalmente, ajuda-me... para um trabalhinho de casa... (...) (252D1)

(...) eles levam um textozinho para fazer a leitura... (...) (253D1)

(...) e funciona muito como trabalho de casa... (...) (261D1)

(...) vê-se as dificuldades que o menino teve, corrigem-se... (...) (262D1)

“Os encarregados de educação gostam que os filhos utilizem manuais”

(...) e os pais também gostam... (...) (250D1)

“Permitem diversificar o trabalho com os diferentes grupos de alunos”

Não aplicável

“Possibilitam o estudo/complementar o estudo de temas”

(...) E a nível de Estudo do Meio também utilizo manuais... (...) (267D1)

6.2. Outros recursos utilizados

“Utilizo ficheiros”

(...) Eu tinha uns ficheiros (...) (180D1)

“Utilizo a internet”

(...) *Internet* também tenho... (...) (269D1)

“Utilizo vários tipos de livros”

(...) Tenho alguns livros... (...) (271D1)

“Utilizo o computador”

(...) Tenho computador... (...) (268D1)

(...) O computador faz muito jeito... (...) (270D1)

“Uso material manipulável

(...) Para a Matemática... há o tangram,, o geoplano... (...) (272D1)

(...) e também outro material... jogos... dominós, lotos... aquelas coisinhas que todas nós temos...

(...) (278D1)

“Utilizo vídeos”

Não aplicável

“Tenho painéis temáticos”

(...) Até costume... quando se dão sons... exponho na parede aqueles cartazes que existem... (...) (275D1)

(275D1)

(...) Para a matemática também tenho cartazes com... portanto... a numeração, os algarismos, depois a dezena, a dúzia... todas essas noções são expostas na parede... (...) (277D1)

“Utilizo cassetes/cd's de música”

Não aplicável

“Utilizo revistas”

Não aplicável

“Utilizo o retroprojector”

Não aplicável

7. Trabalho definido com os parceiros curriculares

7.1. Objectivos

“Quebrar o isolamento”

(...) mas... podemos superar um bocadinho o isolamento na medida em que foram criadas estas condições de juntá-los para actividades... (...) (3D1)

(...) a Ludoteca tem cerca de nove anos e agora a natação... a piscina, dois... (...) isso tem feito com que haja menos isolamento, embora as turmas sejam reduzidas... (...) (7D1)

(...) Os meninos mostram aos outros meninos, pronto... e à comunidade em geral o trabalho que têm feito na sua sala, qualquer trabalho que se ache justificativo para aquele dia... (...) (46D1)

(...) Depois há sempre um convívio com os de mais idade... (...) (47D1)

(...) Cada vez é uma escola hospedeira, cada um desses dias é uma das escolas envolvidas no projecto que recebe as outras... (...) (48D1)

(...) depois há um lanche partilhado, enfim, é um convívio... (...) (50D1)

“Fazer actividades diferentes das habituais”

Não aplicável

“Contribuir para as aprendizagens dos alunos”

Não aplicável

“Fazer um trabalho complementar ao da sala de aula”

Não aplicável

7.2. Áreas mais valorizadas

“Estudo do Meio”

(...) E poderá também haver doutro tipo... Por exemplo, o ano passado fizemos o Dia da Árvore... (...) (60D1)

(...) O Dia Diferente foi após o Dia da Árvore e... aproveitámos os trabalhos que tínhamos feito para aquele dia... para mostrar o que cada escola tinha feito... os cartazes, depois... as regras que devemos ter para proteger a árvore, a natureza, enfim... (...) (61D1)

(...) de acordo, pronto... com a proximidade de certas datas... (...) (135D1)

(...) Por exemplo... estamos próximos do S. Martinho e então... fazemos qualquer coisa que tenha a ver com esse dia... (...) (136D1)

(...) Agora vem o Natal... eles já começaram a fazer as figuras do presépio (...) (138D1)

“Expressão Plástica”

(...) e depois há seguimento com as crianças na escola... (...) podem fazer-se, por exemplo,

ateliers... no Dia Diferente... pintura, barro... (...) (55D1)

(...) as áreas da expressão (...) (56D1)

(...) são aquelas actividades a nível de expressões... (59D1)

(...) se estamos quase na Feira do livro, aproveitamos e fazemos os cartazes de divulgação... (...)
(137D1)

(...) na próxima semana irão depois pintar e daqui a quinze dias... já estão secas (...)(139D1)

“Expressão Físico-Motora”

Não aplicável

“Expressão Dramática”

(...) o teatro, dramatização... (...) (58D1)

“Língua Portuguesa”

(...) Às vezes há o momento da poesia, que eles recitam (...) (57D1)

“Formação Pessoal e Social”

Não aplicável

“Expressão Musical”

(...) e vamos ver uma cançãozinha de Natal... É isto mais ou menos... (...) (140D1)

“Matemática”

Não aplicável

7.3. Periodicidade

“Dias especiais”

(...) mas era normal na Páscoa, nós fazermos... juntarmo-nos e fazermos folares... já tínhamos feito (...)(72D1)

(...) na altura do Dia da Criança juntarmo-nos e fazermos actividades conjuntas (...) (73D1)

(...) no Dia da Árvore a mesma coisa, chamar pessoas (...) (74D1)

(...) muitas vezes, no Carnaval, vinha sempre a comunidade comer um bolinho, ou no Natal... (...)
(75D1)

(...) O ano passado num Dia Diferente que eles tiveram, no último dia, em Junho, aproveitou-se a festa de final do ano para um Dia Diferente (...) (222D1)

“Semanalmente”

Não aplicável

“Quinzenalmente”

(...) em que nos juntamos sempre quinzenalmente... (...) (6D1)

“Mensalmente”

(...) é um projecto em que... é engraçado, faz-se sempre um dia chamado o Dia Diferente, mensalmente ou de dois em dois meses... (...) (45D1)

“Trimestralmente”

Não aplicável

“Ao longo do ano”

Não aplicável

8. Formas de colaboração com os parceiros curriculares

8.1. Parceiros curriculares directos

“Decido em diálogo com os alunos”

(...)“Vamos fazer isto ou preferem aquilo antes...” (...) (173D1)

(...) Eu digo “olha, escuta... amanhã vamos lá ver... vamos apresentar um texto, por exemplo, sobre o Corpo Humano... o que é que poderemos fazer depois do texto?”(...) (174D1)

(...) “Ah, professora podemos fazer aquelas perguntinhas, para entender o texto e a interpretação...” E outro diz “ai, olhe eu não entendi bem os pronomes... podíamos treinar os pronomes...” (...) (175D1)

“Sempre que lhes peço, os pais deslocam-se à escola (reuniões, informações)”

(...) Quando é assuntos de força maior... reuniões... já tenho feito a reunião depois das cinco horas... (...) (230D1)

(...) Os pais vêm à escola quando são solicitados (...) (233D1)

(...) Mesmo nesses Dias Diferentes somos nós a solicitar e até a motivar... Mandamos o convite e depois... eu costumo dizer “vejam lá se aparecem... porque é a nossa escola a receber...” para os motivar... (...) (234D1)

(...) ao longo da carreira, portanto... sempre tive o apoio quando pedi, com a maior das disponibilidades, sempre impecáveis, muito próximos... (...) (235D1)

(...) Vêm quando são chamados (...) (236D1)

“Os pais colaboram em actividades definidas pela escola”

Não aplicável

“Trabalho em conjunto com outros colegas”

(...) [Sobre a planificação das actividades conjuntas] Normalmente... decidimos isso na semana anterior (...) (134D1)

“Os pais vêm à escola, por iniciativa deles, para saber dos miúdos ”

(...) ou... também acontece... se passarem um dia por aqui... até são capazes de vir cumprimentar, perguntar como é que está o menino... Mas tirando isso... (...) (237D1)

“Os pais dinamizam actividades”

Não aplicável

“Com os colegas, as decisões são tomadas em Conselho Escolar / de Núcleo”

(...) [Sobre a Feira das Escolas] (...) o nosso plano pedagógico, era traçado em Conselho Escolar... na altura era o nosso projecto. (...) (26D1)

(...) E então faziam-se trabalhos que iam ao encontro daquele projecto, como nós fazemos hoje... (...) (27D1)

“Decidimos algumas coisas em conjunto com os pais”

(...) quando foi para acertar o calendário (...) (231D1)

(...) para eleger o representante dos pais... (...) (232D1)

“Os pais dão apoio na realização dos trabalhos de casa”

(...) onde é que deve ter mais acompanhamento em casa... se na leitura, ou nisto ou naquilo...(…) (243D1)

“Mantemos contacto, com os pais, pelo telefone”

(...) Quando eles não podem vir, eu já tenho chegado até a telefonar “ah, mas quando é que vocês podem passar por aqui, para a gente falar um bocadinho?” (...) (239D1)

(...) Se for só por escrito e eles muitas vezes não... (...) Não lêem e, às vezes, não entendem bem... (...) (240D1)

“Mantemos contacto, com os pais, por meio de recados escritos”

(...) Eu quando tenho qualquer coisa, mando sempre um bilhetinho e as mães mandam um bilhetinho também... (...) (229D1)

“Aproveito o conhecimento que os pais têm sobre o meio”

Não aplicável

“Decido com os alunos em Assembleia de Turma”

Não aplicável

8.2. Entidades que desenvolvem projectos locais

“Aceitámos desenvolver o projecto que nos foi apresentado”

(...) A nível da Associação e do Clube Náutico, as entidades é que têm vindo à escola... (...) Fazer propostas às escolas (...) (89D1)

“Aceitámos participar em projectos desenvolvidos por outras entidades”

Não aplicável

“As actividades definidas conjuntamente são planeadas antecipadamente”

Não aplicável

“As decisões são tomadas em Conselho de Núcleo”

Não aplicável

“Pedimos colaboração para desenvolver um projecto da escola”

Não aplicável

“Elaborámos um projecto conjunto”

Não aplicável

Envolvimento na reorganização curricular

1. Práticas de flexibilidade curricular

1.1. Procura de materiais mais adequados

“Procuo obter materiais mais adequados aos alunos”

Não aplicável

“Procuo elaborar materiais mais específicos para os alunos”

Não aplicável

“Nem sempre uso o manual escolar”

(...) Mesmo na escola há muitas alturas em que eu... textos... não ligo ao livro... procuro outros textos... (...) (263D1)

(...) agora comecei na página um e vou... não... (...) (264D1)

“Não sigo sempre o manual”

Não aplicável

1.2. Organização temática

“Utilização de elementos temáticos do meio local para motivação dos alunos”

Não aplicável

“Utilização do meio local como conteúdo”

Não aplicável

“Exploração de um conteúdo em diferentes níveis de exigência”

Não aplicável

“Faço interligações entre as áreas curriculares”

Não aplicável

“Diferente valorização das diversas temáticas”

Não aplicável

“Prioridade na exploração das temáticas propostas pelos alunos”

Não aplicável

“Procuo fazer a articulação com o 2º ciclo”

Não aplicável

1.3. Utilização de práticas diferenciadas

“Trabalhei com outro método”

Não aplicável

“Optei por outras estratégias”

Não aplicável

“O novo método permite melhores resultados”

Não aplicável

1.4 Agrupamento de alunos

“Junção de alunos de várias escolas para actividades semanais/quinzenais”

(...) [Os alunos das escolas unitárias] formam mesmo uma nova turma (...) (124D1)

(...) organizamo-nos naturalmente... é como calha... (...) (133D1)

“Os alunos fazem as actividades num grupo mais alargado”

(...) eles próprios... agrupam-se... e não há isolamentos. (...) (127D1)

(...) E as professoras das várias escolas é como se fossem professoras daquele grupo todo... (...) (128D1)

(...) Eles pedem ajuda a mim ou a outra colega ou a outra... (...) (129D1)

(...) Portanto... os meus alunos se estiver outra colega mais próximo, dirigem-se a ela... “ai, professora posso fazer isto...” (...) (130D1)

(...) A que estiver mais próximo é que é a professora... (...) (131D1)

(...) Por exemplo, há um aluno da escola de (...), se eu estiver mais perto, sou eu que sou solicitada, não é a professora, ou vice-versa... (...) (132D1)

“Os alunos podem conviver com mais crianças”

(...) porque eles já têm relações, pronto... de amizade e de convívio, bastante razoáveis. (...) (125D1)

“Junção de alunos de várias escolas para actividades ocasionais”

Não aplicável

“Alterações nos grupos de trabalho dos alunos”

Não aplicável

“Grupos constituídos por alunos de diferentes anos de escolaridade”

Não aplicável

1.5. Utilização de outros espaços de aula

“Utilização da piscina municipal”

Não aplicável

“Utilização de outras escolas”

Não aplicável

“Utilização da Biblioteca Municipal”

Não aplicável

“Participação em eventos concebidos por outras entidades”

Não aplicável

2. Atitude face ao apelo de flexibilização curricular

“Já se praticava no 1º ciclo”

(...) Penso eu que já estamos a fazer! (...) (281D1)

(...) Mas, eu penso que todos nós quando fazemos a gestão curricular, já há flexibilidade... (...) (287D1)

(...) E ao definirmos essas competências, estamos a seleccionar e aí já estaremos a gerir qualquer coisa, pronto... a flexibilizar qualquer coisa... (...) (292D1)

(...) mas eu penso que nós fazemos... Nós já fazemos! (...) (294D1)

“Temos falado no Conselho de Docentes”

(...) Mesmo nas nossas reuniões de docentes de nível... há duas vezes que vamos... e é sempre... é competências para aqui, é competências para ali e... (*encolhe os ombros*) (...) (297D1)

“Sempre procurei que os alunos fizessem as suas próprias aprendizagens”

Não aplicável

“Requer maior organização do trabalho do professor”

Não aplicável

“Requer turmas pequenas”

Não aplicável

“Precisamos de conhecer o meio dos alunos”

Não aplicável

“Converso com as colegas”

Não aplicável

3. Atitude face aos novos documentos de trabalho

3.1. Competências definidas

“Não há grande diferença entre trabalhar com objectivos ou competências”

Não aplicável

“Trabalhar com competências não vai trazer grande benefício”

Não aplicável

“Estamos a organizar a definição das competências”

(...) Aquilo era para ser por núcleo... (...) (301D1)

(...) mas a escola da (...) fez e como já terminou... (...) Núcleo de (...). Agora penso que o núcleo de (...) o vai dar aos outros núcleos... (...) (302D1)

“Ainda não tenho opinião formada sobre o trabalho com as competências”

Não aplicável

“Vamos ver quais serão as competências mínimas”

Não aplicável

“É um trabalho muito importante”

Não aplicável

3.2. Projecto Curricular de Escola

“Houve uma mudança de nome”

(...) Porque é que não pode ser Plano Anual de Actividades, é preciso esta mudança de nomes? (...) (320D1)

(...) Os objectivos são os mesmos, as coisas são idênticas... troca-se nomes e a pessoa anda baralhada e confusa... (...) (321D1)

(...) Para mim o Plano Anual de Actividades é uma coisa normal, tem que existir! (...) (322D1)

“Ainda estamos a definir”

Não aplicável

3.3. Projecto Curricular de Turma

“Ainda não defini o projecto para a turma”

(...) E vou levá-lo para levar para a próxima reunião de núcleo... (...) (389D1)

(...) Já é alguma coisa... porque nós estamos metidas nisto e queremos fazer as coisas... (...) (390D1)

“Tenho dúvidas se irá ajudar a prática”

(...) Penso que não me irá ajudar muito (...) (401D1)

(...) mas posso mudar de ideia... quando estiver feito e quando estiver... a ser implementado... (...) (402D1)

(...) depois de estar definido, posso ter uma opinião contrária. (...) (403D1)

(...) Como é novo... pode ser pessimismo meu... ou falta de conhecimento... (...) (404D1)

(...) Mas eu penso que não irá adiantar grande coisa (...) (405D1)

(...) mas não sei... (...) (406D1)

“É um documento formal”

(...) [*Sobre a necessidade do Projecto Curricular de Turma*] (...) Eu penso que é uma coisa que tem que ser... (...) (399D1)

(...) impõem, tem que ser feito. (...) (400D1)

“Acho que vai ser útil”

Não aplicável

“Tenho um esquema dado por uma colega”

(...) ou me dão formação ou tem que se ir copiando, passe a expressão... (...) (393D1)

(...) [*Sobre o Projecto Curricular de Turma*] (...) Tenho um esquema que me foi dado... (...) (385D1)

(...) Foi dado por uma colega de (...)... (...) Foi lá no Complemento, por causa de um trabalho... O esquema foi apresentado à professora da cadeira... (...) (386D1)

(...) esse esquema foi conseguido através de contactos que essa colega tinha e aproveitaram... (...) (387D1)

(...) copiando no bom sentido, por quem está mais avançado... (...) aquilo parte... a identificação da turma... (...) caracterização da turma... a parte do pessoal... (...) turma, alunos, pessoal docente... (...) as áreas curriculares... (...) A avaliação... os parâmetros de avaliação (...) (394D1)

“Corresponde a um plano de actividades”

Não aplicável

“Já está definido”

Não aplicável

4. Atitude face às novas áreas não disciplinares

4.1. Inovação face às práticas dos professores

“Já se fazia Estudo Acompanhado”

(...) O Estudo Acompanhado... nós, no Complemento de Formação... (...) nós achamos que já fazíamos Estudo Acompanhado há muito tempo (...) (345D1)

(...) só que a gente não sabia que se chamava Estudo Acompanhado! (...) (346D1)

(...) Quem é que de nós não faz esse tipo de coisas?(...) (349D1)

(...) Todas essas coisas estão encaixadas no tal Estudo Acompanhado, que nós vínhamos fazendo (...) (353D1)

(...) só que não estava... não estava na nossa planificação (...) (354D1)

(...) não havia lá essa área, mas estava contemplada (...) (355D1)

(...) *[Sobre o Estudo Acompanhado]* (...) Eu faço precisamente como vinha desenvolvendo... (...) (359D1)

(...) até aqui fazia como que um complemento das coisas, não é? (...) (363D1)

”A Área de projecto já se praticava”

Não aplicável

“A Formação Cívica já se praticava”

(...) Cada um de nós tem a sua maneira de ser e para mim são muito importantes e, por isso, penso que estão à flor da pele sempre com os meus alunos. (...) (367D1)

(...) Aqui está... eu já planificava isso... (...) (372D1)

(...) Ao longo da minha vida, sempre dei muita, muita importância aos valores... Por isso acho que já vinha ao encontro do que eu fazia... (...) (374D1)

“As novas áreas já eram trabalhadas”

(...) Não me vem dar nada de novo (...) (378D1)

“As novas áreas trazem alguma inovação”

(...) *[Sobre a importância das novas áreas não disciplinares]* (...) eu penso que é importante porque... poderia haver quem praticasse ou quem não praticasse (...) (376D1)

(...) E agora, em princípio... as pessoas vão... têm mesmo que trabalhar isso... (...) (377D1)

(...) *[Sobre a Educação Cívica]* (...) Podia passar ao lado de algumas pessoas.(...) (380D1)

(...) Poderia correr-se o risco de haver pessoas que não valorizassem ou valorizassem só o lado da disciplina (...) (381D1)

(...) “Estou aqui só para ensinar e mais nada!” (...) (382D1)

4.2. Repercussão na prática

“Vão alterar pouco a minha prática”

Não aplicável

“Vou preocupar-me um pouco mais com estes aspectos”

Não aplicável

“Já tenho um horário flexível estabelecido para as novas áreas”

(...) Por causa de ter uma hora estipulada (...) (361D1)

(...) e isso é qualquer coisa de novo para mim... (...) (362D1)

“Só a planificação é que vai mudar”

Não aplicável

“Vou ter uma maior preocupação com os registos das actividades”

(...) Vou desenvolvendo... agora, se calhar, um bocadinho... ou com mais anseio, ou com mais pressão... (...) (360D1)

(...) mas concordo que... tenham agora um maior realce.... (...) (379D1)

“Aproveito os momentos mais oportunos para trabalhar as novas áreas”

Não aplicável

“Ainda não tenho horário pré-estabelecido para as novas áreas”

Não aplicável

“Vou ter uma maior preocupação com os instrumentos de avaliação”

Não aplicável

5. Actividades desenvolvidas nas novas áreas não disciplinares

5.1. Estudo Acompanhado

“São actividades de apoio individual para os alunos”

(...) Portanto, ajudar o menino a fazer a sua aprendizagem... aprendendo a aprender. (...) (350D1)

“Trabalhos de consulta de dicionários”

(...) quando o menino faz uma consulta no dicionário, é Estudo Acompanhado... (...) (348D1)

(...) Ele aprende a aprender a consultar o dicionário (...) (351D1)

“Aprendem coisas que já aprendiam noutras áreas, mas de forma diferente”

Não aplicável

“Trabalhos de pesquisa”

(...) Por exemplo, quando a gente... (...) leva o menino a pesquisar é Estudo Acompanhado (...) (347D1)

(...) a fazer pesquisas, recolhas... (...) (352D1)

“Trabalho aspectos relacionados com a análise de textos”

Não aplicável

“Preocupo-me com a organização dos materiais que utilizam”

Não aplicável

“Procurro que utilizem materiais, relacionados com a área da Matemática”

Não aplicável

“Procurro que saibam adaptar-se a novas situações”

Não aplicável

5.2. Formação Cívica

“Relaciona-se com a conduta humana”

(...) A Educação Cívica... (...) Para mim os valores são muito importantes... (...) (366D1)

(...) E gosto (...) de chamar a atenção sempre para o que se deve fazer... o respeito pelos outros, a amizade, a solidariedade... (...) (368D1)

(...) Eu penso que isso é Educação Cívica (...) A gente... educá-los para os outros... o civismo, os comportamentos, as regras... (...) (373D1)

(...) E eu penso que os nossos meninos... (...) antes do ensino, da aprendizagem, há o conceito de educação... os comportamentos, os valores para com os outros... com os pais, com os mais velhos, com nós mesmos... (...) (383D1)

(...) o saber é importante, mas também é importante haver uma formação... humana como base, penso eu (...) (384D1)

“Faço Assembleias de turma”

Não aplicável

“Serve para se ouvirem uns aos outros”

(...) É qualquer coisa... ou de reflexão ou de ajuda e que os meus meninos pensam... (...) (371D1)

5.3. Área de Projecto

“Ainda não tenho nada pensado”

Não aplicável

“Estamos a ver como é que vamos desenvolver esta área”

(...) A Área de Projecto também está na... está na fase de se tentar, de se fazer... (...) (364D1)

(...) vamos esperar pelo próximo encontro de núcleo... Conselho de Núcleo para ver se conseguimos... fazer... qualquer coisa... (...) (365D1)

“Vamos fazer projectos a definir pelos alunos”

Não aplicável

6. Necessidades de mudança manifestadas

6.1. Recursos nas escolas

“Os alunos deviam estar numa escola maior “

(...) estas escolas com poucos alunos... já tenho pensado... se eu mandasse, fazia vários núcleos... (...) (331D1)

(...) Por exemplo, nesta zona, estava (...), (...), (...)... (...) (332D1)

(...) e penso que se os meninos destas escolas fossem para esse núcleo... era óptimo. (...) (339D1)

(...) E penso que isto seria do interesse das crianças (...) (340D1)

(...) da motivação do professor, tudo... (...) (341D1)

(...) Até porque muitos dos miúdos destas escolas têm de ser transportados... se forem deslocados para mais dez ou quinze ou vinte quilómetros, não faz grande diferença... (...) (342D1)

“Escolas melhor equipadas”

(...) Mas tinha de haver condições... (...) (333D1)

(...) Não podia ser só pegar nos meninos e levar para lá (...) (334D1)

(...) Agora fica lá um colega lá com dezassete ou dezoito meninos, todos metidos na mesma sala, com o mesmo material, com o mesmo apoio... isso não.. (...) (335D1)

(...) Primeiro tinham de ser criadas as devidas condições... escolas melhor equipadas, refeitório (...) (336D1)

(...) isto se tiverem todas as condições... Aí tudo bem! (...) (343D1)

(...) Mas primeiro as condições, depois as mudanças! (...) (344D1)

“Mais recursos humanos”

(...) auxiliares... enfim, todo o apoio... (...) (337D1)

“Gostava de ter uma turma mais homogénea de alunos”

Não aplicável

6. 2. Prática pedagógica

“Mais trabalho em conjunto com os colegas”

Não aplicável

“Maior participação dos alunos no processo de aprendizagem”

Não aplicável

“Maior articulação entre as componentes local e nacional do currículo”

(...) Há uma coisa que me faz muita confusão! Um menino que é nosso... deste meio rural, não está impossibilitado... de ir para um meio urbano... (...) Ora, esse menino quando... se quiser, ou tiver possibilidades, ou se o seu percurso lhe permitir a entrada na Universidade... essa Universidade... (...) não vai ser aqui num meozinho rural dele (...) E, então, não sei até que ponto a gente pode traçar um currículo para o nosso menino, só dentro do meio dele... (...) (323D1)

(...) E se esse menino for, por exemplo, transferido para Lisboa? Não haverá qualquer coisa que tenha que ser comum? (...) (324D1)

(...) partindo sempre da realidade, das vivências dele, valorizando a 95% sempre essa parte do menino, mas tentando também que ele não se vá sentir... não se vá sentir (...) desfasado, por exemplo, se for para uma cidade... (...) (325D1)

(...) Um aluno está agora aqui, mas não pode simplesmente ficar limitado àquilo que o rodeia (...) (326D1)

(...) Podemos sim, traçar um projecto, um plano, que tenha a ver com aquela realidade, mas dando sempre um acréscimo... àquele aluno... (...) (327D1)

(...) Também acho que um menino lá da cidade... será muito triste se pensar que o ovinho apareceu lá de qualquer maneira... (...) (328D1)

(...) Também deve saber as realidades dos outros meninos (...) (329D1)

(...) Teria de haver uma parte que seria de acordo com a realidade de cada escola... uma opção da

escola... e uma outra parte comum para todos os alunos... (...) (330D1)

“Provas de aferição que considerem os projectos das escolas”

(...) Se há a flexibilidade... as provas teriam que ser, no mínimo... diferentes... (...) (149D1)

(...) Se há um currículo a nível do concelho (...) Competências que se traçam a nível dos meninos do concelho, de um agrupamento... essas provas teriam de ser feitas de acordo com aquelas competências que se tinham traçado para os meninos. (...) (150D1)

(...) penso que quando se fala num currículo devia haver... devia haver uma outra maneira de o dirigir... (...) (154D1)

(...) Pronto, traçava-se esse currículo, definia-se mas... a avaliação, essa prova aferida, tinha que ser noutros moldes... (...) (155D1)

(...) E aí a pessoa estava tranquila... (...) (156D1)

“Maior articulação entre o currículo dos quatro anos”

Não aplicável

“Maior articulação entre as áreas de cada ano”

Não aplicável

“Maior valorização da componente local do currículo”

Não aplicável

“Maior relevância do desenvolvimento das competências pessoais dos alunos”

Não aplicável

“Mudança de método de aprendizagem da leitura e da escrita”

Não aplicável

Práticas de avaliação

1. Avaliação efectuada individualmente pelo professor

1.1. Modo de avaliar

“Individualmente”

Não aplicável

“Em conversa, com colegas”

Não aplicável

“Registo por escrito”

(...) e eu faço o meu... muito simples (...) (203D1)

“Faço uma avaliação mais formal e outra mais prática, para me orientar”

Não aplicável

1.2. Periodicidade

“No início do ano”

Não aplicável

“Diariamente”

Não aplicável

“Mensalmente”

Não aplicável

“No final de cada período”

Não aplicável

“No final do ano”

Não aplicável

1.3. Critérios utilizados

“Aprendizagens efectuadas”

Não aplicável

“Proposta de alternativas”

Não aplicável

“Cumprimento dos objectivos”

(...) faço o registo... se foi cumprido na íntegra, se não foi... porque é que não foi... (...) (204D1)

“Interesse dos alunos”

Não aplicável

2. Avaliação efectuada com os alunos

2.1. Modo de avaliar

“Em diálogo, com os alunos”

(...) [Sobre a avaliação do trabalho desenvolvido] (...) os meus meninos também fazem. (...) (195D1)

“Preenchimento de grelhas”

(...) Tenho uma espécie de uma grelhazinha muito simples (...) (196D1)

“Em Assembleia de turma”

Não aplicável

“Por escrito”

(...) Nestes Dias Diferentes a avaliação é feita pelos meninos e pelos professores... O ano passado os meninos vinham para a escola e faziam por escrito (...) (65D1)

(...) Os meninos fazem esse registo (...) (202D1)

(...) Por exemplo, a nível da matemática... “consegui aprender ou memorizar a tabuada do 6...” e ele põe lá a cruzinha se sim ou se não... (...) (197D1)

“Através de desenho”

(...) ou através de um desenho, os que não sabem escrever, aquilo que tinham achado do Dia Diferente (...) (66D1)

2.2. Periodicidade

“Semanalmente”

Não aplicável

“Mensalmente”

Não aplicável

“Trimestralmente”

Não aplicável

“Ao longo do ano”

Não aplicável

2.3. Critérios utilizados

“Aprendizagens efectuadas”

Não aplicável

“Interesse dos alunos pelo trabalho que fazem”

Não aplicável

“Proposta de alternativas”

Não aplicável

“Modo de desenvolvimento das actividades”

Não aplicável

“Desempenho do professor”

Não aplicável

3. Avaliação efectuada com os colegas

3.1. Modo de avaliar

“Em conversa”

Não aplicável

“Nas reuniões de docentes”

Não aplicável

“Utilizamos grelhas”

Não aplicável

3.2. Periodicidade

“Vários momentos ao longo do ano”

Não aplicável

“No final do ano”

Não aplicável

3.3. Critérios utilizados

“Cumprimento de objectivos”

Não aplicável

“Aprendizagens efectuadas”

Não aplicável

“Proposta de alternativas”

Não aplicável

4. Avaliação efectuada com as outras entidades

4.1. Modo de avaliar

“Oralmente”

(...) Ela cobre esta zona... depois, discute-se, quer dizer... cada pessoa faz a sua avaliação (...)
(68D1)

“Registo escrito”

(...) e cada professor fazia a sua reflexão por escrito... (...) para a coordenadora do projecto... (...) que está requisitada pelo I.C.E. e que vem sempre que há um Dia Diferente... (...) (67D1)

“Preenchimento de grelhas com vários parâmetros”

Não aplicável

“Por questionários”

Não aplicável

4.2. Periodicidade

“No final do dia”

Não aplicável

“No final do ano”

Não aplicável

“Ao longo do ano”

(...) Fazia-se a avaliação do trabalho (...) (37D1)

4.3. Critérios utilizados

“Cumprimento dos objectivos”

Não aplicável

“Proposta de alternativas”

(...) E este ano podemos consolidar mais as coisas, para fazer um balanço final com mais reflexão e se calhar com mais argumentos, para propor outras coisas... (...) (100D1)

“Modo de desenvolvimento das actividades”

Não aplicável

“Comportamento dos alunos”

Não aplicável

5. Avaliação efectuada com os encarregados de educação

5.1. Modo de avaliar

“Falamos dos progressos dos alunos”

(...) entenderem, pelo menos onde o aluno tem mais dificuldade (...) (242D1)

“Nada formal”

(...) gosto sempre depois de dar uma palavrinha (...) (244D1)

(...) fazer um resumo daquilo que vai escrito... (...) (245D1)

“Através do registo de avaliação dos alunos”

(...) Eu costumo sempre... (...) naquela parte da ficha em que diz “apreciação global”, tentar ter uma linguagem mais prática e ser sintético, para eles, (...) (241D1)

“Através de conversação bem fundamentada”

Não aplicável

5.2. Periodicidade

“Sempre que os pais aparecem na escola”

Não aplicável

“No final de cada período”

(...) [Sobre a participação dos pais na avaliação] (...) Costumo no final de cada período, portanto... tento sempre falar com eles... (...) (238D1)

Dificuldades/problemas sentidos

1. Meio envolvente à escola

“É difícil trabalhar sozinha”

Não aplicável

“Estou muito longe de casa”

Não aplicável

“Difículta o trabalho conjunto com os colegas”

Não aplicável

“Meio pobre em temáticas para trabalhar na escola”

Não aplicável

2. Prática pedagógica

“Falta de tempo para dedicar a todos os grupos de alunos”

Não aplicável

“Há uma separação entre o que se faz na sala de aula e as saídas”

Não aplicável

“É difícil mudar a prática”

Não aplicável

“Demoro algum tempo a identificar as dificuldades dos alunos”

Não aplicável

“Sou pouco criativa”

Não aplicável

3. Alunos

3.1. Alunos com vivências limitadas

“Alunos com poucas vivências”

Não aplicável

“Alunos com um baixo nível sócio-cultural”

(...) Eles têm tão poucos hábitos de leitura... (...) (254D1)

(...) muitos deles não têm... [livros em casa] (...) (255D1)

(...) até são capazes de comprar um carro, uma bola ou outras coisas, mas livros não... (...) (256D1)

(...) não há o hábito de comprar livros... (...) (257D1)

3.2. Alunos com dificuldades/problemas de aprendizagem

“Alunos com bastantes dificuldades de aprendizagem”

(...) a nossa escola vai estar em causa... Se o aluno não fez nada da prova... (...) (157D1)

(...)e nestas escolas há um aluno ou dois... de 4º ano, isso é muito complicado para um professor...

(...) Um aluno funciona como 100%. (...) (158D1)

(...) Isso é complicado para um professor que seja responsável, mesmo que não queira, não se abstrai muito disso. (...) (159D1)

“Vários anos de escolaridade na sala de aula”

Não aplicável

“Alunos com problemas de comportamento”

Não aplicável

“Alunos com ritmos de aprendizagem muito diferentes”

Não aplicável

“Alunos difíceis de motivar”

Não aplicável

“Turmas com poucos alunos”

(...) Este decréscimo[de alunos] (...) é sempre complicado (...) (2D1)

(...) Mas é diferente, numa turma com... poucos alunos... o espírito de equipa, a cooperação... (...) isso falha... (...) (8D1)

“Alunos que estão num ano superior ao nível das suas aprendizagens”

Não aplicável

“Alunos com ritmos de aprendizagem muito lentos”

Não aplicável

“Ter só uma criança de um ano de escolaridade”

Não aplicável

“Turmas com muitos alunos”

Não aplicável

“Alunos que não sabem participar na definição das actividades”

(...) E pronto... tudo bem... mas pode-se sempre.. os meus alunos não têm muita maturidade para ser eles a definir (...) (176D1)

4. Trabalho conjunto com os colegas

“É raro discutir-se o trabalho individual de cada prof. nas reuniões”

Não aplicável

“Colegas que gostam de impor as suas opiniões”

Não aplicável

“Colegas que ficam à parte do grupo de trabalho”

Não aplicável

“Os assuntos mais importantes são desviados”

Não aplicável

“Torna-se complicado chegar a consenso”

Não aplicável

5. Encarregados de educação

“Pais pouco interessados pela escola”

Não aplicável

“Pais são pouco participativos nas actividades desenvolvidas pela escola”

Não aplicável

“Pais muito críticos em relação à actuação do professor”

Não aplicável

“Pais que consideram que só o professor é que sabe”

Não aplicável

“Os pais não participam na avaliação dos alunos”

Não aplicável

“Pais com problemas sociais”

Não aplicável

“Os pais só querem que os filhos saibam ler, escrever e contar”

Não aplicável

“Os pais não participam na avaliação das actividades”

Não aplicável

6. Falta de formação

“Falta de formação para a reorganização curricular”

(...) sinto [falta de formação] (...) (295D1)

(...) Um esclarecimento, mas um esclarecimento por inteiro! (...) (296D1)

(...) nomeadamente (...) quando vêm assuntos novos, como esta tal reorganização... (...) (475D1)

(...) que a pessoa tenha hipóteses de frequentar uma acção ou um esclarecimento válido pelas entidades competentes (...) (476D1)

(...) para a gente não andar assim neste mar sem... rumo... (...) (477D1)

“Falta de formação na Área de Projecto”

Não aplicável

“Falta de formação para a Formação Cívica”

Não aplicável

“Falta de formação para a elaboração de projectos educativos”

(...) Eu não sei, sinceramente... (...) (392D1)

“Falta de formação para o Estudo Acompanhado”

Não aplicável

“Falta de formação em Necessidades Educativas Especiais”

Não aplicável

“Falta de formação para a prática do trabalho conjunto”

Não aplicável

“Falta de formação na área de informática”

Não aplicável

7. Recursos

7.1. Materiais

“Falta de material”

(...) que não há nas escolas, que são mais reduzidas, sim... (...) (143D1)

(...) E os da biblioteca da escola também são limitados (...) (258D1)

(...) Condições que essas escolas sozinhas não têm... (...) (338D1)

“Tenho de comprar material às minhas custas”

(...) mas tudo material que eu tenho adquirido para mim... (...) (276D1)

“Dificuldades em arranjar-se material”

(...) trago muitas coisas de casa, sim... principalmente a nível de 1º ano... (...) (273D1)

(...) se não se trouxer de casa, material nosso... (*encolhe os ombros*) (...) (274D1)

“Manuais mal elaborados”

Não aplicável

“Trabalhamos com manuais escolhidos por outras colegas”

Não aplicável

“Os manuais não se adequam a estas crianças”

Não aplicável

“Falta de condições dos edifícios escolares”

Não aplicável

“Falta de verba para continuar um projecto”

Não aplicável

“Há alunos que ainda não têm o livro que foi adoptado”

Não aplicável

“Os manuais adoptados não se adequam a toda a turma”

Não aplicável

7.2. Humanos

“Não temos professor para a Expressão Musical”

Não aplicável

“Não temos auxiliar de acção educativa”

Não aplicável

“Temos falta de um professor de apoio”

Não aplicável

“Não temos psicóloga”

Não aplicável

“Deixou de ser uma professora a pessoa que fazia a animação”

Não aplicável

8. Reorganização curricular

8.1. Quantidade de inovações

“Ainda está tudo confuso”

(...) confesso que tenho alguma complicação (...) (145D1)

(...) faço como posso, não sei se faço bem, não sei se faço mal... (...) (146D1)

(...) Mas depois sempre há dúvidas... (...) (282D1)

(...) Mas de qualquer forma, sinto dificuldades (...) (288D1)

(...) tenho as minhas interrogações (...) (289D1)

(...) interrogo-me muito... (...) (290D1)

(...) Portanto currículo... flexibilidade curricular, para mim... são dúvidas (...) (293D1)

(...) Agora é um bocado complicado (...) (356D1)

(...) e penso que as pessoas andam um bocadinho à margem para fazer este novo enquadramento... (...) (357D1)

(...) Depois a tal Área de Projecto, o Projecto de Turma e tudo o mais... vai-se fazendo, mas não está... bem estruturado, nível de papel bem estruturado... (...) (358D1)

(...) também estavam nas mesmas incertezas, não tinham nada feito... (...) (388D1)

(...) Pelo menos eu... tento fazer o melhor que posso, mas quando há inseguranças a pessoa não consegue... há incertezas, aquilo é novo... (...) (391D1)

“Agora há muita coisa para organizar”

(...) E depois há um problema... temos também o nosso... pronto, os nossos meninos... (...) (119D1)

“Muita coisa nova ao mesmo tempo”

(...) [Sobre a adequação do currículo aos alunos] Para mim é tudo uma novidade (...) (144D1)

8.2. Indefinição de projectos

“Há atrasos na elaboração dos projectos curriculares”

(...) O projecto, nada, nada... (...) (299D1)

(...) Está tudo muito baralhado... (...) (312D1)

(...) não há nada de definido... (...) (313D1)

“Estamos dependentes da definição do Projecto do Agrupamento”

(...) E uma coisa que me faz a mim confusão também é não termos Projecto Educativo (...) A nível de concelho... (...) (307D1)

(...) E para mim... posso estar errada, mas penso que seria o suporte principal... (...) (308D1)

(...) E faz-me isto confusão (...) (309D1)

(...) para mim era o suporte máximo (...) (310D1)

(...) Era o tal Projecto Educativo e a partir desse projecto cada núcleo tinha um sub-projecto daquele projecto (...) (311D1)

“Estamos dependentes do encadeamento entre os projectos curriculares”

Não aplicável

“Tivemos que elaborar um plano de actividades”

(...) No nosso núcleo houve necessidade de traçar o Plano Anual de Actividades... (...) (314D1)

(...) Já não existe o nome “Plano Anual de Actividades”, mas nós... por exemplo, temos que calendarizar as nossas visitas de estudo atempadamente, porque a Câmara não aceita pedidos de transporte... em cima da hora ... (...) (315D1)

(...) ora isso tem de ser feito... E tem que haver um plano de trabalho (...) (316D1)

(...) Por que é que não é um Plano de Actividades? (...) (317D1)

(...) O Plano de Actividades não é tudo o que nós desenvolvemos? (...) (318D1)

(...) Não planeamos isso, o que se faz? (...) (319D1)

8.3. Flexibilidade curricular

“É difícil adequar o currículo aos alunos”

Não aplicável

“As provas de aferição não têm a ver com os projectos da escola”

(...) Isto é tudo muito bonito, fala-se do currículo, fala-se de alternativa, mas depois em Maio, os meninos de 4º ano têm uma prova de aferição que não tem a ver com nenhum projecto que a escola tenha desenvolvido... (...) (120D1)

(...) O currículo, a flexibilidade... mas depois vejo uma prova que não é... (...) (148D1)

(...) da tal prova de aferição, que não vem de acordo com... com aquele currículo traçado por nós... (...) (284D1)

(...) mas vem a nível... (...) geral! (...) (286D1)

“Há uma separação entre o programa e os projectos da escola”

(...) os projectos estão num lado e o dito programa continua a ser outro caminho que a pessoa acaba por seguir, às vezes, separadamente... (...) (160D1)

(...) Faz-se, mas parece que é um bocadinho à parte, porque depois temos medo do tal programa... (...) (283D1)

“Estamos envolvidos em vários projectos que são independentes uns dos outros”

Não aplicável

8.4. Morosidade

“Ainda estamos a organizar as coisas”

Não aplicável

“Confusão na organização das competências”

(...) Definiram-se as competências... (...) (298D1)

(...) Definiram-se competências (...) (300D1)

(...) houve muita confusão... (...) (304D1)

(...) Confusão à volta do... (...) de toda esta novidade... se é que é novidade (...) (305D1)

(...) As pessoas parece que estão na dúvida e não se faz... (...) (306D1)

“Morosidade na organização das competências”

Não aplicável

8.5. Gestão do tempo

“Não temos tempo para organizar tudo o que nos pedem”

(...) Isso se calhar deve-se... as escolas já... é muita coisa (...) (90D1)

(...) Se calhar... não há tempo para nós dizermos “vamos à entidade para...” (...) (91D1)

(...) É que há alturas em que... olhe, por exemplo, este ano, esta escola tem um projecto do I.C.E., depois é o Projecto da Campanha da Azinheira... que é da Associação... Portanto, já são dois (...) (96D1)

(...) E depois a nível do nosso Conselho de Núcleo, há sempre o nosso projecto (...) O projecto da nossa escola, o projecto de turma... Portanto, já são três... (...) (97D1)

(...) Depois tenho o da Azinheira... (...) (102D1)

“Não há tempo para avaliar o trabalho desenvolvido”

Não aplicável

“A imposição de um horário perturba o trabalho”

Não aplicável

“Falta tempo para falar sobre os alunos”

Não aplicável

9. Relação entre a escola e entidades locais

“São feitas muitas propostas de trabalho às escolas”

(...) Há muita oferta neste concelho, penso isso... (...) (92D1)

“As propostas não se adequam à minha escola”

Não aplicável

“Falta tempo para explorar os projectos a um nível mais aprofundado”

(...) em parte as coisas, às vezes, não são aquilo que mais deveriam ser, não que não sejam válidas (...) (94D1)

(...) Mas se nós... as escolas nos metermos em muitas coisas... se calhar não desenvolvemos tão a fundo, ou com tanta calma, que às vezes também é necessário... um projecto... (...) (95D1)

“Não são muito diferentes das actividades realizadas só pelos professores “

(...) O projecto tem sido assim: o ano passado foi o início... Começámos em Fevereiro e era qualquer coisa de novo... De novo de nome, porque afinal o desenvolvimento e o conteúdo nós já fazíamos... (...) (70D1)

(...) só que não lhe chamávamos Dias Diferentes (...) (71D1)

(...) Pronto... aqueles dias festivos, mas nós não chamávamos o Dia Diferente... (...) (76D1)

(...) É as tais coisas que fazemos, mas muitas vezes não lhe chamamos... e não lhe damos o devido... impacto... (...) (77D1)

(...) Às vezes, estes projectos, estas coisas, não é que nos venham dar... (...) ensinar qualquer coisa de novo, porque aquilo, no fundo, são coisas que nós fazemos no dia a dia... (...) (81D1)

“As propostas anulam a criatividade dos professores”

(...) em parte essas propostas [das entidades] acabam por anular um pouco a nossa criatividade... porque acabamos por seguir as propostas que nos fazem... (...) (93D1)

“As actividades a realizar não ficaram bem definidas”

Não aplicável

“A avaliação não é efectuada conjuntamente”

Não aplicável

“O desenvolvimento das propostas exige muito tempo do professor“

(...) Porque depois estas coisas também comprometem um bocadinho a nossa vida pessoal... (...) (108D1)

(...) Requerem tempo, às vezes horas pós-laborais, para reuniões, para encontros e pronto... (...) (109D1)

(...) [Sobre o tempo despendido com os projectos conjuntos com outras entidades] (...) É tempo para planificar, é tempo para fazer a avaliação, é tempo para... de vez em quando também há encontros... das pessoas envolvidas... (...) (117D1)

(...) No caso dos professores... na tarde em que poderia ir para casa vou para a Associação, enfim... uma série de coisas... (...) (118D1)

“A avaliação prevista não foi efectuada”

Não aplicável

“Ainda não foi efectuada nenhuma avaliação”

Não aplicável

“É difícil não aceitar as propostas que fazem às escolas”

(...) Este ano portanto... não se justificava muito não ir aderir... (...) (101D1)

(...) Às vezes é difícil dizer não! (...) (103D1)

(...) É difícil dizer não (...) (104D1)

(...) porque as pessoas... Eu, por exemplo, trabalho neste concelho há catorze anos... as pessoas já mantêm um certo... uma certa relação com estas entidades que são disponíveis, quando se solicita qualquer coisa... (...) (105D1)

(...) Depois quando vêm, a pessoa parece que fica... (...) (106D1)

(...) Se é um colega que passa por cá um ano e no outro ano não vem, se calhar está mais à vontade e diz “olhe, este ano até nem tenho a minha vida pessoal muito a jeito...” (...) (107D1)

(...) às vezes a pessoa também vai um bocadinho também porque... para não ferir, entre aspas (...) (110D1)

(...) e depois seria assim... um pouco complicado, para quem já está no terreno há mais tempo, dizer não... (...) (115D1)

“As entidades fazem exigências às escolas”

Não aplicável

“As animadoras não têm experiência nenhuma”

Não aplicável

“As propostas das entidades surgem ao longo do ano lectivo”

Não aplicável

“As escolas e as outras entidades nunca se reuniram todas em simultâneo”

Não aplicável

“Os ‘Dias Diferentes’ não têm nada a ver com a Ludoteca”

Não aplicável

10. Aspectos de continuidade

“Não pude continuar o trabalho porque mudei de escola”

Não aplicável

“Ainda não conheço bem estes alunos”

Não aplicável

“Os alunos não estavam habituados a este tipo de trabalho”

Não aplicável

Facilidades sentidas

1. Meio envolvente à escola

“Pessoas muito participativas”

(...) Depois havia também a parte da comunidade, em que as pessoas ofereciam às vezes artesanato... (...) (31D1)

(...) coisas que sabiam fazer e davam o seu contributo para aquela... a escola da sua terra também estar representada com artesanato da localidade... (...) (32D1)

(...) E aí faz os seus convites à comunidade, se houver um artesão (...) alguém que possa mostrar qualquer coisa de importante aos meninos e essa pessoa vem... (...) (49D1)

(...) também veio o formador que estava com elas... e acabou por vir a turma toda... (...) (224D1)

(...) E o senhor... o formador ficou maravilhado... (...) (225D1)

(...) disse que nunca pensou ver numa terrinha destas, tão pequena... os meninos apresentarem coisas tão bonitas e com um à vontade tão grande... (...) (226D1)

“Há muitas semelhanças entre a realidade das escolas”

(...) achamos que a realidade não era distinta... (...) (303D1)

(...) Nós estamos... estamos também na dúvida... porque as nossas turmas são pequeninas... são turmas parecidas, têm as mesmas características (...) (396D1)

(...) Se calhar vamos fazer um modelo igual porque a caracterização dos meninos é semelhante (...) (397D1)

(...) Embora, depois eu tenha o meu, a colega do lado tenha o dela... (...) (398D1)

“As pessoas são simpáticas”

Não aplicável

“As pessoas gostam que o professor desenvolva trabalhos sobre o meio”

(...) E as pessoas também ficaram contentes... por verem aquele trabalho todo... sobre a terra delas... (...) (448D1)

“O meio é pequeno”

Não aplicável

2. Alunos

2.1. Participação na definição/organização das actividades

“Trabalham com mais entusiasmo se participarem na definição das actividades”

(...) Foi qualquer coisa que deu... deu alegria a mim e aos meninos (...) (447D1)

(...) Fizemos muitos trabalhos... (...) (449D1)

“Trabalham com mais entusiasmo se participarem na organização das actividades”

Não aplicável

“Os alunos sabem decidir as actividades a realizar”

(...) E faziam com alguma facilidade o plano diário... (...) (183D1)

2.2. Participação nas actividades desenvolvidas

“Há alunos sem problemas de aprendizagem”

(...) Mas, por acaso, este ano, costumo cumprir... porque não são alunos com problemas. (...) (208D1)

“As turmas pequenas facilitam o trabalho”

(...) [Nas escolas com poucos alunos] é possível individualizar... (...) (209D1)

“Os alunos gostam de trabalhar com o computador”

Não aplicável

“Há alunos que têm facilidade em trabalhar de modo autónomo”

(...) Diferente porque elas tinham autonomia e tinham capacidade de trabalhar (...) (178D1)

(...) era um grupo que trabalhava sozinho... (...) (179D1)

(...) e elas conseguiam... (...) (181D1)

(...) acabavam uma actividade e sabiam que tinham ali um ficheiro, tiravam, faziam, viam a auto-correcção, esquecendo-se até que havia as soluções nas costas... (...) (182D1)

“Há alunos bem comportados”

Não aplicável

“Nas turmas pequenas aprofundamos mais os temas”

Não aplicável

“As turmas grandes dão mais experiência de trabalho”

Não aplicável

“As turmas homogéneas facilitam o trabalho”

(...) Houve um ano em que tive um grupo (...) era um grupo muito homogéneo e fez-se um trabalho diferente nesse ano... (...) (177D1)

“Os alunos conhecem bem o meio natural que os rodeia ”

Não aplicável

2.3. Interesse por actividades conjuntas com outras turmas/escola

“Os alunos gostam de fazer actividades conjuntas”

(...) [Sobre as actividades conjuntas entre as escolas] (...) É sempre óptimo... (...) (123D1)

(...) E portam-se bem, não há atritos, não há... (...) (126D1)

(...) eles próprios... agrupam-se... e não há isolamentos. (...) (127D1)

(...) [Sobre o comportamento dos alunos nas actividades conjuntas entre escolas] Ai, é do melhor... (...) (219D1)

“Os alunos gostam de mostrar aos outros o seu trabalho”

(...) e também para mostrar aos outros que também se faz qualquer coisa mesmo... sendo poucos... (...) (217D1)

(...) senão ficamos aqui tipo uma explicação... para eles não tem muita motivação...(…) (218D1)

(...) Estes gostam muito de apresentar os trabalhos, mesmo em palco... (...) (220D1)

(...) Têm um à vontade muito grande perante um grande grupo. (...) (221D1)

3. Colegas

3.1. Trabalho conjunto

“É positivo trabalhar em conjunto”

(...) [Os] trabalhos de grupo acabam por ser sempre positivos porque antes de começar a trabalhar falou-se da aula e dos meninos e dos nossos problemas “ai, mas olha eu fiz assim...” e acaba por uma coisa beneficiar a outra... (...) (20D1)

(...) [Sobre a avaliação do trabalho conjunto] No global, para mim é positivo... (...) (62D1)

(...) eu penso que sempre que nos juntamos, para ouvir a opinião de um colega... pelo menos, na minha opinião, acho sempre que é positivo (...) (79D1)

(...) [Sobre o trabalho conjunto] Para mim vale muito. (...) (438D1)

(...) Para mim vale muito, de facto... (...) (439D1)

“Gosto de trabalhar em conjunto”

(...) Temos afinidade em termos de amizade, trabalhamos em escolas semelhantes e juntamo-nos sempre... (...) (187D1)

(...) Temos, mais ou menos, pronto... confiança uma com a outra. (...) (190D1)

(...) [As grelhas] foram feitas em grupo.... (...) (198D1)

“Aprende-se sempre quando se trabalha em conjunto”

(...) porque, se calhar, é capaz de enriquecer um pouco mais aquilo que nós fazemos (...) (80D1)

(...) Na semana, por exemplo, ela deu-me umas aulinhas de computador, porque ela entende mais que eu... (...) (188D1)

(...) Às vezes, faz-se; às vezes, há trocas entre as colegas (...) (199D1)

(...) às vezes, vêm em livros e depois nós adaptamos... (...) (200D1)

(...) mas não tenho nenhuma feita da minha autoria... umas complementam as outras... (...) (201D1)

“Traz vantagens para as crianças”

(...) Temos turmas com características iguais... poucos alunos, os mesmo anos (...) (191D1)

(...) E quando se trata de uma escola como esta... com dois meninos, é sempre importante porque juntam-se com outros meninos: o convívio (...) (63D1)

(...) o mostrar aquilo que fazem... pronto, é positivo... (...) (64D1)

3.2. Troca de experiências/materiais

“A troca de experiências é importante”

Não aplicável

“A avaliação efectuada com os colegas corresponde à realidade”

Não aplicável

“Troco materiais com colegas”

Não aplicável

“Os colegas têm dado apoio”

Não aplicável

4. Encarregados de educação

“Pais interessados pela escola”

Não aplicável

“Pais satisfeitos com o trabalho do professor”

(...) E aquilo depois é gratificante... (227D1)

“Pais muito participativos”

(...) e então as mães dos meninos estavam num Curso, daqueles Cursos de Formação, do Centro de Emprego... (...) e depois conseguiram ter um tempinho para ir lá... (...) (223D1)

(...) [*Sobre a participação dos pais nas actividades da escola*] (...) nesse aspecto nunca tive... pronto, problema algum. São sempre receptivos! (...) (228D1)

“Boa relação com os encarregados de educação”

Não aplicável

“Os pais gostam que o professor desenvolva trabalhos sobre o meio”

(...) Eu penso que (...) [*os pais*] dão cada vez mais valor a isso... à escola estar interessada pelas coisas do meio local... (...) (454D1)

(...) penso que as pessoas estão receptivas também à mudança (...) (455D1)

5. Formação

“A minha formação deu valor ao protagonismo dos alunos nas aprendizagens”

Não aplicável

“Fiz uma acção vocacionada para a reorganização curricular”

Não aplicável

“Ajuda ter formação para os 1º e 2º ciclos”

Não aplicável

6. Recursos

“Temos professor para a Natação”

Não aplicável

“Temos professor para a Educação Física”

Não aplicável

“Tenho professora de apoio”

Não aplicável

“Vou ter um psicólogo(a)”

Não aplicável

“Ajuda ter computador e internet”

Não aplicável

7. Inexistência de horários pré-determinados

“Permite escolher os momentos em que os alunos estão mais disponíveis para um trabalho”

Não aplicável

“Possibilita aproveitar melhor as oportunidades temáticas que surgem”

Não aplicável

“Permite trocar a ordem que estava planeada das áreas a trabalhar”

Não aplicável

“Permite ter mais tempo para determinadas matérias”

Não aplicável

8. Relação entre a escola e entidades que desenvolvem projectos locais

“Ajuda a desenvolver as minhas actividades”

(...) porque, se calhar, é capaz de enriquecer um pouco mais aquilo que nós fazemos (...) (80D1)

“As propostas efectuadas à escola são interessantes”

Não aplicável

“Possibilita o acesso a recursos materiais e humanas”

(...) e esse artesanato era vendido. Havia a parte da exposição (...) E depois havia (...) a parte da venda que revertia a favor... da escola, era um apoio financeiro... o dinheiro que se fazia... (...) (33D1)

(...) às vezes o aceitar também é um bocadinho... pelas vantagens materiais que às vezes nos dão... para as actividades... (...) (116D1)

(...) e tentamos aproveitar estas... mais valias da Ludoteca... (...) (141D1)

(...) os meninos requisitam livros e no final costuma haver um espaço para jogos... (...) (142D1)

(...) tiro as fotocópias que quero, nem sequer há número limite... têm disponibilidade... (...) (458D1)

(...) dão material de limpeza, dão papel higiénico e essas coisas e depois temos 2.500\$00 para material de... de uso na escola... (...) (459D1)

(...) E eu, houve uma altura em que tive falta de um tinteiro para a impressora e disse assim: “ah, se vocês não se importassem eu não entregava a factura deste mês e juntava duas para comprar o tinteiro...” “Ah, faça lá, tudo bem... mesmo que tenha de ser mais 1.000\$00, ou coisa assim, esteja à vontade.. não pode ser mais porque as verbas são limitadas, mas não deixe lá de comprar o que tem falta...” (...) (460D1)

(...) Agora, no S. Martinho, compraram as castanhas, compraram essas coisas... (...) (461D1)

(...) Na festa de Natal, também não há limites para as prendas dos meninos... (...) (462D1)

(...) Penso que gostam de apoiar... (...) (463D1)

“Permite um trabalho conjunto entre as escolas”

(...) Sempre com esse espírito de partilha... (...) (51D1)

(...) Portanto, cada pessoa levava... (...) o que de melhor tinha feito, mas era um trabalho de um ano... (...) (29D1)

(...)Ia-se fazendo, fazendo e levava-se... cada escola tinha o seu cantinho... na exposição... (...) (30D1)

(...) E nessa altura, portanto... havia aquele entusiasmo, aquele realce por expor, para... (...) (43D1)

(...) Depois... no final do ano, havia uma exposição concelhia... (...) (28D1)

(...) até aí as pessoas trabalhavam de um modo mais individual (...) (38D1)

(...) não havia aquela motivação (...) fazia-se, ficava ali... (...) (39D1)

(...) E então com a Feira das Escolas começou-se a mostrar aos outros... a fazer-se e a pôr na parede... (...) (40D1)

(...) “Olha, eu faço assim, como é que tu fazes?” (...) (86D1)

(...) é sempre positivo... (...) (87D1)

(...) E dá outro ânimo aos professores (...) (88D1)

(...) Portanto, torna-se mais rico, embora a nossa criatividade... o nosso trabalho prático... pedagógico penso que é nosso... tem-se vindo a adquirir... Mesmo sem ser num projecto, sem ser nada de especial... nós falamos com as colegas... (...) (85D1)

“Há acesso a espaços de formação”

(...) E, se calhar, é capaz de haver um crédito, porque aquilo houve uma formação à volta daquilo... (...) (84D1)

(...) E este projecto dá créditos... portanto, um crédito, por cada ano... (...) (52D1)

(...) É considerado Oficina [*de Formação*] (...) (53D1)

(...) porque depois há uma parte também (...) entre os docentes (...) (...) e vem alguém do I.C.E. dar formação... (...) (54D1)

(...) Tem-se juntado um bocado aquilo que se fazia, com uma parte mais de reflexão, mais de formação... (...) (78D1)

“Permite trocar experiências”

(...) Havia a troca de experiências... (...) (34D1)

(...) e então fazia-se... “olha, eu fiz isto de positivo... achei que aconteceu isto, devia ter feito assim porque, se calhar, foi negativo ter seguido esta estratégia...” (...) (36D1)

“As entidades preocupam-se com as escolas”

Não aplicável

“A relação entre as escolas e as entidades tem vindo a melhorar”

(...) [*Sobre a relação da escola com outras entidades*] (...) Tem vindo a melhorar... (...) (456D1)

(...) Por exemplo, as Juntas de Freguesia estão mais... (...) agora são mais responsabilizadas pela manutenção das escolas (...) (457D1)

“Há muitas entidades locais a trabalhar com as escolas”

Não aplicável

“Traz visibilidade para o meu trabalho”

(...) Fazemos no dia a dia só que... (...) faz-se e não passa dali e com o tal projecto aquilo... vê-se mais no papel (...) (82D1)

(...) “A escola tal participou no projecto tal...” (...) (83D1)

“Permite reflectir conjuntamente”

(...) havia sempre, no final, um momento de reflexão... os professores, a inspecção, a delegação escolar na altura... (...) (35D1)

9. Reorganização curricular

“É importante haver flexibilidade”

Não aplicável

“A flexibilidade ajuda o trabalho do professor”

Não aplicável

“É fácil colocar em prática o Estudo Acompanhado”

Não aplicável

“O Estudo Acompanhado é uma necessidade”

Não aplicável

10. Aspectos de continuidade

“Pude continuar o projecto que estava a desenvolver”

(...) o das Escolas Isoladas era uma continuação... o ano passado tínhamos aceite e como começámos já a meio do ano... Começámos em Fevereiro... de Fevereiro a Junho, portanto... aquilo foi... o início. (...) (98D1)

(...) Eu, pessoalmente, pensei que o projecto seria mais consolidado se tivesse uma sequência

(...) (99D1)

“Já conheço bem as pessoas com quem trabalho”

Não aplicável

“Conheço bem a turma”

Não aplicável

“Fiquei na mesma escola”

Não aplicável

“Conheço bem alguns dos alunos”

Não aplicável

Evolução da perspectiva curricular ao longo da carreira

1. Início da carreira

1.1. Vivências

“A realidade encontrada era diferente do que eu pensava”

Não aplicável

“Estava cheia de medo”

Não aplicável

“Era uma optimista”

Não aplicável

“Era tudo muito confuso”

Não aplicável

1.2. Prática pedagógica

“Só pensava naquilo que tinha que ensinar”

(...) Quando comecei... a gente fazia a fichinha... tínhamos aquele programa de capa verde (...)
(409D1)

(...) Quando comecei, pronto... seguia-se aquilo (...) (410D1)

(...) No mês de Outubro dava-se o Corpo Humano e tal e tal e tal, pronto... planificava-se assim...
(...) (411D1)

(...) o programa em primeiro lugar... era aquele programa de capa verde, rectangular... (...)
(429D1)

(...) E na altura (...) a planificação que se fazia... (...) Nem sequer me interrogava... aos vinte e um
aninhos (...) Fazia tudo igual ao que fazia no Magistério... (...) (427D1)

(...) Sabia que tinha que ter... as planificações feitas, naquelas folhas muito grandes... Pensava...
“tenho que ter feito... ensinaram-me que eu tenho que ter isto...” (...) (428D1)

(...) Ah, mas era tanta escrita! (...) (430D1)

(...) Tinha que ser ali tudo tintim por tintim... (...) (431D1)

(...) mas, quer dizer... era uma coisa para estar ali... (...) (432D1)

“Utilizava muito os manuais escolares”

(...) Depois arranjava uns textos de acordo com aquilo, normalmente era em livros (...) (412D1)

“Era menos criativa”

Não aplicável

“Trabalhava mais de modo individual”

(...) até mesmo as festas de Natal, eram só com os meninos... (...) (415D1)

(...) com outras entidades não havia nada, não... (...) (416D1)

(...) Até mesmo... há catorze anos, quando vim para o concelho de Mértola, não havia nada... não havia Ludoteca, não havia Educação Física, não havia natação, não havia projectos da Oficina da Criança, não havia projectos do Clube Náutico... (...) (417D1)

“Saía pouco da sala de aula”

(...)Tudo fechado na sala de aula (...) (413D1)

(...) tudo fechado na sala de aula. (...) (414D1)

2. Momento actual

2.1. Vivências de cariz positivo

“Gosto daquilo que faço”

Não aplicável

“Tenho muito entusiasmo”

Não aplicável

“Estou mais paciente”

Não aplicável

“Tenho mais experiência”

Não aplicável

“Tenho mais à vontade”

Não aplicável

“Sinto-me com mais maturidade”

Não aplicável

“Sou mais activa”

Não aplicável

2.2. Vivências de cariz negativo

“Sinto-me muito cansada”

Não aplicável

“Sou muito ansiosa”

Não aplicável

“Ainda tenho pouca experiência”

Não aplicável

“Sinto-me desiludida”

Não aplicável

“Tenho indecisões”

(...) E dificuldades tenho, não digo que não tenho, tenho ao longo da vida indecisões... (...) (471D1)

(...) Penso que, se calhar, por ser uma pessoa responsável, sou capaz de achar sempre que sei menos “ai, se calhar não está bem...”(...) (472D1)

“Sinto-me desmotivada”

Não aplicável

3. Momentos considerados de mudança na sua prática

3.1. Identificação

“Tenho vindo a mudar”

(...) A realidade, os tempos... tudo se vai modificando... (...) (407D1)

“Mudei com o surgimento da Área-Escola”

(...) não houve grande mudança [*quando se trabalhava com os objectivos mínimos*] (...) A Área Escola, sim. (...) (440D1)

(...) Porque na Área Escola eram temas... temas... muito palpáveis, da nossa realidade... (...) (441D1)

(...) Lembro-me que em (...), o meu projecto de Área Escola tinha a ver com o pão... (...) (443D1)

(...) a Área Escola, para mim, foi qualquer coisa de válido! (...) (450D1)

(...) Já não era aquele livro seco (...) (451D1)

(...) o programa que a gente faz porque tem que fazer... (...) (452D1)

(...) Era já era qualquer coisa que se fazia com gosto, porque era ali, era a realidade daquela gente, daqueles meninos... (...) (453D1)

“Mudei com os Novos Programas, no início dos anos 90”

Não aplicável

“Mudei com a realização da Feira das Escolas (meados dos anos 80)”

(...) Aqui uma grande mudança foi a tal Feira das Escolas... com o inspector (...)... (...) (418D1)

(...) Foi o padrão, a mudança completa... (...) (422D1)

“Mudei com os Novos Programas, a seguir ao 25 de Abril”

Não aplicável

“Mudei, a partir do segundo ano de trabalho”

Não aplicável

“Comecei a ter mais autonomia com o novo modelo de gestão das escolas”

Não aplicável

“Mudei a partir do sétimo ano de trabalho”

Não aplicável

3.2. Razões atribuídas

“Estímulos dos alunos”

Não aplicável

“Mudamos com os colegas”

(...) Portanto, torna-se mais rico, embora a nossa criatividade... o nosso trabalho prático... pedagógico penso que é nosso... tem-se vindo a adquirir... Mesmo sem ser num projecto, sem ser nada de especial... nós falamos com as colegas... (...) (85D1)

“Aprendemos com a experiência que vamos acumulando”

Não aplicável

“Mudamos com as acções de formação que realizamos”

(...) Depois o Centro de Formação também foi qualquer coisa que... (...) pelo menos tentou ir ao encontro das dificuldades... para se mudar estratégias na sala de aula (...) (423D1)

“Mudamos pela nossa vontade em querer evoluir”

Não aplicável

3.3. Aspectos mudados na sua prática

“Diminuição da importância do manual escolar”

Não aplicável

“Valorização da relação com colegas/comunidade”

(...) Agora também se trabalha mais em conjunto... (...) (436D1)

(...) estas coisas de nós juntarmos todas as semanas e não sei quanto, também faz nós diferentes... (437D1)

(...) A ligação entre a escola e comunidade... para mim, foi a pessoa, o mensageiro dessa... dessa relação (...) (419D1)

(...) trazer os pais à escola e levar a escola à comunidade em geral(...) (420D1)

“Valorização das vivências dos alunos”

(...) A forma como nós planificamos agora... é uma planificação mais ao encontro... mais humana, mais pessoal. (...) (424D1)

(...) Portanto, a gente faz aquilo por prazer... (...) (425D1)

(...)Eu penso que se a gente não planificar, não consegue trabalhar (...) (426D1)

(...) E agora a gente planifica de uma outra forma... olha, em primeiro lugar, para os meninos... (...) (433D1)

(...) “ah, mas com estes meninos, isto é descabido...” ou “desta forma não chego lá, se calhar vou fazer assim, vou fazer assado...”(...) (434D1)

(...) Vamos arranjando as coisas a um nível mais pessoal, mais humanizadas... se é que se pode chamar assim...poder chamar... (...) (435D1)

“Valorização da participação dos alunos no processo de aprendizagem”

Não aplicável

“Mais à vontade na relação com os encarregados de educação”

Não aplicável

“Maior integração dos temas a explorar”

Não aplicável

“Diminuição da realização de actividades de carácter repetitivo”

Não aplicável

“Valorização das áreas de expressão”

Não aplicável

“Valorização dos instrumentos de avaliação”

Não aplicável

“Aumento da minha participação no desenvolvimento do currículo”

(...) para quem terminou o curso há dezassete anos... as coisas eram diferentes... portanto, exigia-se menos... não tínhamos que definir projectos... nem nada disso...(408D1)

“Valorização de outros espaços educativos, além da sala de aula”

Não aplicável

“Valorização da exposição do trabalho realizado”

(...) Há dezassete anos atrás... quando comecei... não se expunha (...) (41D1)

(...) o que se fazia não se expunha.... (...) (42D1)

(...) mostrar o que a escola faz... Foi uma mudança muito grande... (...) (421D1)

“Maior utilização das novas tecnologias”

Não aplicável

“Maior facilidade na organização dos grupos de trabalho dos alunos”

Não aplicável

3.4. Aspectos mudados nos alunos

“Diminuição do interesse dos alunos pela escola”

Não aplicável

“Aumento da indisciplina”

Não aplicável

3.5. Reflexão sobre as mudanças ao longo da carreira

“Ainda não tinha pensado nisso”

Não aplicável

“Gostei de falar sobre as minhas mudanças”

Não aplicável

“Costumo pensar acerca das minhas mudanças”

Não aplicável

4. Expectativas profissionais futuras

“Quero aprender mais”

(...) [Sobre a sua prática no futuro] (...) Continuar sempre a aprender! (...) (464D1)

(...) Ter esse espírito de pensar sempre que posso aprender mais... (...) (465D1)

(...) gostaria de sentir-me sempre com vontade de aprender, de nunca achar que sei o suficiente

(...) (473D1)

(...) e de haver também condições para eu poder aprender (...) (474D1)

“Gostava de continuar entusiasmada”

(...) Espero ter sempre assim um bocadinho de brilhozinho para continuar... (...) (470D1)

“Gostava de saber lidar melhor com os encarregados de educação”

Não aplicável

“Gostava de partilhar experiências profissionais”

(...) e que posso aprender sempre mais um bocadinho com a colega que está ao lado... (...) (466D1)

(...) aquilo que ela sabe de certeza que não é igual ao que eu sei (...) (467D1)

(...) É importante haver sempre uma troca com a colega do lado, não fechar.... (...) (468D1)

(...) Espero ter sempre esse espírito e de não me deixar cair um bocadinho em desânimo...
poderemos correr esse risco... (...) (469D1)

“Gostava de conseguir motivar mais os alunos”

Não aplicável

“Gostava de ter mais paciência com os alunos”

Não aplicável

“Quero fazer uma grande reflexão sobre o meu desempenho”

Não aplicável

Anexo IV
Quadros gerais de comparação de dados

Quadro geral de comparação de dados (Análise de conteúdo)

Tema	Enunciação	A			B			C			D			E			Total 1*	Total 2**		
		1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3				
Envolvimento na Reorganização Curricular	3. Atitude face aos novos documentos de trabalho																			
	3.1. Competências definidas																			
	“Não há grande diferença entre trabalhar com objectivos ou competências”		3				1						1	1			6	4		
	“Trabalhar com competências não vai trazer grande benefício”		1				5										6	2		
	“Estamos a organizar a definição das competências”		3							2							5	2		
	“Ainda não tenho opinião formada sobre o trabalho com as competências”		2					1									3	2		
	“Vamos ver quais serão as competências mínimas”		3														3	1		
	“É um trabalho muito importante”				3												3	1		
	3.2. Projecto Curricular de Escola																			
	“Houve uma mudança de nome”									3					1		4	2		
	“Ainda estamos a definir”								1								1	1		
	3.3. Projecto Curricular de Turma																			
	“Ainda não defini o projecto para a turma”		2	1	1	1	1	1	3	4	2	4	2	4		1	27	13		
	“Tenho dúvidas se irá ajudar a prática”			1					1	2			6				10	4		
	“É um documento formal”			2					2		2		3				9	4		
	“Acho que vai ser útil”										1			1			3	3		
	“Tenho um esquema dado por uma colega”										5						5	1		
	“Corresponde a um plano de actividades”														2		2	1		
	“Já está definido”														2		2	1		
	4. Atitude face às novas áreas não disciplinares																			
	4.1. Inovação face às práticas dos professores																			
	“Já se fazia Estudo Acompanhado”		4				1		2	1	4	8	1	1	2	1	1	26	11	
	“A Área de projecto já se praticava”		1			1	2		1	3	5			1	1	2	3	20	10	
	“A Formação Cívica já se praticava”			2			1			1	1	2		1	2	1	3	14	9	
	“As novas áreas já eram trabalhadas”		5	2	4		4					1	5	2		1	24	8		
	“As novas áreas trazem alguma inovação”		2									5	2		2		11	4		
	4.2. Repercussão na prática																			
	“Vão alterar pouco a minha prática”																			
	“Vou preocupar-me um pouco mais com estes aspectos”			3				2	2		3			2	1	2	2	17	8	
	“Já tenho um horário flexível estabelecido para as novas áreas”			3										1	8	2	2	6	22	6
	“Só a planificação é que vai mudar”		3								3						1	9	4	
	“Vou ter uma maior preocupação com os registos das actividades”		1							1							2	4	3	
	“Aproveito os momentos mais oportunos para trabalhar as novas áreas”				2							2						4	2	
	“Ainda não tenho horário pré-estabelecido para as novas áreas”			2			1											3	2	
	“Vou ter uma maior preocupação com os instrumentos de avaliação”			1						1								2	2	
																7		7	1	
	5. Actividades desenvolvidas nas novas áreas não disciplinares																			
	5.1. Estudo Acompanhado																			
	“São actividades de apoio individual para os alunos”		2	2			1		3			1	1			4	4	18	8	
	“Trabalhos de consulta de dicionários”		1			4						2			1			8	4	
	“Aprendem coisas que já aprendiam noutras áreas, mas de forma diferente”					2				1				1			3	7	4	
	“Trabalhos de pesquisa”											2		3			1	6	3	
	“Trabalho aspectos relacionados com a análise de textos”			2			2		1									5	3	
	“Preocupo-me com a organização dos materiais que utilizam”		1	2	1													4	3	
	“Procuro que utilizem materiais, relacionados com a área da Matemática”			2		1												3	2	
	“Procuro que saibam adaptar-se a novas situações”			1														1	1	
	5.2. Formação Cívica																			
	“Relaciona-se com a conduta humana”		1	4				3	2	1			5	1	4		1	3	25	10
	“Faço Assembleias de turma”			1					1						2			5	4	
	“Serve para se ouvirem uns aos outros”			1								1						2	2	
	5.3. Área de Projecto																			
	“Ainda não tenho nada pensado”			1	1								1					3	3	
	“Estamos a ver como é que vamos desenvolver esta área”			1								2						3	2	
	“Vamos fazer projectos a definir pelos alunos”														2			2	1	

(Continua)

*Total 1 - número de respostas dadas; **Total 2 - número de respondentes.

Anexo IV-4

Quadro geral de comparação de dados (Análise de conteúdo)

Tema	Enunciação	A			B			C			D			E			Total 1*	Total 2**
		1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3		
Envolvimento na Reorganização Curricular	6. Necessidades de mudança manifestadas																	
	6.1. Recursos nas escolas																	
	“Os alunos deviam estar numa escola maior “					6					6						12	2
	“Escolas melhor equipadas”		2								6						8	2
	“Mais recursos humanos”					2					1						3	2
	“Gostava de ter uma turma mais homogénea de alunos”					5											5	1
	6.2. Prática pedagógica																	
	“Mais trabalho em conjunto com os colegas”					1					1						4	4
	“Maior participação dos alunos no processo de aprendizagem”											7	3				10	2
	“Maior articulação entre as componentes local e nacional do currículo”										8						8	1
	“Provas de aferição que considerem os projectos das escolas”										5						5	1
	“Maior articulação entre o currículo dos quatro anos”					3											3	1
	“Maior articulação entre as áreas de cada ano”						3										3	1
	“Maior valorização da componente local do currículo”										1						1	1
	“Maior relevância do desenvolvimento das competências pessoais dos alunos”														1		1	1
“Mudança de método de aprendizagem da leitura e da escrita”						1										1	1	

*Total 1 - número de respostas dadas; **Total 2 - número de respondentes.

Anexo IV - 5

Tema	Enunciação	A			B			C			D			E			Total 1*	Total 2**
		1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3		
Práticas de avaliação	1. Avaliação efectuada individualmente pelo professor																	
	1.1. Modo de avaliar																	
	“Individualmente”	2	2		2	3	2			1		1			1	3	17	9
	“Em conversa, com colegas”	3	2	2	3		1			1					2		14	7
	“Registo por escrito”						3				1						4	2
	“Faço uma avaliação mais formal e outra mais prática, para me orientar”						4										4	1
	1.2. Periodicidade																	
	“No início do ano”				1	1		1									3	3
	“Diariamente”		2	2											2		6	3
	“Mensalmente”						1										1	1
	“No final de cada período”				1												1	1
	“No final do ano”	1		1				1		1							4	4
	1.3. Critérios utilizados																	
	“Aprendizagens efectuadas”	3	2				2			3							10	4
	“Proposta de alternativas”		2	2						1					1		6	4
	“Cumprimento dos objectivos”			1		1				2	1						5	4
	“Interesse dos alunos”	1	1														2	2
	2. Avaliação efectuada com os alunos																	
	2.1. Modo de avaliar																	
	“Em diálogo, com os alunos”		2	1	2		2		5		1	1	1	2		4	21	10
	“Preenchimento de grelhas”					2			1		1			2	1	1	8	6
	“Em Assembleia de turma”	1							1						1	4	7	4
	“Por escrito”										3			2			5	2
	“Através de desenho”										1						1	1
	2.2. Periodicidade																	
	“Semanalmente”	2					1	1							1		5	4
	“Mensalmente”														1		1	1
	“Trimestralmente”													1			1	1
“Ao longo do ano”					3											3	1	
2.3. Critérios utilizados																		
“Aprendizagens efectuadas”					2	1	1						2	1	1	8	6	
“Interesse dos alunos pelo trabalho que fazem”		3		1	1			1						1		7	5	
“Proposta de alternativas”					1			1						1	1	4	4	
“Modo de desenvolvimento das actividades”					1									1	1	3	3	
“Desempenho do professor”					1											1	1	
3. Avaliação efectuada com os colegas																		
3.1. Modo de avaliar																		
“Em conversa”	2	3		1			2	1	2			1				12	7	
“Nas reuniões de docentes”						3	3	3				1	4			14	5	
“Utilizamos grelhas”				1												1	1	
3.2. Periodicidade																		
“Vários momentos ao longo do ano”				1			1		3					1		6	4	
“No final do ano”	1		2						2					1		6	4	
3.3. Critérios utilizados																		
“Cumprimento de objectivos”	3	2		2	1	1		3						1		13	7	
“Aprendizagens efectuadas”	2			1			1	1								5	4	
“Proposta de alternativas”				1	1		2	1								5	4	

(Continua)

*Total 1 - número de respostas dadas; **Total 2 - número de respondentes.

Quadro geral de comparação de dados (Análise de conteúdo)

Tema	Enunciação	A			B			C			D			E			Total 1*	Total 2**
		1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3		
"Facilidades" sentidas	1. Relativas ao meio envolvente à escola	3			2	1				7							13	4
	"Pessoas muito participativas"						1		1	4	4						10	4
	"Há muitas semelhanças entre a realidade das escolas"	4															4	1
	"As pessoas são simpáticas"									1							1	1
	"As pessoas gostam que o professor desenvolva trabalhos sobre o meio"		1														1	1
	"O meio é pequeno"																	
	2. Relativas aos alunos																	
	2.1. Participação dos alunos na definição/organização das actividades																	
	"Trabalham com mais entusiasmo se participarem na def. das actividades"		4	3	2	5			1	2		1	1		1		20	9
	"Trabalham com mais entusiasmo se participarem na organização das actividades"				2	5			3				1		3		14	5
	"Os alunos sabem decidir as actividades a realizar"	1						1			1						3	3
	2.2. Participação dos alunos nas actividades desenvolvidas																	
	"Há alunos sem problemas de aprendizagem"	2	1		2	1	1	3		1	1			1			13	9
	"As turmas pequenas facilitam o trabalho"	2	3	1		2				1	1						10	6
	"Os alunos gostam de trabalhar com o computador"	2								2		2				3	9	4
	"Há alunos que têm facilidade em trabalhar de modo autónomo"																	
	"Há alunos bem comportados"		1							4		1					6	3
	"Nas turmas pequenas aprofundamos mais os temas"					2									2		4	2
	"As turmas grandes dão mais experiência de trabalho"					3											3	1
	"As turmas homogêneas facilitam o trabalho"						2										2	1
	"Os alunos conhecem bem o meio natural que os rodeia"										1						1	1
		1															1	1
	2.3. Interesse dos alunos por activ. conjuntas com outras turmas/escolas																	
	"Os alunos gostam de fazer actividades conjuntas"	1				2	4				3	4	3		2	3	22	8
	"Os alunos gostam de mostrar aos outros o seu trabalho"										4						4	1
	3. Relativas aos colegas																	
	3.1. Trabalho conjunto																	
	"É positivo trabalhar em conjunto"	3	6	2	2	1	1	1	2		4	3	1		6	1	33	13
	"Gosto de trabalhar em conjunto"	2	1			2	1		2	2	3	1	1		2	3	20	11
	"Aprende-se sempre quando se trabalha em conjunto"	3	1		1	1	3	5	1		5		5				25	9
	"Traz vantagens para as crianças"					2	1			1	3		1				8	5
	3.2. Troca de experiências/materiais																	
"A troca de experiências é importante"																		
"A avaliação efectuada com os colegas corresponde à realidade"	4		1	1	1										1	8	5	
"Troco materiais com colegas"					3	1										9	3	
"Os colegas têm dado apoio"			2					2				1				5	3	
	1														2	3	2	
4. Relativas aos encarregados de educação																		
"Pais interessados pela escola"	1	4	1			1			1				1	1		10	7	
"Pais satisfeitos com o trabalho do professor"	2		2	1		4	2			1						12	6	
"Pais muito participativos"	2		3	1						2				3		11	5	
"Boa relação com os encarregados de educação"	1				1								5			7	3	
"Os pais gostam que o professor desenvolva trabalhos sobre o meio"										2						2	1	

(Continua)

*Total 1 - número de respostas dadas; **Total 2 - número de respondentes.

Quadro geral de comparação de dados (Análise de conteúdo)

Tema	Enunciação	A			B			C			D			E			Total 1*	Total 2**
		1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3		
"Facilidades" sentidas	5. Relativas à formação																	
	"A minha formação deu valor ao protagonismo dos alunos nas aprendizagens"			1	1	1											3	3
	"Fiz uma acção vocacionada para a reorganização curricular"				1					1							2	2
	"Ajuda ter formação para os 1º e 2º ciclos"					1											1	1
	6. Relativas aos recursos																	
	"Temos professor para a Natação"			1		1											2	2
	"Temos professor para a Educação Física"			1						1							2	2
	"Tenho professora de apoio"											1		1		2	2	2
	"Vou ter um psicólogo(a)"	1															1	1
	"Ajuda ter computador e internet"	1															1	1
	7. Inexistência de horários pré-determinados																	
	"Permite escolher os momentos em que os alunos estão mais disponíveis para um trabalho"	1	2	1		2		2									8	5
	"Possibilita aproveitar melhor as oportunidades temáticas que surgem"	1	1														2	2
	"Permite trocar a ordem que estava planeada das áreas a trabalhar"	1															1	1
	"Permite ter mais tempo para determinadas matérias"			1													1	1
	8. Relativos à relação entre a escola e entidades que desenvolvem projectos locais																	
	"Ajuda a desenvolver as minhas actividades"	1	2	5		3		1	2	2	1	1	6		11		35	11
	"As propostas efectuadas à escola são interessantes"	1	4			1	3	2	2			2			1	2	18	9
	"Possibilita o acesso a recursos materiais e humanas"						3	1	2			9		7	10	5	37	7
	"Permite um trabalho conjunto entre as escolas"	1	5			1	1			1	11				1	21	7	7
	"Há acesso a espaços de formação"	1	5							5	2				2	1	16	6
	"Permite trocar experiências"	4								2							6	2
	"As entidades preocupam-se com as escolas"			5											1		6	2
	"A relação entre as escolas e as entidades tem vindo a melhorar"									2					3		5	2
	"Há muitas entidades locais a trabalhar com as escolas"			2		1											3	2
	"Traz visibilidade para o meu trabalho"									2							2	1
	"Permite reflectir conjuntamente"									1							1	1
	9. Relativas a aspectos da reorganização curricular																	
	"É importante haver flexibilidade"							5	1								6	2
	"A flexibilidade ajuda o trabalho do professor"	1				1											2	2
	"É fácil colocar em prática o Estudo Acompanhado"			2													2	1
	"O Estudo Acompanhado é uma necessidade"					2											2	1
	10. Relativas a aspectos de continuidade																	
	"Pude continuar o projecto que estava a desenvolver"							1			2				1	4	3	3
	"Já conheço bem as pessoas com quem trabalho"				1										6	7	2	2
	"Conheço bem a turma"						2							2		4	2	2
	"Fiquei na mesma escola"					3										3	1	1
	"Conheço bem alguns dos alunos"					2										2	1	1

*Total 1 - número de respostas dadas; **Total 2 - número de respondentes.

Anexo V
Quadros de resumo dos dados

Formação Contínua (Resumo)

Formação contínua	Total 1*	%	Total 2**	%
Cursos/Ações de formação				
Quantidade	24	14,6	14	93,3
Áreas de formação	42	25,6	13	87,7
Importância atribuída	56	34,2	12	80,0
Total	122	74,4	---	---
Autoformação				
Total	42	25,6	11	73,3
Total geral	164	100,0	---	---

*Total 1 - número de respostas dadas (respostas múltiplas); **Total 2 - número de respondentes.
N= 15.

Experiências mais significativas do percurso profissional (Resumo)

Experiências mais significativas do percurso profissional	Total 1*	%	Total 2**	%
Trabalho desenvolvido com os alunos				
Total	6	12,2	4	26,7
Trabalho desenvolvido com outros colegas				
Total	13	26,5	3	20,0
Trabalho desenvolvido com colegas, sob proposta de outra entidades				
Total	11	22,4	5	33,3
Trabalho desenvolvido com superiores hierárquicos/orientadores de estágio				
Total	19	38,8	4	26,7
Total geral	49	100,0	---	---

*Total 1 - número de respostas dadas (respostas múltiplas); **Total 2 - número de respondentes.
N= 15.

Prática curricular (Resumo)

Prática curricular	Total 1*	%	Total 2**	%
Referenciais de desenvolvimento curricular				
Currículo nacional	99	6,9	15	100,0
Vivências dos alunos	106	7,4	13	86,7
Rotinas de trabalho adquiridas	15	1,0	6	40,0
Total	220	15,3	---	---
Parceiros curriculares				
Directos	86	6,0	14	93,3
Outros	69	4,8	14	93,3
Total	155	10,8	---	---
Trabalho individual do professor				
Áreas mais valorizadas	40	2,8	7	46,7
Áreas menos valorizadas	7	0,5	3	20,0
Modo de planificar	69	4,7	15	100,0
Periodicidade da planificação	47	3,3	14	93,3
Total	163	11,3	---	---
Estratégias de trabalho				
Total	97	6,7	15	100,0
Modalidades de trabalho				
Total	94	6,5	14	93,3
Recursos utilizados				
Uso de Manuais escolares	102	7,1	15	100,0
Outros recursos utilizados	111	7,7	15	100,0
Total	213	14,8	---	---
Trabalho definido com os parceiros curriculares				
Objectivos	42	2,9	12	80,0
Áreas mais valorizadas	130	9,0	14	93,3
Periodicidade	35	2,4	12	80,0
Total	207	14,3	---	---
Formas de colaboração com os parceiros curriculares				
Parceiros curriculares directos	189	13,1	15	100,0
Entidades que desenvolvem projectos locais	104	7,2	15	100,0
Total	293	20,3	---	---
Total geral	1442	100,0	---	---

*Total 1 - número de respostas dadas (respostas múltiplas); **Total 2 - número de respondentes N= 15.

Envolvimento na reorganização curricular (Resumo)

Envolvimento na reorganização curricular	Total 1*	%	Total 2**	%
Práticas de flexibilidade curricular				
Procura de materiais mais adequados	33	5,1	10	66,7
Organização temática	83	12,8	11	73,3
Utilização de práticas diferenciadas	9	1,4	4	26,7
Agrupamento de alunos	28	4,3	9	60,0
Utilização de outros espaços de aula	21	3,2	7	46,7
Total	174	26,8	---	---
Atitude face ao apelo de flexibilização curricular				
Total	68	10,5	13	86,7
Atitude face aos novos documentos de trabalho				
Competências definidas	26	4,0	7	46,7
Projecto Curricular de Escola	5	0,8	3	20,0
Projecto Curricular de Turma	58	8,9	14	93,3
Total	89	13,7	---	---
Atitude face às novas áreas não disciplinares				
Inovação face às práticas dos professores -	95	14,6	14	93,3
Repercussão na prática	68	10,5	13	86,7
Total	163	25,1	---	---
Actividades desenvolvidas nas novas áreas não disciplinares				
Estudo Acompanhado	52	8,0	13	86,7
Formação Cívica	32	5,0	11	73,3
Área de Projecto	8	1,2	5	33,3
Total	92	14,2	---	---
Necessidades de mudança manifestadas				
Recursos nas escolas	28	4,3	4	26,7
Prática pedagógica	36	5,5	8	53,3
Total	64	9,8	---	---
Total geral	650	100,0	---	---

*Total 1 - número de respostas dadas (respostas múltiplas); **Total 2 - número de respondentes.
N=15.

Práticas de avaliação (Resumo)

Práticas de avaliação	Total 1*	%	Total 2**	%
Avaliação efectuada individualmente pelo professor				
Modo de avaliar	39	11,9	11	73,3
Periodicidade	15	4,6	10	66,7
Critérios utilizados	23	7,0	8	53,3
Total	77	23,5	---	---
Avaliação efectuada com os alunos				
Modo de avaliar	42	12,8	13	86,7
Periodicidade	10	3,0	6	40,0
Critérios utilizados	23	7,1	9	60,0
Total	75	22,9	---	---
Avaliação efectuada com os colegas				
Modo de avaliar	27	8,2	10	66,7
Periodicidade	12	3,7	5	33,3
Critérios utilizados	23	7,1	8	53,3
Total	62	19,0	---	---
Avaliação efectuada com as outras entidades				
Modo de avaliar	29	8,8	11	73,3
Periodicidade	15	4,6	9	60,0
Critérios utilizados	23	7,0	11	73,3
Total	67	20,4	---	---
Avaliação efectuada com os encarregados de educação				
Modo de avaliar	36	11,0	10	66,7
Periodicidade	11	3,2	7	46,7
Total	47	14,2	---	---
Total geral	328	100,0	---	---

*Total 1 - número de respostas dadas (respostas múltiplas); **Total 2 - número de respondentes.
N=15.

**Problemas/dificuldades sentidos
(Resumo)**

Problemas/dificuldades sentidos	Total 1*	%	Total 2**	%
Meio envolvente à escola				
Total	33	3,8	9	60,0
Prática pedagógica				
Total	22	2,6	9	60,0
Alunos				
Alunos com vivências limitadas	58	6,7	11	73,3
Alunos com dificuldades/problemas de aprendizagem	148	17,3	14	93,3
Total	206	24,0	---	---
Trabalho conjunto com os colegas				
Total	22	2,6	8	53,3
Encarregados de educação				
Total	61	7,1	12	80,0
Falta de formação				
Total	65	7,6	12	80,0
Recursos				
Materiais	97	11,3	14	93,3
Humanos	11	1,3	6	40,0
Total	108	12,6	---	---
Reorganização curricular				
Quantidade de inovações	103	12,0	15	100,0
Indefinição de projectos	46	5,2	10	66,7
Flexibilidade curricular	23	2,7	8	53,3
Morosidade	25	3,0	7	46,7
Gestão do tempo	24	2,8	7	46,7
Total	221	25,7	---	---
Relação entre a escola e entidades que desenvolvem projectos locais				
Total	96	11,2	11	73,3
Aspectos de continuidade				
Total	26	3,0	8	53,3
Total geral	860	100,0	---	---

*Total 1 - número de respostas dadas (respostas múltiplas); **Total 2 - número de respondentes.
N=15.

**“Facilidades” sentidas
(Resumo)**

“Facilidades” sentidas	Total 1*	%	Total 2**	%
Meio envolvente à escola				
Total	29	5,8	6	40,0
Alunos				
Participação na definição/organização das actividades	37	7,4	12	80,0
Participação nas actividades desenvolvidas	49	9,7	13	86,7
Interesse por actividades conjuntas com outras turmas/escolas	26	5,2	8	53,3
Total	112	22,3	---	---
Colegas				
Trabalho conjunto	86	17,1	14	93,3
Troca de experiências/materiais	25	5,0	8	53,3
Total	111	22,1	---	---
Encarregados de educação				
Total	42	8,4	12	80,0
Formação				
Total	6	1,2	4	26,7
Recursos				
Total	8	1,6	6	40,0
Inexistência de horários pré-determinados				
Total	12	2,4	5	33,3
Relação entre a escola e entidades que desenvolvem projectos locais				
Total	150	29,9	14	93,3
Reorganização curricular				
Total	12	2,4	5	33,3
Aspectos de continuidade				
Total	20	4,0	6	40,0
Total geral	502	100,0	---	---

*Total 1 - número de respostas dadas (respostas múltiplas); **Total 2 - número de respondentes.
N=15.

Evolução da perspectiva curricular ao longo da carreira (Resumo)

Evolução da perspectiva curricular ao longo da carreira	Total 1*	%	Total 2**	%
Início da carreira				
Vivências	12	2,7	5	33,3
Prática pedagógica	39	8,9	9	60,0
Total	51	11,6	---	---
Momento actual				
Vivências de cariz positivo	61	13,8	10	66,7
Vivências de cariz negativo	21	4,8	6	40,0
Total	82	18,6	---	---
Momentos considerados de mudança na sua prática				
Identificação	62	13,5	12	80,0
Razões atribuídas	97	21,3	13	86,7
Aspectos mudados na sua prática	106	23,2	13	86,7
Aspectos mudados nos alunos	8	1,8	2	13,3
Reflexão sobre as mudanças ao longo da carreira	10	2,2	6	40,0
Total	273	62,0	---	---
Expectativas profissionais futuras				
Total	34	7,7	6	40,0
Total geral	440	100,0	---	---

*Total 1 - número de respostas dadas (respostas múltiplas); **Total 2 - número de respondentes.
N=15.